

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em História**

VINÍCIUS VASCONCELLOS SANTOS

A BATALHA DE SEATTLE: UMA PRIMAVERA?

**Niterói
2018**

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em História

VINÍCIUS VASCONCELLOS SANTOS

A BATALHA DE SEATTLE: UMA PRIMAVERA?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em História.

Área de concentração: História Contemporânea

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Cecília da Silva Azevedo.**

Niterói

2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

S237b Santos, Vinícius Vasconcellos
A Batalha de Seattle: Uma Primavera? / Vinícius
Vasconcellos Santos ; Cecília da Silva Azevedo, orientadora.
Niterói, 2018.
161 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2018.m.12639579789>

1. História dos Estados Unidos. 2. Movimento Social. 3.
Organização Mundial do Comércio. 4. Internet. 5. Produção
intelectual. I. Título II. Azevedo, Cecília da Silva,
orientadora. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto
de História.

CDD -

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Curso de Graduação em História**

VINÍCIUS VASCONCELLOS SANTOS

A BATALHA DE SEATTLE: UMA PRIMAVERA?

BANCA EXAMINADORA

.....
Professora Doutora Cecília da Silva Azevedo (Orientadora)
Universidade Federal Fluminense

.....
Professor Doutor Thaddeus Blanchette (Arguidor)
Universidade Federal Fluminense

.....
Professor Doutor Sean Purdy (Arguidor)
Universidade de São Paulo

.....
Professor Doutor Rodrigo Farias (Suplente)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Niterói
2018

*Para minha tia e minha mãe.
Serão sempre elas.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu não poderia deixar de agradecer a minha tia Sandra e a minha mãe Márcia. Cresci em uma família de educadoras, onde as mulheres por muitas vezes tomaram as rédeas e fizeram tudo. Mulheres fortes, honestas, sempre presentes. Não consigo imaginar minha vida sem elas, já que devo a elas tudo que sou.

Serei eternamente grato também ao meu companheiro Marcelo Fadda por toda a paciência e apoio irrestrito. Caminhar ao seu lado torna a vida muito mais doce e, é fato notório, o meu amor por doces.

Outro exemplo que vou levar para minha vida de ser humano, mulher, professora, amiga é o da minha querida orientadora Cecília Azevedo. Desde a graduação, uma grande companheira e, sem ela, esse trabalho não teria existido.

Aos meus queridos Renan, Giovana, Renata e Fernanda por todos os momentos divididos, por toda a oferta de ajuda e por todas as palavras de carinho e abraços que, sem, eu não teria sobrevivido.

À minha querida prima-irmã Lara por todo o amor compartilhado.

Aos meus irmãos Vitor e Gustavo que, sem hesitar, dividiram comigo o peso das obrigações e responsabilidades que tive que assumir nos últimos anos.

Ao meu querido sobrinho e afilhado, Noah. Te ver sorrir e crescer me dá forças.

Aos professores da Qualificação, Thaddeus e Andrea, por terem dado dicas essenciais a continuação desse trabalho.

Aos professores da Defesa, Thaddeus, Sean e Rodrigo, por aceitarem e dedicarem seu precioso tempo a esse trabalho.

A todos vocês, meu muito obrigado!

RESUMO

Entre os dias 29 de novembro e 03 de dezembro de 1999, Seattle sediou a 3ª Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC) e recebeu autoridades e oficiais de diversos governos. Para além das discussões econômicas envolvidas, a data, apelidada também de N30 (referente ao primeiro dia da conferência, 30 de novembro), foi marcada por um grande movimento social contra a OMC, que durou por quase toda a semana. Os protestos logo ofuscaram o encontro da OMC, trazendo para as ruas milhares de pessoas, num grupo extremamente heterogêneo, com manifestantes que tinham perspectivas políticas distintas. Os protestos persistiram por vários dias e foram marcados por diversas atividades, momentos de extrema criatividade e também por momentos de confusão e confronto entre policiais e ativistas. Muito além de denunciar o avanço das políticas neoliberais defendido pela OMC, da globalização e do capitalismo, esse movimento, também apelidado de Batalha de Seattle, marcou a história da tradição de dissenso americana, deixando um legado que influenciou diversos movimentos sociais daquele momento em diante e, vale dizer, em vários sentidos, já que introduziu novidades, como veremos, caracterizando-se assim como uma primavera.

Palavras-chave: História dos Estados Unidos – Movimento Social – Organização Mundial do Comércio – Dissenso – Internet.

ABSTRACT

Between November 29 and December 3, 1999, Seattle hosted the 3rd Ministerial Conference of the World Trade Organization (WTO) and received officials from various governments. In addition to the economic discussions involved, the date, also dubbed N30 (referring to the first day of the conference, November 30), was marked by a major social demonstration against the WTO, which lasted for most of the week. The protests soon overshadowed the WTO meeting, bringing thousands of people into the streets in an extremely heterogeneous group with demonstrators who had different political perspectives. The protests persisted for several days and were marked by various activities, moments of extreme creativity and also by moments of confusion and confrontation between police and activists. In addition to denouncing the advance of neoliberal policies advocated by the WTO, globalization and capitalism, this movement, also dubbed the Battle of Seattle, marked the history of the American dissent tradition, leaving behind a legacy that influenced several social movements from that moment on and, that is to say, in several senses, since it introduced novelties, as we shall see, thus characterizing itself as a spring.

Keywords: United States History - Social Movements - World Trade Organization – Dissent – Internet.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I: Cenário e Atores	24
1. A Década de 1990 e os Impactos Políticos da Tecnologia	24
2. Os diversos atores da Batalha de Seattle	42
3. A tática Black Bloc e seu uso na Batalha de Seattle	46
4. A Batalha de Seattle: planejamento e execução	51
Capítulo II: Lentes Teóricas e o <i>WTO History Project</i> : história e memória	67
1. Globalização e a Política Cibercultural	67
2. Memória de Lugares de Memória	77
3. História do Tempo Presente	85
4. As Entrevistas	96
Capítulo III: O Documentário como Fonte: Produzindo um Registro e Construindo uma Narrativa Autônoma para Seattle	116
1. Aspectos Técnicos e Metodológicos	116
2. Imagens Coercitivas e o Discurso da Mídia <i>Mainstream</i>	125
3. Memória, Monumento e Documento	127
4. O Documentário	132
5. O Documentário como voz	146
Conclusão	149

1. Dissenso Norte-Americano.....	149
2. Transnacionalismo, Internet e Outras Questões	152
3. Afinal, foi Primavera?	154
Bibliografia	157

DISSERTAÇÃO

A Batalha de Seattle: Uma Primavera?

Introdução

Entre os dias 30 de novembro e 02 de dezembro de 1999, Seattle sediou a 3ª Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC) e recebeu autoridades e oficiais de diversos governos. Para além das discussões econômicas envolvidas, a data, apelidada também de N30 (referente ao primeiro dia da conferência, 30 de novembro), foi marcada pelo início de um grande movimento social contra a OMC. Os protestos logo ofuscaram o encontro da OMC, trazendo para as ruas milhares¹ de pessoas, num grupo extremamente heterogêneo, com manifestantes que tinham perspectivas políticas distintas. Os protestos persistiram por vários dias e foram marcados por diversas atividades, momentos de extrema criatividade e também por momentos de confusão e confronto entre policiais e ativistas. Muito além de denunciar o avanço das políticas neoliberais defendido pela OMC, da globalização e do capitalismo², esse movimento, também apelidado de Batalha de Seattle³, marcou a história da tradição de dissenso americana, deixando um legado que influenciou

¹ Estimativas apontam um número entre 15.000 e 50.000 participantes. Esses números variam muito, inclusive tendo estimativas de mais pessoas. Disponível em: <http://www.globalissues.org/article/46/wto-protests-in-seattle-1999>. Acesso em: 04/5/2014.

² Por ter sido um movimento que reuniu diversas bandeiras, ficou difícil definir/ privilegiar uma demanda específica. Cada grupo envolvido levava uma bandeira específica. O que foi percebido, no entanto, é que todos os grupos, mesmo distintos, levantavam também bandeiras contra as políticas da OMC, a globalização, o capitalismo e os efeitos das suas políticas no geral. Sendo assim, resolvi trabalhar com essas demandas que, acredito, tenham sido as mais marcantes naquele momento, apesar de serem bem gerais.

³ Existe também um filme com esse título, de 2007, mas resolvi usa-lo aqui pelo impacto que o vocábulo traz.

diversos movimentos sociais daquele momento em diante e, vale dizer, em vários sentidos, já que introduziu novidades, como veremos.

Uma das maiores novidades e também um aspecto que marcou o protesto foi o uso da internet. A internet tem se mostrado um grande recurso em prol dos movimentos sociais e a Batalha de Seattle foi um dos grandes primeiros exemplos disso⁴. Além de facilitar as já conhecidas táticas que faziam parte do repertório de ações dos movimentos no que tange, por exemplo, à organização, a internet também ajudou a criar novas formas de protestos⁵. É claro que a internet era muito diferente de como vemos hoje e o uso dela, como consequência, foi um pouco diferente de como vimos em movimentos mais recentes, com o Occupy Wall Street em 2011, movimento esse que estudei na monografia⁶. No entanto, isso não impediu que a internet assumisse papéis importantes durante as mobilizações em Seattle.

Um dos aspectos em que a internet mostrou sua força em Seattle foi através da lista de distribuição StopWTORound, que permitiu aos assinantes receberem notícias frequentes do movimento e estar em contato com os acontecimentos, mesmo que estivessem a quilômetros de distância⁷. Graças à internet, ativistas não precisam estar no mesmo lugar para participarem de um mesmo movimento ou até mesmo de um protesto. Pessoas e também instituições, no plano nacional ou internacional, puderam participar de diversos momentos do movimento anti-OMC, desde sua concepção e organização meses antes até o dia 30 de novembro e depois.

No sentido de também ajudar a informar e, principalmente, de combater a cobertura midiática mainstream americana, que naquele momento não era favorável ao

⁴ O primeiro movimento a usar a internet dessa forma foi, na verdade, o Movimento Zapatista no México em 1994. No entanto, Seattle foi mais expressivo e teve grande alcance midiático, não apenas nos EUA.

⁵ VAN LAER, J. & VAN AELST, P. Internet and Social Movement Action Repertoires: Opportunities and Limitations. **Information, Communication & Society**, vol. 13, n.08, dez. 2010.

⁶ SANTOS, Vinícius V. **Occupy Wall Street, da Web as Ruas**. Monografia. Niterói: UFF, 2013.

⁷ George, S. Comment l'OMC Fut Mise en Échec. *Le Monde Diplomatique*, Paris, jan. 2010.

movimento, vimos também surgir em Seattle o primeiro centro de mídia independente, o Indymedia. Logo, outros IMC (sigla em inglês para Independent Media Centre) surgiram, criando assim uma rede de informações online e alternativa. O IMC em Seattle envolveu voluntários, fossem esses fotógrafos, alguém que tinha gravado um vídeo e repórteres amadores, já que não eram exigidas credenciais. As informações eram todas divulgadas no site da Indymedia⁸.

Através das informações divulgadas online, foi possível também realocar grupos de manifestantes de acordo com o movimento da polícia. Não obstante, o uso da internet não se limitou apenas a esses casos de organização e informação. Nos casos acima, a internet foi usada como forma de suporte para as ações nas ruas, ou seja, como suporte para as ações off-line e também, é claro na divulgação de informações, mas o uso da internet pode ser identificado tanto como no uso off-line (as formas tradicionais de organização) e também em eventos puramente on-line, segundo Van Laer e Van Aelst, assim criando novos modos de ação. Ainda segundo esses autores, apesar da distinção (e as distinções existem, de fato) feita entre as ações off-line e on-line, existem casos em que as distinções entre as ações baseadas na internet e as ações apenas apoiadas pela internet são muito permeáveis e sutis, como o caso de petições via e-mails, que são extensões de uma forma de ação já existente.

A própria lista StopWTORound poderia ser citada como um exemplo de como as distinções são permeáveis e sutis, já que foi muito usada para disseminar informação por pessoas que usualmente não saíam às ruas, mas muitas dessas pessoas podem também ter divulgado o movimento face a face, caracterizando também uma ação off-line. Sendo assim, fica difícil fazer tal distinção na maioria dos casos, já que ambas as

⁸ SMITH, Jackie. Globalizing Resistance: The Battle of Seattle and the Future of Social Movements. **CLS Working Paper**, nº14, Suny Brook, 2001.

esferas tornam-se interdependentes⁹. O que pode ser afirmado, nesse sentido, é apenas que em determinados casos pode acontecer de uma esfera predominar sobre a outra. Como exemplo de ação puramente online, todavia, pode-se citar o caso em que o site WTO foi tirado do ar naquele dia 30 de novembro. Um servidor de um site suporta apenas um determinado número de acessos. Sendo esse número de acessos excedido, o site sai do ar e foi exatamente isso que aconteceu naquele dia, quando milhares de ativistas, não estando todos necessariamente em Seattle, acessaram o site em questão e, o servidor não suportando aquele número de acessos, levou o site a sair do ar.

É claro que, apesar de ser uma valiosa ferramenta, a internet também tem suas limitações. A primeira e talvez uma das maiores delas é a falta de acesso a ela e sua desigual distribuição ao redor do mundo. Sabemos que hoje a internet já alcança parte do mundo¹⁰ e tem um número também grande de utilizadores, mas se pensarmos no momento em que se deu o encontro da OMC em Seattle, o acesso era bem mais precário. Além da limitação física ao acesso, a internet em si era diferente naquele momento. Grandes ferramentas que hoje facilitam a circulação de ideias, como as tão conhecidas mídias sociais (sejam elas blogs, sites de notícias ou até mesmo as redes sociais, como o facebook) existiam num formato embrionário e completamente

⁹ Bimber, B. (2000) 'The study of information technology and civic engagement', Political Communication, vol. 17, no. 4, pp. 329–333.

¹⁰ Os dados encontrados variam um pouco de uma fonte para outra, mas ainda assim são próximos. Achei um infográfico que traz diversas informações gerais sobre a internet e seu uso no ano de 2013 e ele está disponível em: <http://www.thecultureist.com/2013/05/09/how-many-people-use-the-internet-more-than-2-billion-infographic/> e foi acessado em 10/5/2014. Um outro site traz dados da internet desde o ano de 1995 e é interessante pois permite ver a evolução do número de usuários, disponível em: <http://www.internetworldstats.com/emarketing.htm> e acessado em: 10/5/2014. O site da CIA também traz informações sobre o número de usuários de internet em cada país, o Brasil, inclusive, consta em 4º lugar. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2153rank.html> e acessado em: 10/5/2014. O que pôde ser apurado é que cerca de 35% da população mundial tinha acesso a internet em 2012 (em 2014 a estimativa é de cerca de 40%) e que o acesso à internet na América do Norte atingia a 78,6% da população daquela região. Na América Latina/Caribe (conforme é delimitado na fonte) esse número cai para 42,9% da população. O lugar com a pior distribuição regional seria a África, com apenas 15,6% da população com acesso. Em 1999, o número de usuários ao redor do mundo era de apenas 4,1%.

diferente e menos prático do que os formatos atuais¹¹. As formas mais populares de comunicação naquela época eram as salas de chat e fóruns de discussão, “lugares” onde as pessoas podiam se reunir por afinidades e dialogar a respeito, e até os blogs já brotavam na rede. Hoje essas ferramentas ainda existem, mas perderam espaço principalmente para as redes sociais mais modernas, espaço onde ideias, notícias ou até mesmo “memes” circulam com velocidade espantosa. Dessas ferramentas mais antigas, o blog é o único que se mantém popular.

A internet apresenta também outras limitações¹², como citarei em seguida: a vigilância e repressão não deixam de existir na internet, já que assim como qualquer indivíduo, agências de inteligência e representantes da polícia podem ter acesso a informações disponíveis online e assim direcionar uma possível ação baseada naquelas informações; outro exemplo é que a internet torna tão fácil organizar certos eventos (veja o caso de diversos eventos no facebook) que muitas pessoas simplesmente não os levam a sério ou não se sentem motivados o suficiente para sair da internet e participar efetivamente. Esse último detalhe traz à tona um outro problema, o de que a internet talvez fosse incapaz de gerar laços fortes entre os ativistas envolvidos em algum movimento, mas há discordâncias nesse tópico. E, além disso, existem aqueles que não usam a internet para fazer política, ignorando o uso dessa ferramenta nesse sentido. Mas é inegável que a discussão política online cresceu muito nos últimos anos¹³.

¹¹ Considerei como mídia social qualquer forma de comunicação na qual um indivíduo pode se expressar de forma descentralizada e com um controle editorial menor. As mídias sociais são diversas, desde sites de notícias, a blogs, Wikipédia e até as redes sociais como Facebook e Youtube. É claro que rede social e mídia social apresentam distinções, mas elas são muito interdependentes quando se trata do mundo da internet e é difícil dissociá-las. O facebook é, primeiramente, uma rede social com a finalidade de proporcionar contato entre as pessoas, mas ele acaba funcionando como uma mídia também, onde notícias, textos, vídeos, relatos etc são divulgados com facilidade, daí a minha afirmação da interdependência entre elas.

¹² Ibidem nota 5.

¹³ DAVIS, R. *Politics Online: Blogs, Chatrooms and Discussion Groups in American Democracy*. Nova York: Routledge, 2005.

O aspecto mais importante e a ferramenta mais usada em manifestações, entretanto, não é a internet. A internet, como descrito nos parágrafos acima, foi e ainda é uma ferramenta valiosa, ajudou a criar novas formas de pensar, dialogar e agir e, com o caso da “Batalha de Seattle”, foi possível ver a internet em ação nesses sentidos, mas em momento algum ela toma o lugar do ato de tomar as ruas e, em momento algum, ela tira o poder do espaço físico, este sim talvez as maiores ferramentas das manifestações. E é justamente analisando esse aspecto é que começamos a ver as associações do movimento em Seattle com seus antecessores dentro da tradição de dissenso liberal-left americana. A partir dessa simples associação, podemos observar e retomar alguns aspectos em que Seattle se alinhou a um imaginário e de filosofia política que podem ser associados a essa tradição de dissenso americana e, em outros, em que inovou.

O primeiro deles, já citado acima de forma introdutória, é o ato de tomar as ruas. Esse ato faz parte do repertório de ações de movimentos sociais há muito tempo e continua presente, além de ser uma longa tradição americana. Para elucidar essas afirmações, usarei dois artigos bem recentes e bem posteriores ao movimento em Seattle que, apesar de lançados em datas distantes, têm muito em comum com Seattle. Ambos os artigos surgiram no contexto do Occupy Wall Street, movimento que acontecia em Nova York no final de 2011.

O primeiro deles é um artigo do The New York Times¹⁴ que trata justamente sobre o que já adiantei acima: o poder do espaço. O autor afirma que, independente do advento das novas mídias, o poder do espaço continua insubstituível, muito devido ao fato de que o espaço se relaciona muito facilmente com a memória, tendo o poder de

¹⁴ KIMMELMAN, M. In Protest, the Power of Place. The New York Times, Nova York, 15 out. 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/10/16/sunday-review/wall-street-protest-shows-power-of-place.html?pagewanted=all> . Acesso em 14 mai. 2014.

assombrar e também estimular nossa imaginação, guardar e acionar memórias e, assim, guardar também poder político.

O outro artigo que vale citar aqui, em contrapartida, do *The Nation*¹⁵, revista que tem um alinhamento ideológico distinto do *The New York Times*. Nesse artigo, o autor trata da questão de sair às ruas, ocupá-las. O autor afirma que o Occupy faz parte de uma antiga tradição bem conhecida nos Estados Unidos: o povo na rua – marchas, manifestações, assembleias improvisadas, que o historiador Gordon S. Wood descreve como ação extra-legislativa pelo povo que não achou alternativa institucional para suas demandas e queixas. Ainda que o artigo tenha sido escrito pensando no Occupy Wall Street de 2011, não é difícil associa-lo com o N30 de Seattle.

Ora, o ato de tomar as ruas também pode ser facilmente associado ao fenômeno da desobediência civil, fenômeno esse constante em ações coletivas de viés político e cultural e estudado em ensaio homônimo¹⁶ por Hannah Arendt nos anos 60, discutindo o texto de Thoreau que lança o conceito do século XIX e pensando seu uso no contexto dos anos 1960. Atos como marcha nas ruas, com cartazes e bonecos, as correntes humanas criadas para impedir o acesso dos participantes do encontro da OMC, até o fato de negarem a se identificarem aos policiais (“jail solidarity”, solidariedade de prisão, como chama o autor)¹⁷ podem ser enquadrados como atos de desobediência civil, muitos desses usados durante os movimentos pelos direitos civis dos anos 60, contra a Guerra do Vietnam, movimento pacifista e tantos outros.

Nesse sentido, vale retomar brevemente a questão do uso da internet, já que ela possibilitou a desobediência civil on-line. Smith, já citado aqui, a chama de

¹⁵ BRECHER, Jeremy. *The People Out Of Doors: Change You Can Believe In*. *The Nation*, Nova York, 21 out. 2011. Disponível em: <http://www.thenation.com/article/164116/people-out-doors-change-you-can-believe> . Acesso em: 14 mai. 2014.

¹⁶ ARENDT, Hannah. *Desobediência Civil*. IN: _____. *Crises da República*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

¹⁷ *Ibidem* nota 7, p.14.

desobediência civil eletrônica¹⁸ e dá como exemplo o que ele chama de “ocupação virtual” do site da OMC, como já expliquei acima, quando centenas de ativistas acessaram o site do OMC para que este, devido ao excesso de acessos, saísse do ar; ou quando um hacker criou um site falso que parecia com o do OMC num primeiro momento, mas que na verdade era extremamente crítico ao OMC. Já Van Laer e Van Aelst, ambos também já citados aqui, a tratam da mesma forma, mas acrescentam outros nomes: “hacktivism” ou “cyberterrorism”, afirmando que, no entanto, a maioria dos ativistas que seguem esse fenômeno se identifica mais com o termo desobediência civil, já que os outros trariam consigo uma visão estereotipada desse tipo de ação.

Eu incluiria na lista acima o termo “cyberactivism”, que identifiquei durante minha pesquisa anterior, já que o termo tem basicamente o mesmo significado. No entanto, não concordo com a ideia de que esses termos têm necessariamente associados a eles uma imagem negativa, a ponto dos próprios autores negarem esse tipo de vocabulário. Vejo “cyberactivism” e “hacktivism” também como forma de desobediência civil eletrônica e livre de qualquer sentido pejorativo. O que acontece, e acontece com frequência, é que atos relacionados à desobediência civil, em geral, são repetidas vezes associados a vandalismo, “confusão” e crimes por um observador na tentativa ou de deslegitimá-los ou até por certa ingenuidade (não conhecer o movimento a fundo, suas demandas, quem participa dele, etc). Os indivíduos que participam dessas ações, coletiva ou individualmente, não são vândalos ou criminosos. São contestadores civis. A exceção aqui vai para o termo “cyberterrorism”, que acaba sendo imbuído de todo a condenação moral pesada associada à palavra “terrorismo”, principalmente nos Estados Unidos, e acaba trazendo assim um sentido pejorativo. Quem poderia fazer esse tipo de associação, entretanto, seriam as autoridades, agências de inteligência e polícia.

¹⁸ Ibidem nota 7, p.15.

O Occupy, por exemplo, foi taxado de terrorista em investigação do FBI que vazou para a internet alguns meses depois do acampamento ter acabado.

A não-violência, retomando Arendt, é parte fundamental das ações envolvendo a desobediência civil, mas também podemos associar algumas ações diretas com a desobediência civil, bem como ações diretas podem também usar a não-violência¹⁹. As duas não necessariamente indicam a mesma coisa, mas em alguns casos podem convergir. O que é relevante, nesse caso, é que ambas, tanto não-violência quanto ação direta, fazem parte do vocabulário e do imaginário do dissenso americano faz tempo e foram amplamente usadas em Seattle, assim como por outros movimentos ao longo da história, como, por exemplo, os movimentos dos anos 60, já citados, que usavam de ações diretas não violentas contra a corrida armamentista, perseguição política e segregação racial²⁰.

Apesar dos confrontos que aconteceram em Seattle, a violência nunca é intencionada por grande parte dos manifestantes. Smith afirma que a reação mais pesada da polícia começou contra os grupos que formavam correntes humanas barrando o caminho dos participantes do encontro da OMC. A uma ação completamente pacífica, a resposta da polícia foi violenta. Outras ações não violentas se desenvolveram durante todo o tempo nas manifestações, de palestras em espaços como igrejas e escolas, a fim de educar os cidadãos a respeito dos danos causados pelas políticas da OMC, por exemplo; ao ato que houve na abertura do encontro, no qual alguns ativistas que conseguiram credenciais subiram no palco e fizeram um discurso para os presentes; até

¹⁹ A desobediência civil muitas vezes ultrapassou o paradigma da não violência/resistência pacífica. Isso depende também de quem analisa. Os grupos pacifistas históricos do século XIX não aceitavam nem a legítima defesa. Nos anos 60, destruir cartões de alistamento, sem ferir ninguém, foi criticado por grupos tradicionais do movimento pacifista como recurso inaceitável. Em suma, o sentido de não violência e violência – o limiar entre eles foi sempre muito disputado no seio do próprio movimento e fora dele. Há também a distinção entre violência simbólica e física, cujo limiar também é debatido. Mas é importante frisar que a desobediência civil faz parte da cultura política estadunidense desde os seus primórdios.

²⁰ SOUSA, Rodrigo Farias de. *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

mesmo o caso de “jail solidarity”, já citado anteriormente, pode ilustrar um exemplo aqui de uma ação não-violenta da tradição de dissenso americana. Para finalizar essa questão, vale dizer que o coletivo Direct Action Network (Rede de Ação Direta), um dos grupos mais ativos durante os protestos, organizou meses antes treinamentos de ações não-violentas com seus participantes²¹.

Vale esclarecer agora sobre os grupos que compuseram os protestos em Seattle. Se existe uma palavra para definir a composição do movimento em Seattle, talvez a mais prudente seja heterogeneidade. Os atos foram compostos por diversos grupos, coletivos, associações e organizações, cada uma com perfil ideológico específico. Mas também incluíram pessoas que não se identificavam com nenhum desses grupos (alguns com já algum tempo de formação) já conhecidos, e muitos nem mesmo se identificariam, num primeiro momento, com a tradição de dissenso e cultura ativista associados a tais atos. Participaram desses atos, por exemplo, estudantes, grupos de idosos, líderes religiosos, moradores de Seattle sem ativismo prévio, pessoas de cidades próximas e de diversos países e também ativistas dos mais variados tipos, como: sindicalistas, ambientalistas, pacifistas, defensores dos direitos humanos, radicais, opositores ao capitalismo e a globalização, opositores as políticas da OMC, em geral; além de organizações e coletivos, como: Direct Actions Network, Public Citizen, Global Exchange, Greenpeace, sindicatos locais e nacionais (AFL-CIO, por exemplo). Alguns desses grupos também organizaram assembleias a fim de agrupar esse contingente heterogêneo de participantes, sendo a mais importante a People’s Assembly, que funcionava através da democracia direta (todos votavam através de sinais com as mãos) e de decisões por consenso. Como pode-se notar, grupos dos mais distintos, mas com um objetivo comum naqueles dias: lutar contra a OMC.

²¹ Ibidem nota 6.

Outro aspecto interessante no que tange os grupos participantes foi a reaproximação da AFL-CIO com os ambientalistas, que ficou conhecida como Sweeney-Greenie. Clara referência ao nome do presidente da gigante sindical com um apelido dos defensores do meio-ambiente (“greenie” vem de green, verde em português) a aproximação foi benéfica para o ato, já que, desde a Guerra do Vietnam, sindicatos e ambientalistas vinham se enfrentando politicamente. Para o movimento sindical estadunidense, até então, ecologia significava perda de empregos²².

Como citado acima, um importante fórum e também assembleia deliberativa de Seattle, a People’s Assembly, funcionava através da democracia direta e do consenso. É importante dizer que a decisão por consenso está intimamente relacionada à ideia de democracia direta. Sendo assim, vale lembrar que essa ideia de democracia direta tem raízes profundas na história americana. Anteriormente, foi largamente usada durante o movimento pelos direitos civis e também pela SDS (Students for a Democratic Society – Estudantes por uma Sociedade Democrática).

A criatividade e inovação apresentadas nos atos também foram frequentes e marcaram o movimento em Seattle. Como registrado anteriormente, o ato de tomar as ruas faz parte de uma longa tradição de dissenso, mas a forma como isso se deu em Seattle foi, de certa forma, mais amplo. Mas o que exatamente eu quero marcar como criativo, inovador e irreverente? É fácil perceber isso com rápidas análises de fotos sobre os atos que podemos encontrar na internet. O coletivo Direct Action Network organizou apresentações de teatro de rua, algumas com fantoches e fantasias; alguns ambientalistas vestiram-se de animais, como o exemplo das tartarugas; as correntes humanas formadas para impedir o acesso das autoridades da OMC; e ato em que os ativistas do Greenpeace jogaram camisinhas com o slogan “practice safe trade”

²² Ibidem nota 6.

(pratique comércio seguro). Todos esses atos ilustram a inovação no repertório de performances, trazendo clima de festa/festival irreverente para as ruas naqueles dias em Seattle, como comentei acima²³. Ainda não uma novidade na cena do dissenso daquele país, em Seattle esses recursos se sobressaíram em número e tamanho.

O caráter transnacional apresentado pelo movimento em Seattle também pode ser listado como uma inovação. Algumas das instituições (organizações, grupos ou coletivos) que apoiaram e participaram dos atos nas ruas de Seattle naqueles dias já apresentam estruturas transnacionais, contribuindo assim para esse aspecto no movimento. Antes do encontro da OMC, abaixo-assinados correram o mundo, estimulados por algumas dessas instituições transnacionais. Já na semana do encontro, Seattle recebeu dezenas de delegações estrangeiras para participar do movimento, como por exemplo delegações da França e do Canadá. O movimento foi, por fim, verdadeiramente transnacional, aspecto esse que também passa a ser cada vez mais comum nos movimentos sociais recentes e, vale dizer, também muito facilitado pelo uso da internet.

Como afirmado no início, esse movimento de Seattle marcou a tradição de dissenso americana. Além de ter extrapolado as fronteiras nacionais no que diz respeito à adesão de pessoas, ele conseguiu reunir milhares de pessoas nas ruas de Seattle durante o encontro da OMC. Nesse sentido também, foi extremamente bem sucedido naquilo que se propôs: denunciou os abusos da OMC e suas políticas absurdas, “abriu os olhos” de milhares de pessoas ao redor do mundo e, não menos importante, conseguiu atrapalhar a reunião da OMC daquele ano, que, por fim, acabou não trazendo

²³ O clima de festival, no entanto, não foi exclusivo de Seattle se lembrarmos do Human Be In, por exemplo, evento em San Francisco na década de 60. O destaque em Seattle foi a dimensão bem maior que ganhou.

nenhuma mudança para o comércio²⁴. Sendo assim, é impossível não olhar para Seattle como um grande marco. Tanto assim que seu repertório de ações e forma de organização foram e são aplicados em movimentos ainda hoje, como o exemplo do Occupy Wall Street de 2011. É impossível não pensar em Seattle ao estudar o Occupy.

Esse trabalho, então, visa estudar Seattle justamente como o marco que foi tanto para a tradição de dissenso norte-americana, como para o repertório de ações de movimentos sociais, principalmente no que tange ao uso da internet, sem dúvida uma ferramenta muito presente em Seattle e que hoje tornou-se indispensável para comunicação e também para fazer política. Os quase 15 anos desde os acontecimentos em Seattle tornaram o campo fértil para esse tipo de ação e abriram as portas para as discussões e produções acadêmicas nesse sentido, de movimentos sociais e suas relações com a internet. Isso nos permite, hoje, olhar para o movimento em Seattle com um aparato teórico-metodológico mais amplo, ainda que incompleto. Hoje, movimentos sociais organizados como em Seattle tornaram-se mais constantes e fortes, seguindo a herança deixada pelo parente mais velho. Sendo assim, é possível olharmos para Seattle com mais atenção. Tendo estudado anteriormente um movimento tão próximo política, ideológica e estruturalmente similar ao de Seattle, acredito ser possível fazer paralelo entre esses dois aspectos de verdadeira importância em Seattle: a tradição de dissenso e o uso da internet, com tudo aquilo que traz de novo. Ambos têm cada vez mais se

²⁴ Segundo notícia da época, o encontro da OMC daquele ano foi um fracasso, tanto dentro do centro de convenções, quanto fora. Foi um fracasso fora devido a repercussão negativa que pairou sobre a OMC após as intensas manifestações, que além de barrarem negociações, também levantaram acusações contra a OMC. Quanto ao fracasso dentro do reunião, esse se deu devido ao fato de que nenhuma medida foi aprovada, em partes devido as manifestações, mas claramente existiram outros motivos. Naquela reunião da OMC, EUA e as potências europeias queriam colocar em pauta medidas que favoreciam majoritariamente produtos e mercados internos. Países em desenvolvimento, muitos do hemisfério sul, tentavam barrar esses avanços, sentindo-se prejudicados. Também não conseguiram expandir seus comércios para o norte, para os já protegidos mercados da grandes potências. Os delegados dessas nações do sul, segundo a notícia, reclamaram da estrutura das reuniões e de como as pautas eram votadas, sempre em grupos pequenos. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/esp_seattle_rodad_03.12.htm e <http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=117>. Acesso em: 21/09/2014).

relacionado na formação dos novos movimentos sociais e, observando Seattle, é possível ver essa tendência em seu início.

Para dar conta disso, o trabalho foi dividido em três capítulos: Capítulo I – Cenário e Atores; Capítulo II – Lentes Teóricas e as Entrevistas do *WTO History Project*; o Capítulo III - O Documentário como Fonte: Produzindo um Registro e Construindo uma Narrativa Autônoma para Seattle; e a Conclusão no final.

O Capítulo I tratará de contextualizar a década de 1990 nos Estados Unidos e as políticas externas do governo, principalmente da gestão de Bill Clinton. É necessário fazer esse tipo de discussão para entender o “caldeirão” que se formou em Seattle no final da década. Na outra parte do capítulo, serão discutidos os atores que formaram a Batalha de Seattle, além de um histórico da organização e execução dessa grande manifestação.

No Capítulo II, será feita uma discussão teórica sobre alguns temas que perpassaram essa pesquisa. O último item do capítulo trará algumas das entrevistas selecionadas dos principais atores da Batalha, entrevistas essas disponíveis no *WTO History Project*. Sobre o *WTO History Project* é importante mencionar que foi um projeto de pesquisa acadêmica amplo da Universidade de Washington e que reuniu muito material sobre a Batalha de Seattle e constituiu como fonte importantíssima para esse trabalho. Entre o material disponível, temos entrevistas (algumas das quais selecionadas para serem destacadas nesse texto), depoimentos, artigos, imagens, listas, entre outros documentos gerais, todos no site do projeto, ainda funcional em sua maior parte.

No Capítulo III estará presente uma discussão teórica sobre documentário, imagens e a História para, em seguida, ser estudado o documentário *Showdown In Seattle* do *Independent Media Center* de Seattle. E, por fim, virá a conclusão.

Capítulo I:

Cenário e Atores

1. A Década de 1990 e os Impactos Políticos da Tecnologia

Ao alvorecer da década de noventa, o mundo preparava-se para enfrentar grandes mudanças. Chegava ao fim a Guerra Fria e, ano seguinte, é eleito o democrata William Jefferson Clinton para a presidência dos Estados Unidos. Bill Clinton, como ficou conhecido, foi o primeiro presidente após o fim da Guerra Fria, também foi o primeiro democrata depois de doze anos de republicanos no poder e o primeiro democrata a se reeleger em mais de 40 anos, desde Franklin D. Roosevelt²⁵. A administração de Bill Clinton ainda hoje divide opiniões entre os americanos, mas fato é que a política do democrata, principalmente sua política econômica externa, vai acabar por influenciar, direta e indiretamente, grandes partes das mudanças dessa década. Apesar de cercado de escândalos, Clinton conseguiu, naquele momento, desenvolver sua política externa, focando-se no livre comércio, e deixou como legados, por exemplo, o NAFTA (*North American Free Trade Agreement* ou Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) e a OMC (Organização Mundial do Comércio), além de investir pesado na globalização, na economia global, e no que ele chamou de "era da informática": satélites, televisão à cabo, celulares e, o principal de todos, a internet. Quanto a esse último aspecto, para sermos bem específicos, Clinton não poderia estar mais certo.

²⁵ FERREIRA, Ana Gomes. *Os Anos que Passaram por Bill Clinton*. **Público**, Lisboa, 06 nov. 2000.

Hoje vivemos num mundo onde esse tipo de tecnologia é muito presente, fazendo parte do nosso dia-a-dia em todos os âmbitos e esferas da nossa vida. Evidente é que toda essa tecnologia se desenvolveu muito desde o momento em que Bill Clinton foi presidente, mas é preciso olhar para aquele momento e entender como essa tecnologia e, principalmente, seus usos, se desenvolveram

A Guerra Fria, por mais que tenha apresentado momentos de tensões entre as duas superpotências que dividiram o mundo, mostrou um engajamento da política externa dos Estados Unidos. A hegemonia norte-americana, como parte desse sistema bipolar existente naquele período, permitiu a construção de uma ordem internacional com alguma previsibilidade sob a liderança dos Estados Unidos. Nesse mesmo sentido, o outro componente da política externa norte-americana foi a contenção, que implicava o seguinte: a contenção do comunismo e, consecutivamente, da União Soviética e a expansão das democracias liberais e de mercado.²⁶

Esses objetivos conseguiram, naquele momento, alinhar o poder executivo, legislativo, suas agências e a opinião pública em prol dessa política externa que, conseqüentemente, se tornou efetiva, levando os Estados Unidos a alcançar seus alvos: restringir o poder soviético e o comunismo, que ficaram restritos a certas áreas de influência, e aumentar a própria influência norte-americana.

O fim da Guerra Fria, segundo Pecequilo, causou diversas alterações na estrutura de poder. O desaparecimento das tensões bipolares foi visto, devido ao otimismo do momento, como o nascimento de uma época de paz e de cooperação entre as nações e, inclusive, antigas sociedades comunistas aderindo à democracia de livre mercado. No

²⁶ PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A Política Externa dos Estados Unidos: Continuidade ou Mudança?*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

entanto, para a autora, essa era uma época de longa transição e pelo aumento de indefinições e incertezas²⁷.

Apesar da longa transição, das indefinições e dos momentos de otimismo ou de pessimismo, é importante notar, como a autora demonstra, que as organizações internacionais de segurança, política ou economia criadas pelos Estados Unidos continuam intactas e funcionando, ainda que a efetividade das funções possam ser questionadas. Entre elas, ela cita a OTAN, o Fundo Monetário e Internacional e o Banco Mundial.

O fim da Guerra Fria pode ter significado o fim da União Soviética e a vitória dos Estados Unidos e seu modelo de democracia de livre-mercado, mas isso não quer dizer que essa vitória tenha sido simples. Ela teve seu custo. E outras preocupações começaram a despontar mundo a fora, como terrorismo, tráfico internacional de drogas e armas, a imigração. Nesse mesmo período, começaram a circular hipóteses sobre o declínio norte-americano, baseadas em dados sobre a economia americana e também no debate interno sobre a perspectiva dos Estados Unidos conseguirem ou não manterem-se na liderança do sistema internacional. “Os Estados Unidos gastavam muito em suas ações internacionais e investiam pouco em educação, bem-estar, pesquisa e competitividade (...) Em curto espaço de tempo, o país havia passado de maior credor a devedor”²⁸.

Para alguns autores, como Thomas G. Paterson, apesar de ser evidente que o capitalismo e a democracia liberal estavam em ascensão, a Guerra Fria não tinha

²⁷ Ibidem nota, 54 p.248 e 249.

²⁸ Ibidem nota 26, p.255.

apresentado nenhum ganhador. Tanto União Soviética, quanto os Estados Unidos saíram dela muito enfraquecidos²⁹.

Para Samuel P. Huntington, no período pós-Guerra Fria, passou a existir apenas um superpoder, os Estados Unidos da América. Até esse ponto, a informação já é conhecida. Mas isso não queria dizer que o mundo seria unipolar. Para esse autor, o mundo seria uni-multipolar, um sistema híbrido, com um superpoder, no caso os EUA, e outros diversos grandes poderes, que seriam grandes poderes regionais³⁰.

É nesse contexto de pós-Guerra Fria, como já chamado atenção no início desse capítulo, que Bill Clinton (1993 a 1999) assume a presidência dos Estados Unidos, após George Bush (1989 a 1992), o último presidente em tempos de Guerra Fria e que liderou os Estados Unidos imediatamente após o fim da mesma.

Visando apagar uma imagem desgastada e de fraqueza, logo num primeiro momento, Clinton, através do Assessor de Segurança Nacional Anthony Lake, decide mudar o paradigma da contenção presente na política internacional dos anos anteriores, como já explicado anteriormente. A ordem agora era de engajamento e expansão. Segundo Lake, eles haviam contido uma ameaça global às democracias de mercado e chegara o momento de expansão dessas democracias de mercado³¹.

No entanto, apesar de algumas vitórias, como a execução bem-sucedida da Rodada Uruguaia do GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) e a implementação do Nafta (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), por exemplo³², o processo de recuperação de liderança ainda era lento e assim se manteve durante os primeiros quatro

²⁹ PATHERSON, Thomas G. *Superpower Decline and Hegemonic Survival*. In: MERRIL, Dennis; PATERSON, Thomas. *Major Problems in American Foreign Relations, Volume II: Since 1914*. Boston: Houghton Mifflin, 2000.

³⁰ Ibidem nota 57, p.628.

³¹ Ibidem nota 26, p.311.

³² Ibidem nota 26, p.313.

anos do Governo Clinton, quando ficou claro um padrão inconsistente e um declínio da liderança norte-americana³³.

E, apesar de Clinton estar disposto a mudar e começar seu segundo mandato como uma nova equipe de política externa, mantendo as tendências positivas obtidas no final de seu primeiro mandato, Pecequilo afirma que ele continuaria agindo apenas em resposta aos acontecimentos, “estando preso à retórica idealista e à falta de pragmatismo”³⁴

Quanto à opinião pública, os norte-americanos se mantiveram internacionalistas, em grande parte, com uma base de apoio similar a do período da Guerra Fria. Segundo a autora, o que mudou foi o direcionamento desse internacionalismo defendido por grande parte da opinião pública: nesse momento com Clinton, eram sempre para políticas externas que defendiam interesses domésticos: desempenho da economia norte-americana, segurança contra ameaças transnacionais, entre outras.

É importante deixar claro que, apesar dessas críticas pertinentes ao direcionamento da política externa dado por Clinton, os seus anos como presidente não foram só de críticas. Devido a forma como o presidente lidava com essas questões, na forma como liderou a OTAN, como respondeu às crises e ao que elencou como prioridades, Pecequilo afirma que um número significativo de países estava numa fase que ficou conhecida como Doutrina Clinton³⁵, uma doutrina de intervenção humanitária, que tinha como prioridades a prevenção de guerras e conflitos. Como era muito difícil impedir o surgimento desses conflitos, os Estados Unidos estavam dispostos a fazer valer princípios como a não-agressão e os direitos individuais.

³³ Ibidem nota 26, p.319.

³⁴ Ibidem nota 26, p.324.

³⁵ Ibidem nota 26, p.329.

Nem sempre a internet foi tão presente no dia-a-dia das pessoas e, para entender suas origens, é preciso falar mais uma vez da Guerra Fria. A internet surgiu durante a Guerra Fria como uma ferramenta militar para ajudar os militares dos Estados Unidos a manterem a comunicação, quando os outros meios convencionais fossem impossíveis de usar. Nas décadas de setenta e oitenta, o uso se expandiu para o meio acadêmico também norte-americano. Mas foi justamente na década de noventa, considerada a “era da informática”, como já foi citado acima, que a internet decolou, principalmente a partir do surgimento da World Wide Web e dos principais navegadores, como o Internet Explorer³⁶. Esse desenvolvimento, vale citar, se deu majoritariamente também nos Estados Unidos. A abrangência da internet na década de 1990 estava em 0,4% da população mundial, quando começou a ser feito esse tipo de registro em 1995, e alcançou o número de 4,1% em dezembro de 1999³⁷, sendo que em 1995 mais de 50% desses internautas se concentrava nos Estados Unidos³⁸. Apenas em junho de 2017 que a internet atingiu a maior parte da população mundial, chegando a 51,7% de pessoas ao redor do globo. Ainda assim, e ainda hoje, numa distribuição muito desigual, conforme mostram as estatísticas.

Clinton participou, de certa forma, do entusiasmo com essas novas tecnologias na década de noventa. Além disso, no que tange à política econômica, Bill Clinton investiu no livre comércio, em acordos que o favorecessem, atuou na criação do

³⁶ Uma pesquisa rápida no principal buscador da internet traz resultados similares sobre o início da internet. Disponível em <https://www.suapesquisa.com/internet/>. Acesso em 26/09/2017.

³⁷ Os dados encontrados variam um pouco de uma fonte para outra, mas ainda assim são próximos. Achei um infográfico que traz diversas informações gerais sobre a internet e seu uso no ano de 2013 e ele está disponível em: <http://www.thecultureist.com/2013/05/09/how-many-people-use-the-internet-more-than-2-billion-infographic/> e foi acessado em 26/09/2017. Um outro site traz dados da internet desde o ano de 1995 e é interessante pois permite ver a evolução do número de usuários, disponível em: <http://www.internetworldstats.com/emarketing.htm> e acessado em: 26/09/2017. O site da CIA também traz informações sobre o número de usuários de internet em cada país, o Brasil, inclusive, consta em 6º lugar no ano de 2014. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2153rank.html> e acessado em: 26/09/2017.

³⁸ RIBEIRO, Gustavo Lins. *Política cibercultural: ativismo político à distância na comunidade transnacional imaginada*. IN: Sonia E. Alvarez, Evelina Dagnino, Arturo Escobar (orgs). Belo Horizonte Editara UFMG, 2000.

NAFTA, da OMC, incentivou a economia global, a globalização. Como é fácil notar, muito do que foi intencionado para a política doméstica envolve diretamente a política externa, o que enfatiza essa característica do governo de Clinton. Segundo o próprio, nesse momento a antes bem definida linha entre política doméstica e política externa agora estava embaçando³⁹.

Termos como “globalização” e “livre comércio”, além de outros similares, se repetiram algumas vezes nos parágrafos anteriores, mas não são meros termos que se repetem em um discurso, mas processos complexos, investidos evidentemente com uma carga ideológica, que se repetiram não apenas nos EUA e, dessa forma, acabaram por influenciar as mudanças daquela década de 1990. Ocorreram a criação a partir de tratados do NAFTA e da OMC, de instituições que serão importantes por afirmarem o paradigma do livre-comércio como estratégia fundamental daquela diplomacia econômica naquele momento e, por isso, gerariam reações das mais diversas nos cidadãos norte-americanos daquele período. E, arrisco dizer, ainda geram reações nos mais diferentes cidadãos em muitos países ao redor do globo. O que quero evidenciar aqui é que, como tudo que altera a vida do cidadão e como toda grande mudança, isso levou ao descontentamento de diversas camadas da população norte-americana, culminando, no final da década de 1990, com um grande movimento conhecido, dentre outros nomes, como a Batalha de Seattle⁴⁰.

Muitas dessas mudanças evidenciadas na década de 1990 são fruto das grandes transformações que aconteceram naquele momento, destacando-se os avanços tecnológicos: computadores mais poderosos, comunicação mais rápida e eficiente e a

³⁹ MERRIL, Dennis; PATERSON, Thomas. *Major Problems in American Foreign Relations, Volume II: Since 1914*. Boston: Houghton Mifflin, 2000, p.609.

⁴⁰ Stanley Aronowitz afirma que a Batalha de 1999, na verdade, foi a segunda Batalha de Seattle. O autor lembra que a primeira teria acontecido oitenta anos antes, em 1919, quando os trabalhadores da cidade adotaram uma greve geral. Evento esse, segundo Aronowitz, amplamente ignorado por historiadores. (ARONOWITZ, Stanley. *Reflections On Seattle 1999*. New York, 2009.)

própria Internet. Segundo os autores Atkinson e Court, vários rótulos surgiram para se referir àquela década, como por exemplo “economia da informação”, “economia de rede”, “economia digital”. Para os autores, era a “Nova Economia”⁴¹, algo que reunia todas as aspectos acima. Naquele momento, havia uma nova configuração, mas ainda muitas incertezas e exigiam dos jogadores mundiais flexibilidade, velocidade e inovação.

Uma das principais, talvez a maior, mudança política e econômica dessa década e do século XX foi o “crescimento rápido da globalização econômica (ou interdependência) entre os países”⁴². As economias internacionais passaram a ter grande impacto nas políticas domésticas e na vida das pessoas, ao mesmo passo em que se tornavam cada vez mais interligadas. Para Immanuel Wallerstein, essa seria uma era de transição, não apenas no sentido do avanço da globalização, mas uma transição para todo o sistema-mundo capitalista⁴³.

Nesse sentido, os Estados Unidos, como superpoder dominante, tomaram a liderança desse novo modelo econômico que vinha surgindo. Para tal, foram criadas a partir de 1945, instituições que passarão a ter uma centralidade maior na diplomacia comercial do Pós-Guerra Fria, como já apontado⁴⁴. Foram elas: Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, o Acordo Geral de Tarifas e Comércio, esse último que se transformaria, no governo de Clinton, na Organização Mundial do Comércio.

Fica evidente, então, que os assuntos referentes a comércio e globalização ganharam grande interesse público naquele período nos Estados Unidos, devido à

⁴¹ ATKINSON, R. & COURT, R. *The “New Economy” of the 1990s*. IN: GRIFFITH, R. & BAKER, P. *Major Problems in American History Since 1945*. Boston: Houghton Mifflin, 2001.

⁴² BENNET, Andre & SHAMBAUGH, George. *Taking Sides: Clashing Views on Controversial Issues in American Foreign Policy*. Dubuue: McGraw-Hill/Dushkin, 2006, p.260.

⁴³ WALLERSTEIN, Immanuel. *O Declínio do Poder Americano*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, p.53

⁴⁴ Ibidem nota 70, p.261.

grande importância dada à questão⁴⁵ naquele momento, principalmente pelo governo norte-americano. A questão da globalização esteve tão presente na política econômica externa de Bill Clinton que a revista *Foreign Policy* chamou Clinton de “*Globalization President*”⁴⁶. Segundo esse artigo, Clinton percebeu bem cedo, muito antes de outros líderes mundiais, que a globalização não era apenas uma “palavra da moda”. Ainda afirma que a presidência de Clinton coincidiu com um momento histórico de convergência tecnológica e tendências políticas: a internet, mercado livre e fronteiras porosas, todos avançavam. Todos esses fatores, juntos, facilitaram um nível nunca antes visto de integração global. Sendo assim, Clinton não quis deixar os Estados Unidos a mercê dessas inovações e movimentou-se no sentido de controlá-las para favorecer o seu país. É a partir daí que, segundo esse artigo, o presidente dirige seus esforços na criação dessas instituições globais e de livre comércio já citadas nos parágrafos acima.

Rodrigo Cezar chama atenção para o papel da globalização de duas maneiras: “1) aumentando a saliência de questões relacionadas à economia internacional no campo da política doméstica e 2) representando os interesses norte-americanos de manutenção de uma economia aberta”⁴⁷. É crucial, nesse momento então, enfatizar a importância que a globalização atinge nos debates de política externa, principalmente nos debates internos, já que isso fará com que cidadãos americanos se tornem mais ativos e participativos nas avaliações, discussões e cobranças que serão feitas dessas novas políticas aplicadas pelo governo federal. O próprio autor afirma que o fim da Guerra Fria e do mundo dividido entre as duas superpotências, permitiu que os Estados

⁴⁵ CEZAR, Rodrigo Fagundes. *A Política Internacional do Governo de Bill Clinton (1993-2000)*. IV Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa San Tiago Dantas. São Paulo, 2013.

⁴⁶ *Clinton's Foreign Policy*. **Foreign Policy**, Washington, 2000.

⁴⁷ *Ibidem* nota 45, p. 6 e 7.

Unidos voltassem sua atenção para outros tipos de políticas, no caso aqui as políticas econômicas externas.

Cezar continua sua análise, baseando-se em formulações teóricas do período, e traz mais informações pertinentes a minha análise. Ele também associa as políticas de Clinton a outros dois termos: geoeconomia e expansão democrática. No que tange ao estudo da geoeconomia da região, o autor traz a informação de que, a partir daquele momento, a arma tinha se tornado o capital e penetração em mercados e não mais gases e bases militares. Quanto à expansão democrática, Cézar escreve:

“Com relação à expansão democrática, os autores que escreveram após o fim do primeiro mandato de Clinton consideram, mais comumente, ter havido uma “Doutrina Clinton” (DUMBRELL, 2006, BRINKLEY, 1997), baseada no Engajamento e Expansão. Essa estratégia e a promoção da democracia de livre mercado eram parte do objetivo americano de promover seus interesses econômicos e melhorar a competitividade e desempenho do país (COX; IKENBERRY; INOGUSHI, 2000, p.78). Brinkley (1997, p. 117), por exemplo, mostra que a estratégia de promoção da democracia por parte de Clinton tinha como base a ideia de que países com uma classe-média desenvolvida, orientada para o consumo e com apetite para os produtos americanos poderiam auxiliar os EUA a consolidar um período de paz e prosperidade nacional.”⁴⁸

Através dessas análises, percebe-se uma outra faceta da globalização, mas que também era intencionada pela administração dos Estados Unidos. Os Estados Unidos, como única superpotência restante após o término da Guerra Fria, ainda mantem-se

⁴⁸ Ibidem nota 45, p. 8.

interessado em permanecer como tal, ao contrário do discurso defendendo um mundo multipolar. Com investimentos menores em áreas militares⁴⁹, a Casa Branca passa a investir em outras formas de manter-se no topo. Em tempos de paz, nada promoveria mais prosperidade entre países do que o comércio, além da própria paz⁵⁰. Nesse sentido, o presidente Bill Clinton conseguiu ver na globalização e nas políticas econômicas externas de livre mercado o espaço necessário para isso.

A globalização, portanto, teve e ainda tem um lado sombrio e também trouxe para o centro dos debates essas questões. Na década de 1990, essas questões vão gerar tensões e conflitos políticos e ideológicos, como o exemplo maior da Batalha de Seattle no final daquela década.

O primeiro fator negativo da globalização, para os norte-americanos, é a competição entre os trabalhadores domésticos com trabalhadores estrangeiros, processo que acontece quando grandes fábricas e indústrias saem dos Estados Unidos e vão para países em desenvolvimento buscando mão-de-obra mais barata com o objetivo precípuo de baratear os custos e maximizar os lucros. Hoje mantém-se a percepção de que o avanço da tecnologia e a automação de unidades fabris seriam os grandes vilões na diminuição do número de vagas de trabalho. Entretanto o maior vilão, nesse caso, é a competição com os países em desenvolvimento⁵¹. A competição com a China, por exemplo, é uma das grandes responsáveis pela diminuição de salários e aumento de desemprego nas áreas em que essa competição acontece, principalmente nas áreas de

⁴⁹ Investimentos menores não necessariamente significam que os investimentos tenham sido pequenos. Em 2000, os investimentos dos Estados Unidos em defesa tinham caído um montante de US\$ 100 bilhões, saindo da casa dos US\$ 400 bilhões para a casa dos US\$ 300 bilhões, essa queda sendo resultado do fim das tensões militares da Guerra Fria. Ainda assim, o orçamento de defesa e militar dos Estados Unidos continuou alto, mais alto do que os próximos doze itens mais caros do orçamento combinados. Vale citar também que Bill Clinton enfrentou alguns momentos de tensões militares, como veremos mais a frente. (*Clinton's Foreign Policy*. **Foreign Policy**, Washington, 2000)

⁵⁰ HAASS, Richard N. *Fatal Distraction: Bill Clinton's Foreign Policy*. **Foreign Policy**, Washington, 1997.

⁵¹ SMITH, Noah. *The Dark Side of Globalization: Why Seattle's 1999 Protestors Were Right*. **The Atlantic**, Washington DC, 2014.

tecnologia e vestuário. No entanto, a China não é a única que contribui para essa estatística. México é outro grande exemplo, mas não são as únicas opções para as empresas norte-americanas. E, vale lembrar, não é pensando em levar empregos para outros países que faz as grandes multinacionais a tirarem suas fábricas dos Estados Unidos. Conforme já citado acima, o objetivo é tentar diminuir os custos de produção e, assim, maximizar os lucros.

Essa questão ainda é tão atual, mesmo agora em 2017, que já foi motivo de uma polêmica entre o presidente eleito Donald Trump e duas empresas americanas, a GM e a Ford. Dentre os diversos temas e questões abordados por Trump durante sua campanha, o protecionismo se fez presente, tendo o candidato, à época, inclusive atacado o NAFTA. Já eleito, nos primeiros dias de 2017, Trump ameaçou a GM com impostos de importação caso construísse alguma fábrica no México. No mesmo dia, a Ford cancelou a construção de uma fábrica no México, que levaria US\$ 1,6 bilhões de dólares ao país vizinho⁵². Em vez disso, a companhia anunciou que iria investir US\$ 700 milhões numa unidade fabril que já existia nos Estados Unidos, ampliando a produção de veículos. Se isso ainda causa esse tipo de polêmica em 2017, fica mais fácil compreender a cabeça do cidadão e trabalhador norte-americano na década de 1990, vendo todas essas mudanças sem desenrolando e tentando aprender e se posicionar diante delas.

Retomando a discussão anterior, esse tipo de comércio com a China, numa análise rápida, evidentemente trouxe pequenas vantagens aos norte-americanos, sendo a principal dele a diminuição no valor final de alguns produtos. No entanto, e esse é o detalhe muito importante, Smith afirma que esses benefícios são muito rasos para a maior parte da população, favorecendo muito mais os ricos e donos do capital.

⁵² Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/negocios/ford-desiste-de-fabrica-no-mexico-investira-nos-eua-20723948> e <http://istoe.com.br/ford-desiste-de-nova-fabrica-no-mexico-para-investir-nos-eua/>. Acesso em: 28 set. 2017.

Pensando assim, para esse autor, os trabalhares norte-americanos foram prejudicados pela globalização e o governo, naquele momento, não tomou nenhuma medida que os compensasse de alguma forma.

Apesar de os acordos entre a China e os Estados Unidos já terem avançado bastante, em um passado recente a segurança e qualidade dos produtos importados que chegavam aos Estados Unidos eram muitas vezes duvidosas. Smith cita, como exemplo, a tinta usada para pintar brinquedos chineses, que ainda contém elevado número percentual de metais pesados que podem ser danosos à saúde das crianças, causando danos até irreversíveis. Existe ainda a questão de alimentos importados, que envolvem uma dinâmica completamente diferente, mas também podem causar impactos negativos na segurança e saúde dos consumidores.

Outro fator negativo da globalização, e esse sendo um daqueles que também vai gerar insatisfações a ponto de levar grupos de interesse as ruas em 1999, seria relacionado ao meio ambiente. Mais diretamente, sobre a degradação e poluição ambiental. Na busca por diminuir os custos de produção, as grandes empresas tendem a buscar países com leis de proteção ambientais menos rigorosas. Smith chega a considerar que países desenvolvidos podem acabar tendo que reduzir seus próprios padrões ambientais com o intuito de atrair mais indústrias e competir com países em desenvolvimento, mas o próprio autor afirma que isso de fato não acontece. Em outros países, por outro lado, a globalização tem sim exportado poluição⁵³. O autor cita novamente o exemplo da China, que teve aumentos surpreendentes nos níveis de poluição desde 1999.

A poluição a nível global também traz outro problema que hoje é muito presente e motivo de preocupação em várias esferas: o aquecimento global. Novamente, Smith

⁵³ Ibidem nota 51.

cita o exemplo da China: desde a incorporação à OMC, em apenas alguns anos a China já foi capaz de superar os Estados Unidos como maior emissor de dióxido de carbono⁵⁴ do mundo.

Ainda refletindo sobre os dados levantados por Noah Smith, um último ponto trabalhado será o enfraquecimento das relações e políticas trabalhistas nos Estados Unidos, ponto esse que o próprio autor afirma não ter conseguido dados suficientes para confirmar essa afirmação, assim concluindo que as relações trabalhistas pouco erodiram nos EUA. Houve, entretanto, depois do avanço da globalização, um aumento na desigualdade nos Estados Unidos, segundo o autor. Ora, é importante levantar esse debate aqui pois, ao menos em 1999, os norte-americanos se mobilizaram, já que essa bandeira – a trabalhista - surgiu em meio a tantas outras naqueles dias no final da década.

A questão da deterioração das relações trabalhistas, no entanto, tornou-se real em outros países. Ao buscar países em desenvolvimento para baratear custos, as empresas também procuravam países que tivessem legislações trabalhistas mais frouxas e menos onerosas. Esses países desejavam atrair os investimentos de países desenvolvidos, muitos ainda desejam – veja o caso do Brasil e as reformas extremistas propostas pelo governo de Michel Temer para atrair investimentos e, supostamente, estabilizar a economia – e acabavam por aceitar diminuir seus padrões nesse sentido. Por exemplo, a Apple, empresa mais valiosa do mundo em 2016⁵⁵, já se viu envolvida

⁵⁴ Emission Database for Global Atmospheric Research. Disponível em: <http://edgar.jrc.ec.europa.eu/overview.php?v=CO2ts1990-2014&sort=des9>. Acesso em 29 set. 2017.

⁵⁵ Dearo, G. *As 10 Marcas Mais Valiosas do Mundo em 2016*. Exame, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/as-10-marcas-mais-valiosas-do-mundo-em-2016/>. Acesso em: 29 set. 2017.

em muitas polêmicas quanto às péssimas condições em que se encontravam seus trabalhadores fora dos Estados Unidos⁵⁶.

Já é sabido que a OMC, o NAFTA, entre outras, foram instituições criadas durante a administração Clinton nos Estados Unidos e que, a partir do desenvolvimento dessas instituições, foi possível a expansão e o próprio desenvolvimento da globalização ao redor do mundo. Portanto, é fácil visualizar os vínculos íntimos entre elas.

Dito isso, retornamos a um autor já citado no início do texto, Stanley Aronowitz, num artigo sobre reflexões a respeito da Batalha de Seattle em 1999, pois o mesmo também traz algumas questões sobre determinados pontos negativos das instituições acima mencionadas e, consecutivamente, da globalização⁵⁷. Questões essas que também são pertinentes à esta pesquisa, no sentido de ajudar a visualizar o contexto e as diversas motivações que levaram milhares de pessoas às ruas em 1999.

A primeira questão levantada por Aronowitz esbarra justamente num assunto já comentado acima, com ajuda das reflexões de Smith. Aronowitz afirma que já circulou a ideia de que os empregos enviados a outros países em desenvolvimento eram empregos que os americanos não queriam mais. A informação não é estranha e já percorreu um longo caminho, já que não é difícil escutarmos tais afirmações. No entanto, para o autor, não condizia com a verdade. Os empregos enviados a outros países, somados com a falta de investimento dentro dos próprios Estados Unidos, levou à destruição de muitas vagas e, portanto, diminui o nível de vida de muitos norte-americanos. A palavra “traição” chega a surgir no texto, afirmando que os protestos de

⁵⁶ ONG Denuncia Condições Desprezíveis em Fábrica da Apple. **Exame**, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/ong-denuncia-condicoes-despreziveis-em-fabrica-da-apple/> e <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2015/10/22/ong-denuncia-condicoes-de-trabalho-despreziveis-em-fabrica-da-apple-na-china.htm>. Acesso em 29 set 2017.

⁵⁷ ARONOWITZ, Stanley. *Reflections on Seattle 1999*. **Dialectical Anthropology**, vol. 33, no. 2. New York, 2009.

Seattle se levantaram contra a traição dos trabalhadores norte-americanos causada por esses acordos de livre comércio.

Não apenas Smith e Aronowitz falam sobre essa diminuição de vagas, salários e padrão de vida nos Estados Unidos. A *Foreign Policy*⁵⁸ fala sobre o aumento da desigualdade, assim como o texto de Nick Bryant. O assunto também permanece recorrente ainda hoje, já que pesquisas apontam que a desigualdade social, o abismo entre ricos e pobres, tem aumentado desde o final da década de 70.⁵⁹

Em todo esse processo, não podemos esquecer das instituições que ajudaram a expandir a globalização e até a influência da Casa Branca ao redor do mundo. É nesse sentido, que a próxima crítica de Aronowitz vai justamente para a Organização Mundial do Comércio, que também foi o principal alvo dos manifestantes em 1999. Segundo o autor, a OMC faria parte de um projeto de economia internacional criado pelos “avançados países industriais e instituições financeiras com o propósito de controlar o “mundo em desenvolvimento”⁶⁰. A acusação é grave, mas não sem propósito. Instituições como a OMC e Fundo Monetário Internacional, por exemplo, acabam por formar sociedades coloniais e dependentes que submetam suas políticas e economias às regulações dessas instituições, em troca de empréstimos para os mais diversos fins. Esse tipo de acordo não é tão vantajoso quanto parece à primeira vista. Os líderes de países em desenvolvimento são obrigados a pagar esses empréstimos com altas taxas, negligenciando assim interesses e questões de bem-estar internas e necessárias ao seu povo.

⁵⁸ Clinton's Foreign Policy. **Foreign Policy**, Washington: 2000.

⁵⁹ Para mais detalhes, alguns artigos encontrados estão disponíveis em: http://istoe.com.br/281453_A+NOVA+ERA+DA+DESIGUALDADE/, <http://oglobo.globo.com/economia/desigualdade-nos-eua-atinge-maior-nivel-em-um-seculo-12452072> e <http://exame.abril.com.br/economia/desigualdade-social-aumenta-nos-eua/>. Acesso em: 16 jan. 2017.

⁶⁰ Ibidem nota 57, p. 204.

Como já citado anteriormente, os acordos de livre comércio acabam por fechar vagas nos Estados Unidos e, em sequência, abrem vagas em outros mercados. Aronowitz, então, cita uma das maiores contradições desse novo sistema: o que foi ruim para os trabalhadores norte-americanos ao perder vagas e salários, se mostrou bom para os trabalhadores dos países em desenvolvimento, pelo menos num primeiro momento e numa análise inicial, ao receberem investimentos oriundos dos Estados Unidos. Trabalhadores e seus sindicatos nesses países viram, na OMC, NAFTA e outros acordos de livre comércio, uma forma de alavancarem seus salários, atingir o desenvolvimento e finalmente deixar a pobreza. O autor afirma na década de 1990, esteve na Cidade do México e teve oportunidade de dialogar com representantes sindicais e intelectuais mexicanos e eles estava muito interessados em saber o motivo da oposição de parcelas da sociedade americana ao NAFTA: se seria racismo por parte dos trabalhadores norte-americanos ou se existia um interesse em manter sua posição privilegiada⁶¹. De fato existiram pessoas que fizeram oposição ao NAFTA calcados em visões racistas, mas que, no fundo, os trabalhadores mexicanos ainda estavam por perceber que, desses acordos, surgiriam novas formas de dominação⁶².

Os acordos de livre comércio, portanto, tiveram essa sorte de efeitos nos países em desenvolvimento, mudando amplamente a configuração da econômica mundial.

⁶¹ Ibidem nota 57, p. 206.

⁶² Inicialmente, os investimentos estrangeiros no México, trouxeram alguns avanços. Empregos foram criados, indústrias surgiram, alguns salários aumentaram, o que no geral trouxe melhorias e aumento no nível de qualidade de vida para algumas localidades mexicanas, principalmente as mais próximas das fronteiras americanas⁶². Ainda que, é muito importante citar, as condições de trabalho ruins em alguns casos e o desrespeito aos trabalhadores estivessem presentes, fatos que, na verdade, acabaram por levar os mexicanos a se reunirem em sindicatos organizados e, por fim, ao surgimento de reivindicações e greves (Ibidem nota 21). Nos casos acima citados, quando as empresas americanas se deparavam com essa nova organização dos trabalhadores mexicanos, houveram casos em que as empresas transferiram suas fábricas ou para outro estado mexicano, ainda menos articulado nesse sentido trabalhista, ou para outros países, como o bom exemplo da China.

Acredito ser importante afirmar também que Seattle não foi um evento isolado, sendo esse o mais recente, naquele período, entre os movimentos antissistêmicos⁶³: os chamados movimentos antiglobalização, designação essa dada pelos opositores e não necessariamente pelos movimentos. Esse tipo de movimento reunia diversas características que o enquadravam aqui: reuniam membros da velha e da nova esquerda, além de grupos que não se enquadravam nessas categorias, e também grupos locais, nacionais e transnacionais.

Além da Batalha em 1999 ter extrapolado as fronteiras norte-americanas e ter atingido outros países, atraindo estrangeiros para a sua organização e execução, outros movimentos surgiram em outros momentos, inclusive até em protesto a outras reuniões da OMC. Algum tempo depois, muitos desses movimentos antiglobalização convergiram e ficaram conhecidos como *World Social Forum* (Fórum Social Mundial), até hoje atuante. Não é objetivo desse trabalho compreender como essas mudanças se deram e como essa organização atua ainda hoje, sendo verdadeiramente importante visualizar como essas questões se desenvolveram na década de noventa, que é o que venho fazendo até aqui.

Independentemente de quais tenham sido as consequências resultantes da globalização, que até hoje continua se metamorfoseando e influenciando o mundo, é possível, com a contextualização acima, verificar como esse fenômeno histórico impactou a sociedade não apenas norte-americana, como também mundial. O que se buscou aqui foi essa contextualização da globalização e seu avanço na década de 1990.

⁶³ Immanuel Wallerstein escreve que cunhou o termo “movimento antissistêmico” na década de 1970 para agrupar em um só movimentos de cunho social e movimentos de cunho nacional, que muitas vezes eram distintos e até rivais, mas que passam a se confundir em alguns casos, como no referido, sobre movimentos anti-globalização. Ver: WALLERSTEIN, Immanuel. *O Declínio do Poder Americano*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, p.266-278.

A contextualização se faz necessária para entender o que explodiria no final de 1999, a Batalha de Seattle, já que seu principal sentido foi opor-se à globalização.

2. Os diversos atores da Batalha de Seattle

Antes de continuar, vamos identificar alguns dos atores que marcaram presença na Batalha de Seattle. Mike Dolan era um integrante de alto escalão da Public Citizen, organização global não-governamental e sem fins lucrativos, fundada por Ralph Nader⁶⁴ em 1971. Em seu site oficial, a organização afirma que “serve como a voz das pessoas na capital do país. Desde a nossa fundação em 1971, mergulhamos em uma série de áreas, mas nosso trabalho em cada questão compartilha um objetivo geral: garantir que todos os cidadãos estejam representados nos corredores de poder”⁶⁵. Dolan era, a época, Vice-Diretor de uma das áreas de atuação da Public Citizen, a Global Trade Watch⁶⁶. Além disso, ele era Diretor de campo da Citizen’s Trade Campaign, outra iniciativa da Public Citizen. Esse ator foi extramente ativo nos preparativos para a Batalha, tendo o seu nome se destacado, já que ele foi o representante enviado pela Public Citizen para Seattle e a sua organização foi uma das que mais se destacou na coalizão principal, estando presente desde a primeira reunião.

⁶⁴ Ralph Nader é um advogado, ativista e político norte-americano especializado em direito do consumidor. Em sua carreira, fundou diversas organizações, entre elas a Public Citizen citada acima. Representou, quando se candidatou, uma opção mais a esquerda. Sendo ele um grande incentivador e representante de um novo tipo de ativismo político.

⁶⁵ Tradução do Inglês: “Public Citizen serves as the people’s voice in the nation’s capital. Since our founding in 1971, we have delved into an array of areas, but our work on each issue shares an overarching goal: To ensure that all citizens are represented in the halls of power”. Disponível em <https://www.citizen.org/about/about-us>. Acesso em 03 out. 2017.

⁶⁶ Os grupos de vigilância (Watch), como o Human Rights Watch e o Global Trade Watch, têm um histórico e já constituem uma modalidade de ação política, hoje um tanto criticada por ser mais voltada para registro e denúncia formal do que para fomentar ativismo.

Ron Judd, por sua vez, foi figura central desde o início e era integrante e Secretário Executivo do King County Labor Council, sindicato e corpo central das organizações trabalhistas em King County, Washington. Eles são afiliados a AFL-CIO, a maior federação de sindicatos nos Estados Unidos, que representa mais de treze milhões de trabalhadores norte-americanos. O próprio King County Labor Council afirma abrigar mais de 150 organizações e ter mais de 100 mil trabalhadores afiliados a essas organizações⁶⁷. A primeira reunião para organizar os protestos de Seattle, como já citado, aconteceu no Labor Temple. O mais importante citar nesse momento é o protagonismo do movimento sindical desde o primeiro momento da Batalha, um ator político tradicional, mas que esteve fora das ondas de dissenso de décadas anteriores.

Quanto aos ambientalistas, estes também estiveram presentes desde o primeiro momento, sendo representados pela Sierra Club. Sierra Club hoje é a maior organização não-governamental em âmbito nacional nos Estados Unidos, com foco em questões ambientais, além de ser bem antiga também: foi fundada em 1892, já tendo mais de 100 anos de estrada quando participou dos eventos em Seattle. Em 1999, eles já possuíam um escritório na cidade de Seattle, que foi extremamente importante na articulação para os protestos daquele ano. Além disso, eles estiveram totalmente coordenados com Ron Judd e o King County Labor Council, além de integrarem a coalizão principal que viria se formar, principalmente com Mike Dolan e a Public Citizen, já citados.

Por ser a maior federação de sindicatos estadunidense, a AFL-CIO conta com escritórios em várias cidades americanas e participa de diversas atividades ao redor dos Estados Unidos. Num primeiro momento, a AFL-CIO foi representada pelo King County Labor Council, um sindicato afiliado, como já citado acima. Ron Judd and

⁶⁷ Informação disponível no site oficial. Disponível em: http://mlkclc.org/?zone=/unionactive/view_page.cfm&page=Council20Structure. Acesso em 03 out. 2017.

Richard Feldman foram alguns dos integrantes do King County Labor Council que participaram das primeiras reuniões, começaram a se articular e fizeram todos os contatos com a AFL-CIO estadual e nacional. A AFL-CIO só se envolveu diretamente um pouco mais a frente, no final de julho e no início de agosto, quando enviou Vinny O'Brien de Washington DC para Seattle e o Diretor de Campo da AFL-CIO do Estado de Washington também passou a se envolver na organização. A participação da AFL-CIO, vale citar, marcou uma virada política na federação, ao se engajar com esse movimento da forma como se deu.

Outro grupo que teve integrantes que se articularam desde cedo foi o coletivo Direct Action Network, que antes de surgir com esse nome teve ativistas do San Francisco Art and Revolution que começaram a chamar ativistas a partir de fevereiro. As respostas iniciais a esses chamados foram fracas, o que não impediu o seu desenvolvimento. Entre julho e agosto, San Francisco Art and Revolution, Ruckus Society, Rainforest Action Network e Global Exchange se juntam para formar o Direct Action Network, um grupo voltado a iniciativas de ação direta não violenta e desobediência civil.

Outro grupo que teve sua primeira grande aparição nesse momento foi o Independent Media Center (IMC), que surgiu da necessidade de espalhar as notícias da Batalha, mas com o ponto de vista dos ativistas, assim combatendo a sempre questionável cobertura da mídia *mainstream*. Esse grupo surgiu inspirado em outras formas e organizações de mídia anteriores que se articularam a movimentos sociais, como por exemplo o uso da internet pelos zapatistas, segundo o Diretor do IMC. Eles se articularam pouco tempo antes do protesto e sobreviveram de doações. Logo, ao longo das reuniões, a adesão aumentou e logo eles tinham equipamento e um galpão alugado

no centro de Seattle como base. Esse galpão, inclusive, serviu de refúgio para outros manifestantes que fugiam da repressão policial e dos momentos de tensão.

Para encerrar, precisamos mencionar o The People's Assembly, que não era uma organização propriamente dita, mas um fórum, organizado por filipinos, que reuniu centenas de representante de outros países, cerca de trezentos, membros de organizações não-governamentais, movimentos sociais ou estudantis, que representavam outras milhares de pessoas.

Esses não foram os únicos atores que participaram da Batalha de Seattle. Grupos que praticavam a tática Black Bloc (vamos falar no próximo item sobre eles), além de ativistas individuais e pequenos grupos e organizações. É muito difícil estabelecer uma lista exata. Os dados encontrados⁶⁸, que foram reunidos pelos pesquisadores responsáveis *pele WTO History Project* da Universidade de Washington, se baseiam numa carta divulgada pela Public Citizen, que registra o protesto sem precedentes que havia acontecido em 1999 e divulga algumas demandas aos seus governantes. Além dessas demandas, a carta é assinada por 1434 organizações ao redor do globo. Nem todas participaram diretamente, mas todas endossaram essa grande manifestação. Além dessa carta, algumas organizações foram convidadas pela própria OMC para participar de eventos para organizações não-governamentais dentro da 3ª Conferência Ministerial. Apenas esses convidados já somavam 739 organizações, algumas das quais já tinham se posicionado contra à OMC. Sendo assim, levando em conta esses números de organizações que participaram direta ou indiretamente, extremamente expressivos, embora seja difícil precisar quantas de fato ocuparam as ruas de Seattle nos mais diversos eventos que aconteceram entre aquele final de novembro e início de dezembro de 1999.

⁶⁸ Disponível em: <http://depts.washington.edu/wtohist/orgs.htm>. Acesso em 03 out. 2017.

Outro aspecto a respeito dos grupos participantes que vale ser aprofundado foi a histórica reaproximação dos ambientalistas e sindicalistas, principalmente aqueles da AFL-CIO. Desde a Guerra do Vietnam, sindicalistas e ambientalistas vinham se enfrentando em lados oposto do espectro político, já que, para os sindicatos até aquele momento, ecologia e preocupação com o meio ambiente representava perda de empregos para as famílias norte-americanas⁶⁹. Essa reaproximação ficou conhecida como Sweeney-Greenie, uma expressão que reunia o nome do presidente da gigante sindical com um apelido dos defensores do meio-ambiente (“greenie” vem de green, verde em português).

3. A tática Black Bloc e seu uso na Batalha de Seattle

O repertório de ações usado nas ruas de Seattle, na maior parte, são velhos conhecidos dos grupos já tradicionais ao dissenso norte-americano. Essas ações já vinham sendo usadas e aprimoradas desde movimentos anteriores, podendo ser citados aqui, a guisa de exemplo, os movimentos contra a Guerra do Vietnã e pelos direitos civis, entre muitos outros. Muitas dessas formas de ação, no caso da Batalha, foram ensinadas aos ativistas mais novos durante as reuniões e encontros que antecederam os protestos no final de 1999 em Seattle, muitas vezes por veteranos anarquistas que já tinham experiência com ações diretas.

Um tipo de ação, ou tática, que ganhou destaque durante os protestos em Seattle foi a tática Black Bloc, praticada em grande parte por anarquistas. Esses grupos foram os responsáveis por aplicarem essa tática pela primeira vez em massa em Seattle e por conseguirem furar o bloqueio da mídia tradicional corporativa. Apesar de começar a

⁶⁹ George, S. Comment l'OMC Fut Mise en Échec. Le Monde Diplomatique, Paris, jan. 2010.

aparecer na mídia e em meios alternativos em grande escala naquele momento, esse tipo de tática já vinha sendo desenvolvida nos Estados Unidos antes da eclosão nos protestos em Seattle.

A tática Black Bloc apareceu a primeira vez devido, entre outros fatores, ao aumento de confrontos entre policiais e ativistas na Alemanha no início dos anos 1980, através de um grupo de esquerda antiautoritarismo conhecido como Autonomon. Em uma década, a técnica de resistência tinha se provado efetiva contra as forças policiais do Estado, tendo se espalhado pela Europa no meio da década de 1980 e chegando às Américas até o final dessa mesma década⁷⁰.

O primeiro evento em que essa técnica apareceu nos Estados Unidos foi já em 1988, na capital Washington D.C. Depois disso, o Black Bloc foi surgindo esporadicamente ao redor dos Estados Unidos nos anos seguintes. O destaque fica para o grupo anarquista *Love and Rage Revolutionary Anarchist Federation*, que ajudou a organizar protestos expressivos usando esse tipo de tática Black Bloc e a desenvolver as técnicas Black Bloc. Do final da década de 1980 até antes da Batalha de Seattle, da Europa a América, a tática Black Bloc havia se estabelecido fortemente no repertório de ações principalmente presentes em manifestações anti-sistêmicas politicamente plurais.

A tática Black Bloc consiste em reuniões e planejamento prévios, quando as decisões são tomadas por consenso e são divididos os grupos de afinidades e distribuídas e discriminadas as ações de cada um desses grupos. Grupos de afinidade possuem normalmente entre três a dez pessoas e se organizam internamente pensando no objetivo principal definido pelas reuniões para aquele grupo específico. Os grupos de afinidade podem ser divididos em grupos de ofensiva, de defesa, de reconhecimento, de

⁷⁰ MASSOT, Xavier; DEUSEN, David Van. *The Black Bloc Papers: An Anthology of Primary Texts From The North American*. P.29. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/category/author/the-green-mountain-anarchist-collective-xavier-massotdavid-van-deusen>. Acesso em 03 março 2018.

apoio, médico, entre outros, de acordo com a necessidade específica de cada protesto. É importante também que cada grupo de afinidade tenha sempre alguém responsável por primeiros socorros e uso de rádios e/ou celulares, para o contato com os outros membros do movimento. Por fim, os grupos de afinidade também podem ser separados em grupos maiores, cada grupo contendo de cinco a dez grupos de afinidade, pensando também no objetivo maior e na organização e ocupação do espaço físico, de acordo com o tamanho da manifestação e a disponibilidade, é claro, de ativistas dispostos a praticarem o Black Bloc. Sempre, é claro, no sigilo: recomenda-se que os mapas e planos sejam sempre em códigos, para dificultar a leitura de identificação deles por parte das autoridades⁷¹.

Nesse momento, vale uma ressalva: a divisão em grupos de afinidade, apesar de tática aperfeiçoada por grupos anarquistas, não foi só usada pelos anarquistas e partidários do Black Bloc em Seattle. Essa estratégia foi usada também por outros grupos engajados em ações diretas, como o caso do *Direct Action Network*. Isso se deu principalmente porque ativistas mais antigos, muitos de origem anarquista, foram os responsáveis pelos treinamentos oferecidos nesses grupos, como no próprio *Direct Action Network*, durante a preparação para a Batalha de Seattle.

Um outro aspecto que seria necessário é a divulgação de comunicados abrangentes, e através dos canais disponíveis, explicando e explicitando as ações black blocs para que o público mais amplo consiga entendê-las, citando motivos, táticas, justificativas⁷². Essa comunicados podem ser divulgados antes, durante ou depois as

⁷¹ VAN DEUSEN, David. *Van Deusen On North American Black Blocs 1996-2001*. The Green Mountain Anarchist Collective, 2001. Disponível em <https://theanarchistlibrary.org/library/david-van-deusen-green-mountain-anarchist-collective-van-deusen-on-u-s-back-blocs-1996-2001>. Acesso em 03 jun 2018.

⁷² Ibidem nota 71, p.15.

ações já terem sido executadas. No caso de Seattle, o comunicado foi emitido após e pode ser encontrado nos arquivos online do *WTO History Project*⁷³.

As ações Black Bloc começaram em Seattle no dia 30 de novembro de 1999, quando vários ativistas, a maioria do *Direct Action Network*, praticando ação direta não violenta ocuparam lugares-chave no centro da cidade para impedir a passagem de autoridades relacionadas à OMC. A repressão policial, inicialmente, foi direcionada contra esses grupos. Nesse sentido, os praticantes do Black Bloc presentes usaram táticas de autodefesa e contra agressão. Pedras e garrafas foram usadas e lixeiras e chamas foram usadas como bloqueio. Além disso, grupos de Black Blocs foram às ruas com objetivos bem definidos: como propriedade corporativa representava uma violência para eles, logo decidiram por quebrá-las, entre elas Fidelity Investment, Bank of America, US Bancorp, Washington Mutual Bank, Old Navy, Banana Republic, GAP, NikeTown e Levi's⁷⁴.

Cabe assinalar que essa estratégia de danificar alvos corporativos não foi bem aceita por outros grupos que participavam da Batalha de Seattle. Conforme será mostrado em capítulo adiante, entrevistados como Vinnie O'brien, afiliado a AFL-CIO, fazem uma crítica direta a esse tipo de ação, mostrando que uma parcela da coalizão *People For Fair Trade* não estava alinhada com esses grupos mais radicais.

Algumas informações importantes sobre a ação Black Bloc em Seattle naquele ano precisam ser mencionadas aqui. A primeira delas é que, segundo relatado no comunicado já citado, algumas pessoas associaram a repressão policial aos atos de quebra de propriedade corporativa black bloc, mas não foi o caso. A polícia começou a repressão e a violência antes dos atos black blocs, principalmente contra aqueles

⁷³ Não foi possível identificar em que meio o comunicado foi divulgado, mas seu conteúdo está no WTO History Project, Disponível em: http://depts.washington.edu/wtohist/documents/black_bloc_communique.htm. Acesso em 14 out. 2017.

⁷⁴ Ibidem nota 71, p.33 e nota 73, p.22.

ativistas do *Direct Action Network* que estavam bloqueando as ruas. Na verdade, os praticantes do Black Bloc ficavam em constante movimento e, por vezes, evitavam confronto com a polícia.

Outra informação trazida pelo comunicado foi a existência em Seattle do que eles chamaram de *peace police* (polícia da paz): grupos de manifestantes que estavam nas ruas, se proclamavam não-violentos e, por isso, se incomodaram com as ações Black bloc e tentaram impedi-las, esses manifestantes chegando até a atacar os Black blocs.

Por último, o comunicado ressalta que o grupo é composto por pessoas de todos os Estados Unidos e falam sobre a vertente anarquista do grupo, mas em nenhum momento se identificam individualmente. Apenas assinam como *ACME Collective*, sem dar mais detalhes sobre a origem e identificação, apenas que eles não podem falar por todos os Black Blocs que se engajaram, muito menos por qualquer outro que praticou destruição de propriedade, dando a entender que existiram outros grupos também não identificados agindo em Seattle naquele momento. Dessa forma, é possível concluir que não houve conhecimento, coordenação e dos organizadores do protesto da aplicação dessa tática e, conseqüentemente, dos grupos e demandas de todos que a estavam utilizando.

Essas táticas de origem anarquista, então, marcaram forte presença nas ruas em Seattle de 1999. Desde o momento em que algumas dessas táticas são passadas a frente por ativistas mais experientes e, posteriormente, aplicadas durante os protestos, às ações Black Blocs que se desenrolaram durante todos os dias de manifestações.

Apesar da forte presença, ela não foi unanimidade entre os participantes da Batalha de Seattle, como o caso da crítica pelo representante da AFL-CIO, e também foi

negativamente explorada pela mídia corporativa, em uma tentativa de condenar e deslegitimar os protestos.

Por fim, a tática conseguiu estabelecer-se no repertório de ação de grupos específicos, teve um grande destaque, seja ele positivo ou não, entre a mídia corporativa, mídia independente e entre os participantes da Batalha de Seattle. Ao fim dos cinco dias de protestos, os ativistas que levaram a tática Black Bloc para as ruas saíram tão bem-sucedidos quanto os outros integrantes da Batalha de Seattle: conseguiram pôr em prática sua estratégia e, por fim, passar adiante sua mensagem.

4. A Batalha de Seattle: planejamento e execução

No final de 1999, mais precisamente entre os dias 30 de novembro e 03 de dezembro, dezenas de milhares⁷⁵ de manifestantes ocuparam as ruas de Seattle no que seria a manifestação mais importante daquela década e, talvez, até das décadas seguintes. Os manifestantes aproveitaram a visibilidade que a cidade recebia devido à 3ª Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio e tomaram o centro da cidade, num grupo extremamente heterogêneo, com manifestantes que tinham diferentes perspectivas político-ideológicas, para protestar contra a OMC, suas políticas neoliberais, e contra a globalização e o capitalismo. Essa grande manifestação persistiu por quase toda a semana e foi marcada por diversos eventos, que trouxeram para as ruas marchas, teach-ins, discursos, teatro, arte e outros momentos marcados pela extrema criatividade dos participantes. Chegou à rua também a repressão e a violência policial, que acabou recebendo mais destaque da mídia naquele momento do que as próprias

⁷⁵ Estimativas apontam um número entre 30.000 e 50.000 participantes. Esses números variam muito, inclusive tendo estimativas de mais pessoas, talvez a mais real sendo de cerca de 40.000 participantes. Disponível em: <http://www.globalissues.org/article/46/wto-protests-in-seattle-1999>. Acesso em 03 out. 2017.

demandas dos manifestantes. O movimento, por si, foi vitorioso, não apenas por ter conseguido encerrar as reuniões da OMC que aconteceriam, mas também por ter sido um marco na história do dissenso norte-americano.

Nessa parte do texto, farei um pequeno histórico do que foi a Batalha de Seattle de 1999. Como surgiu, quem, ou quais grupos, se articularam e o que, de fato, aconteceu naqueles dias no final do ano, quando a Batalha se desenrolou nas ruas de Seattle.

Uma manifestação desse porte, é claro, não surge do nada. Desde o anúncio de Seattle como sede para esse encontro da OMC, alguns grupos já começaram a se articular e a se preparar para a Protesto do Século⁷⁶. Foram meses de organização, planejamento e treinamento em técnicas de ação direta e desobediência civil. AFL-CIO, Public Citizen/ People For Fair Trade, Direct Action Network são alguns entre aqueles que começam a se mobilizar cedo. O “ponta pé” inicial foi uma reunião no Seattle’s Labor Temple que reuniu diversos ativistas e representantes de coletivos e instituições locais e também nacionais. A partir desse momento, a coisa se multiplicou, tomando diversas ramificações que desembocam no que vemos no final de 1999, na grande manifestação que abalou Seattle.

Como citado acima, a primeira reunião aconteceu em algum momento no final de janeiro, 20 de Janeiro, segundo principais fontes⁷⁷, ao lado do King County Labor

⁷⁶ Segundo planilha do excel do WTO History Project.

⁷⁷ Informação dada em entrevista por Mike Dolan, ator que será contextualizado abaixo, disponível em: http://depts.washington.edu/wtohist/interview_index.htm. Acesso em 03 out. 2017. Essas entrevistas são melhor trabalhadas num outro capítulo. Aqui, ela apenas são utilizadas, assim como outras fontes, para montar esse panorama e histórico do que foi a Batalha de Seattle em 1999. Foram mais de 50 entrevistas, além de depoimentos pessoais, coletos pelos pesquisadores do WTO History Project da Universidade de Washington, projeto que reuniu a memória oral e visual do evento que se constituirá em fonte fundamental para esta pesquisa. Nesse capítulo, utilizarei apenas 06 entrevistas, justamente desses atores principais, que me ajudaram a montar esse panorama. Todas as entrevistas estão disponíveis, através de transcrições, no link acima.

Council em Seattle, no Labor Temple, logo após o anúncio de Seattle como sede⁷⁸ para o próximo Encontro Ministerial da WTO no final de 1999. Essa primeira reunião contou com diversos nomes, representantes de ONGs e ativistas, de nível local e nacional. Entre as entidades mais relevantes, podemos citar Public Citizen, AFL-CIO (representada pelo King County Labor Council), Direct Action Network, Sierra Club. Como lideranças mais representativas, vale destacar Mike Dolan (Public Citizen), Ron Judd (King County) e Sally Soriano.

A primeira reunião, cuja composição descrevemos acabou por originar uma grande coalizão que assumiu o nome de People For Fair Trade/ NO2WTO. Houve muito debate com relação ao nome, sobre qual mensagem esse nome mandaria, qual seria o posicionamento político emitido dali. Os moderados e centristas preferiam People For Fair Trade, pois enfatizava a ideia de reforma do sistema vigente. Os mais radicais preferiam NO2TWO por ser mais explícito e direto na mensagem, algo como “Não é não”. Sendo assim, a coalizão acabou ficando conhecida por esses dois nomes, mas acabou usando-se muito mais o People For Fair Trade, pois, segundo Mike Dolan, era importante garantir o apoio dos grupos mais moderados, já que o apoio de uma parcela mais radical já estava certo.

Essa primeira grande coalizão não foi unânime quanto a estratégias, formulas e objetivos e conflitos surgiram, como o exemplo da disputa em torno do nome. Em outros casos, alguns grupos, por mais que participassem dessas reuniões, acabaram por seguir e por propor atividades e eventos próprios. O principal caso nessa direção, sem dúvida, foi o da AFL-CIO que possuía laços fortes fora da coalizão principal e também possuía uma agenda própria, que obedecia à dinâmica política sindical e outros

⁷⁸ Vários desses atores já sabiam que aquele Encontro Ministerial da OMC iria para os Estados Unidos, só estavam em dúvida entre San Diego e Seattle. Quando o anúncio oficial foi feito, eles começaram a se mexer.

componentes do contexto nacional. Podemos citar também os casos do Direct Action Network (DAN) e do Labor and Employment Law Office (LELO). Esses últimos acabaram se afastando dessa coalizão por não concordarem com a forma hierárquica de tomar decisões que acabou por prevalecer.

A partir da prospecção documental ficou evidente que Mike Dolan, representante do Public Citizen é uma das cabeças a frente do People For Fair Trade/NO2WTO, tomava as decisões unilateralmente, buscando firmar-se como liderança e estabelecer uma hierarquia no seio da coalizão. O próprio Mike Dolan assume, em sua entrevista⁷⁹, que gosta de hierarquia e de resultados. Isso o afastava da tradição do noroeste americano, que havia construído uma tradição de decisão por consenso. Esse foi um dos motivos de atritos nessa coalizão, com grupos formados principalmente por jovens, caso do Direct Action Network, ou com grupos mais radicais, caso do Labor And Employment Law Office. Em sua entrevista, Dolan afirma, categoricamente, ser considerado um reformista e gostar do capitalismo e que esses detalhes afastaram “os anarquistas” de sua coalizão.

Houve também intensas negociações com o governo, em diversas esferas. Autoridades da prefeitura, vereadores e representantes da polícia participaram dessas negociações com representantes das coalizões e grupos de ativistas. O intuito dessas reuniões era informar às autoridades a respeito dos detalhes e das atividades planejadas e também conseguir as permissões necessárias para que elas fossem postas em prática. Para Vinny O’Brien⁸⁰, representante da AFL-CIO enviado a Seattle, o dialogo foi fluído e as permissões necessárias foram concedidas.

Saindo um pouco da maior coalizão, tratarei dos grupos que estiveram à margem dela, por opção ou por exclusão da maior. Começaremos pelo Labor and Employment

⁷⁹ Ibidem nota 77.

⁸⁰ Ibidem nota 77.

Law Office (LELO) que levantou críticas seríssimas contra a People For Fair Trade, sendo a principal acusação de que não havia espaço, na coalizão maior, para pessoas de cor. Eram poucas as que faziam parte e, sempre que o pessoal do LELO tentava se envolver mais, eram negligenciados por Mike Dolan.

Para Lydia Cabasco⁸¹, que participava da People For Fair Trade e era responsável por alcançar estudantes e minorias e fazê-los participar, a principal coalizão também foi fraca em se direcionar às mulheres, principalmente às mulheres do terceiro mundo. Cabasco fala também que as pessoas de cor não foram apenas ausentes. Suas questões também não estiveram presentes. Ela afirma ter sido a única pessoa de cor, única mulher e única gay naquele grupo principal. Cabasco também fala sobre a questão da escolha do nome para a coalizão principal: basicamente Dolan acreditava que as esquerdas estavam garantidas e havia necessidade de garantir o centro e o mainstream. A entrevistada discordava dele quanto ao fato das esquerdas estarem garantidas.

Cabasco estava certa quanto ao último ponto citado acima e o LELO deixa a coalizão principal para formar Workers Voice Coalition, justamente pensando em focar naquilo em que a People For Fair Trade estava falhando, principalmente no que tangia às questões dos trabalhadores negros.

Outro grupo que se distanciou da maior coalizão foi a People's Assembly, segundo um dos organizadores, o filipino Ace Saturay. As discordâncias entre esses grupos se tornaram muito evidentes também na mensagem política que a escolha do nome iria passar. Saturay inclusive afirma que, depois de alguns debates terem se dado por conta do nome, panfletos da coalizão principal foram confeccionados usando apenas o nome People For Fair Trade, contrariando os debates anteriores. Por esse motivo, a

⁸¹ Ibidem nota 77.

People's Assembly também se afasta e cria um comitê próprio para organizar suas atividades e levantar suas demandas. Inclusive, vale citar, eles não conseguiram as permissões necessárias para levar seu protesto às ruas, mas, mesmo assim, foram às ruas. A prefeitura elencou alguns motivos para ter negado a permissão demandada por Saturay, como a falta de número suficiente de policiais para dar conta de tantas manifestações que já haviam sido autorizadas, mas, para Saturay, a negativa se deu por conta de pontos de vistas políticos. A People's Assembly, segundo o entrevistado, tinha grande concentração de pessoas de cor, grande representação internacional devido aos delegados participantes e carregava críticas pesadas à OMC.

O Direct Action Network (DAN) também foi um grupo que, apesar de participar da coalizão principal e ser bem presente, não teve tanta representatividade no seu interior, organizando-se intensamente por fora para levar ações diretas não-violentas para as ruas de Seattle naquele momento. David Solnit, participante do DAN e também entrevistado, conta sobre reuniões entre o DAN e representantes da coalizão principal, da participação do DAN, sobre relatórios exigidos e troca de ajuda, principalmente com Mike Dolan. Apesar do bom relacionamento, as atividades do DAN pouco apareciam nos calendários oficiais da People For Fair Trade e as doações feitas ao DAN foram “por debaixo dos panos”, feitas por Mike Dolan, como o próprio afirma. Dolan afirma que, essa relação encoberta (minhas palavras), se deu pois ele precisava manter boas relações com organizações moderadas e com a cidade de Seattle.

Do ponto de vista organizacional, portanto, havia um diálogo entre os atores envolvidos na organização da Batalha e as autoridades de diversas esferas para que tudo fluísse da melhor forma possível. Não apenas Mike Dolan se empenha intensamente nesse quesito, representando naqueles momentos a coalizão People For Fair Trade, mas também temos outros grupos negociando por permissões para seus eventos

próprios. É importante lembrar que nos dias da manifestação, diversos eventos, organizados pelos mais variados grupos, se desenrolaram nas ruas de Seattle, principalmente no centro.

Todos os grupos já citados acima organizavam regularmente reuniões com o intuito de se planejar, preparar e educar os integrantes sobre as políticas que envolviam a OMC e o que ela causava mundo afora. Se levarmos em conta essas reuniões, treinamentos e palestras sobre a OMC, além de questões sobre manifestações e ativismo, é como que se a Batalha de Seattle já tivesse começado, já que conforme se aproximava final de novembro, as reuniões e encontros, com diversas finalidades, se intensificavam. De uma base mensal, a maioria passou se tornar semanal.

Mesmo anteriormente à Batalha propriamente dita, as coisas já fervilhavam durante o processo de estruturação e organização do movimento. AFL-CIO, por exemplo, incumbiu voluntários de fazerem palestras e apresentações em escolas e universidades com o intuito de levar o debate sobre os malefícios da OMC e trazer novos indivíduos para suas fileiras. A AFL-CIO também organizou a maior marcha dos dias de protesto, como falaremos mais abaixo; o People For Fair Trade funcionou como ponto central para algumas ONGs que vieram de fora de Seattle e ajudou a divulgar e organizar vários eventos desses outros grupos, já que essa foi a maior coalizão que surgiu naquele evento; já o Direct Action Network promovia aulas sobre a OMC e técnicas já conhecidas entre aqueles que praticavam o dissenso, ajudava na comunicação e organização entre os ativistas e treinamentos sobre ações diretas não-violentas com ativistas com experiência desde a época anti-Vietnã, tudo com uma estrutura horizontal e dividindo os ativistas em “grupos de afinidade”.

A internet, por sua vez, foi algo já muito utilizado desde o início. Como pensar na comunicação entre esses diversos grupos globais e muitos outros, fora do território

norte-americano? Além a internet ter sido utilizada para acompanhar notícias e seguir listas de informações, vale citar que, mesmo com a internet, métodos tradicionais de comunicação também foram muito usados, como telefones e correspondência física.

Depois de meses de organização e treinamentos para muito dos atores envolvidos, é chegado o momento de tomar às ruas, um momento sempre importante do dissenso americano, a hora de “colocar o corpo na linha”, segundo expressão utilizada no movimento pelos direitos civis da década de 1960. No dia 28 de novembro de 1999, já existe movimentação nas ruas do centro de Seattle, mas é no dia seguinte, 29 de setembro de 1999, um dia antes do Encontro Ministerial da OMC, que a Batalha de Seattle realmente começa a se desenrolar⁸².

29 de setembro de 1999 já começa com cinco ativistas da Rainforest Action Network, um dos grupos que fez parte do Direct Action Network, escalando um guindaste de construção para estender uma faixa com os escritos “Democracia” e “WTO” (a sigla para OMC em inglês) e com setas apontando para lados opostos, indicando que eles seguiam caminhos diferentes (imagem abaixo). Esses cinco ativistas foram os primeiros ativistas presos durante os dias de manifestação em Seattle.

⁸² Segundo Mark Lichback, no texto *GLOBAL ORDER AND LOCAL RESISTANCE: STRUCTURE, CULTURE, AND RATIONALITY IN THE BATTLE OF SEATTLE*, foram 88 diferentes eventos que se desenrolaram durante os cinco dias de manifestação, não contando os eventos anteriores a esses dias e nem posteriores. Levantamentos feitos pelo WTO History Project e pelo Seattle Times trazem também um elevado número de eventos. Foquei nos eventos principais, principalmente naqueles que mais receberam atenção e marcaram a imagem do protesto.



O dia segue com diversos eventos e marchas, entre eles a marcha da Sierra Club, participante da People For Fair Trade/ NO2WTO, que leva às ruas entre 2200 e 3500 ativistas e, dentre esses, cerca de 240 ativistas vestidos de tartarugas marinhas, numa das cenas mais icônicas da manifestação, levando uma crítica a forma como o manejo da vida marinha, principalmente a vida das tartarugas, que vinha sendo tratado pela OMC, com extremo descaso. Além da marcha da Sierra Club, o grupo religioso Jubilee2000 fez um serviço religioso seguido de marcha para um considerável número de pessoas, entre 5000 ou 10000 pessoas, segundo as fontes consultadas⁸³.

⁸³ Ibidem nota 69.



Estima-se que, nesse primeiro dia, cerca de 15 mil pessoas se espalharam em cerca de onze eventos por Seattle. Importante citar que, ainda nesse dia, o primeiro caso de quebra de vitrine foi registrado - uma loja da Nike no centro de Seattle - e são feitas as primeiras prisões, oito no total, por infrações menores.

O segundo dia de manifestações, dia 30 de novembro de 1999, foi o dia da grande marcha da AFL-CIO e foi justamente o dia que mais concentrou manifestantes em Seattle. Foi realmente muito expressivo. WTO History Project apresenta números de até 35 mil pessoas e Mark Lichback estima até 50 mil pessoas, espalhadas em cerca de 38 eventos pela cidade.



Esse dia começa com uma paralização por parte dos trabalhadores das docas que durou entre 4h e 8h, como forma de apoio aos ativistas que se preparavam para ocupar o centro de Seattle. Ativistas do DAN se acorrentam a intersecções ao longo de Seattle, em pontos estratégicos, próximos aos hotéis usados por participantes, do Centro de Convenção e do Paramount Theater, onde aconteceria a cerimônia de abertura do encontro da OMC, impedindo a circulação dessas autoridades e, fazendo com isso, que essa cerimônia fosse adiada e, posteriormente, cancelada. Durante o dia, várias marchas percorrem as ruas do centro de Seattle, realmente tomando o centro da cidade. Essas marchas menores, a maioria delas, pelo menos, se unem à principal marcha do dia, a marcha da AFL-CIO, que seguiu até o Centro de Convenção do Estado de Washington, levando um grande número de pessoas até lá, entre 20 mil e 35 mil pessoas, tendo essa sido a maior marcha dos cinco dias de protestos. Com os diversos eventos acontecendo na cidade, ficou-se a impressão de que realmente aquela porção da cidade tinha sido tomada, levando ao cancelamento dos eventos organizados pela OMC. Para os ativistas, uma pequena vitória.



A violência também aumentou nesse segundo dia. Mais vitrines de lojas foram quebradas no centro, de estabelecimentos comerciais como Nike, Banana Republic e Starbucks. Ao fim da tarde, conforme as ruas foram esvaziando, a polícia tornou-se mais violenta na repressão, chegando a encurralar manifestantes no bairro Capitol Hill, ao lado do centro. Nessa ação, a polícia não apenas encurralou manifestantes que estavam saindo do centro, como também moradores de Capitol Hill. Durante o dia foram presas cerca de 68 pessoas. Devido à escalada no número de manifestantes e no número de prisões, as autoridades de Seattle resolveram impor medidas mais drásticas,

estabelecendo estado de emergência, toque de recolher, zona de “não-protesto” no centro e pedindo ajuda da Guarda Nacional para reforçar o policiamento.



No dia 01 de dezembro de 1999, o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, chegou a Seattle nas primeiras horas da madrugada. Nesse dia, respondendo ao chamado as autoridades da cidade, 200 agentes da Guarda Nacional estavam na cidade, além de 300 agentes da Washington State Patrol. Máscaras de gás também foram proibidas para os cidadãos. Diversas lojas, por sua vez, resolveram manter as portas fechadas, desse dia em diante. Ainda assim, mesmo com todo esse reforço no aparato policial e as medidas divulgadas anteriormente, cerca de 20 eventos aconteceram por Seattle, mas levando um número menor de manifestantes às ruas. O detalhe que espanta é que, mesmo com um número menor de manifestantes em comparação com os dias anteriores, cerca de 7500 pessoas, o número de prisões foi recorde, talvez resultado do aparato policial mais opressivo nas ruas: foram aproximadamente 500 presos.

Nos últimos dois dias o número de eventos e pessoas nas ruas foi reduzindo mais ainda, mas isso tem uma razão: as atenções dos manifestantes se voltaram para os mais de 600 presos que estavam alojados no King County Jail. Eles passaram a exigir, então,

a libertação desses presos. Aqueles que confessaram crimes, poucos, foram soltos rapidamente. Os outros só foram liberados, sem qualquer acusação, depois do fim dos protestos e negociação entre as partes.

Uma tática usada pelos manifestantes presos virou destaque no repertório de ações não-violentas utilizado por eles: a chamada *jail solidarity*, ou solidariedade de cadeia, em tradução livre. Aqueles que estavam presos, recusaram-se a entregar nomes ou outras formas de identificação, atrapalhando o trabalho da polícia, além de se ajudarem mutuamente dentro da prisão. Os que estavam do lado de fora, ficaram lá, reivindicando e fazendo conexões para os presos, durante todo o tempo, até a libertação deles.

A internet, no caso das ruas, também cumpriu um papel bem importante. Para o Independent Media Center, a internet foi o principal pilar de sustentação de suas ações. Através dela, eles divulgavam notícias, que foram acompanhadas pelo mundo todo, acompanhavam notícias de outras fontes e também a usavam para comunicação entre membros. Apesar de ter sido o grupo que mais usou a internet naquele momento, esse uso não se limitou a eles. A internet foi usada por outros grupos como uma rede de informação também: eles acompanhavam notícias, identificavam a movimentação policial e, assim, realocavam grupos de manifestantes pela cidade.

Sem muitas alternativas devido a tudo que foi acontecendo na cidade, autoridades junto com a OMC cancelaram a 3ª Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio. Nenhuma grande decisão foi tomada pela OMC naqueles dias. Nas ruas de Seattle, entre os manifestantes, o sentimento foi de vitória. Eles conseguiram impedir a maior parte dos eventos programados pela OMC, o que levou, por fim, ao cancelamento de todo o encontro. Além disso, eles conseguiram criar um movimento que, além de resgatar laços entre atores perdidos desde a época dos

protestos anti-Guerra do Vietnã, foi um movimento que extrapolou as fronteiras dos Estados Unidos, justamente por combater políticas que também eram transnacionais e globais. O movimento incorporou grupos não apenas do território nacional dos Estados Unidos, como contou com participantes de diversos países e também foi acompanhado de diversos países, em tempo real, muito disso devido ao uso da Internet. Incorporou grupos clássicos do dissenso norte-americano, assim como também táticas que faziam parte do vocabulário dessa tradição, algumas herdadas diretamente das manifestações anti-Guerra do Vietnã, conforme foram vistas nas ruas durante àqueles dias.

Para encerrar, é preciso falar da repercussão do movimento, inclusive entre as autoridades. É notória a repercussão do movimento ao redor do mundo, muito em função do uso da internet, mas também pela cobertura em peso da mídia norte-americana, em grande parte a mídia *mainstream*. Essa cobertura, no entanto, focou muito na questão da violência nas ruas e não no movimento em si, por isso o Independent Media Center se destacou também com sua cobertura alternativa do evento. Além dele, o World Trade Observer foi lançado durante a semana de protesto, editado pela Public Citizen com ajuda de outras organizações⁸⁴, com informações gerais acerca da OMC e suas políticas, principalmente.

A Câmara de Vereadores da Cidade de Seattle, por sua vez, produziu um importante documento, um relatório divulgado no dia 14 de setembro de 2000, meses depois dos eventos em Seattle⁸⁵. Nesse relatório, escrito pelos vereadores Compton, Drago e Licata para os outros membros, o movimento foi ofuscado pela violência e violação de direitos, de ambos os lados. Segundo os vereadores, a polícia impediu o direito de manifestação e de reunião dos manifestantes e os manifestantes, por sua vez, também impediram o direito de reunião dos delegados da OMC. Além disso, o relatório

⁸⁴ Disponível em: <http://depts.washington.edu/wtohist/observer.htm>. Acesso em 14 out. 2017.

⁸⁵ Disponível em: <http://depts.washington.edu/wtohist/documents/arcfinal.pdf>. Acesso em 14 out. 2017.

traz outras severas críticas à prefeitura da cidade de Seattle, no que tange à preparação da cidade para receber o Encontro da OMC: em primeiro lugar, a cidade, pensando em economizar e não contando com a grande adesão que o protesto teve, decidiu não deixar “reservado” o uso de mais policiais e membros da Força Nacional e da Guarda do Estado; em segundo lugar, e mais grave ainda, foi o calote que a prefeitura teria recebido da organização da OMC, já que a prefeitura tinha acordado com a OMC de que essa última custearia a vinda do Encontro Ministerial para Seattle, algo que não aconteceu e o prejuízo ficou todo para a prefeitura.

Capítulo II:

Lentes Teóricas e o *WTO History Project*: história e memória

Nesse momento, é necessário tratar de elementos teóricos fundamentais que permeiam essa pesquisa. Para dar sentido a tudo que foi lido durante a pesquisa, é preciso usar alguns conceitos e metodologias específicas. Nos próximos parágrafos passarei por alguns conceitos que foram essenciais, até esse momento, para me ajudar a desenvolver essa pesquisa.

Na parte final desse capítulo abordarei as entrevistas disponíveis no *WTO History Project* e que foram a grande base para o início e entendimento desse trabalho. É sempre bom lembrar que, disponível no site, encontram-se cinquenta e duas entrevistas que abrangem atores de diferentes grupos que participaram da Batalha. Para trazê-las, tive que fazer um corte, como explicarei mais a frente.

1. Globalização e a Política Cíbercultural.

Já contextualizada a globalização na década de 1990 na parte anterior, agora é necessário falarmos da globalização e os estudos culturais, que entram numa nova fase devido às novas tecnologias que vinha surgindo no final da década de 80 e na década de 1990. Essa mudança é fruto do alcance cada vez mais global das comunicações, consumismo, fluxos de migração e mão-de-obra e de outros fenômenos transnacionais, muitos desses motivados em grande parte pela propaganda e guerra econômica por parte dos Estados Unidos e aliados. O impacto desnacionalizador das novas tecnologias e dos

novos meios de comunicação, principalmente dos meios de comunicação de massa, e até o crescimento significativo das viagens internacionais tiveram seu impacto nessa transição. Segundo George Yúdice, o foco global não fazia parte dos estudos culturais quando esse campo surgiu no final da década de 1950⁸⁶.

Teóricos dos estudos culturais começaram, por sua vez, a trabalhar com a ideia de que os meios de comunicação de massa norte-americanos, que vinha surgindo naquele momento, eram mais uma faceta do imperialismo daquele país. Nesse contexto também, surge o conceito de dependência, numa troca desigual que aconteceria entre as grandes economias e as economias mais frágeis, onde a cultura da economia mais forte se sobressairia. Teóricos como Dos Santos (1970), Cardoso e Faletto (1973) e Franco (1975), dentre outros do período, trabalham com essas ideias. Segundo Yúdice, até Hoggard, que escreve sobre a sobrevivência da cultura da classe operária britânica, manifesta-se apreensivo com a influência que a cultura de massa americana poderia exercer.

Como um jovem que cresceu nos anos 1990 e 2000 no Brasil, é possível ver em minhas próprias vivências a influência da cultura de massa norte-americana, desde o uso excessivo de inglês em estabelecimentos comerciais e no nosso cotidiano, às influências da música, de séries e filmes dos Estados Unidos, responsáveis por criar um imaginário próprio do que seria aquele país.

Ainda no mesmo período, Yúdice cita o trabalho de Marshall McLuhan, ainda radical como os outros, mas que vai num caminho diferente. Para esse último teórico, os educadores deveriam aceitar as novas tecnologias eletrônicas de massa e trabalhar com elas, no sentido de preparar a juventude. Relevante no âmbito dessa pesquisa é que “os

⁸⁶ YÚDICE, George. A Globalização da Cultura e a Nova Sociedade Civil. In: ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (orgs.). Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

sonhos globais de McLuhan, que eram despidoradamente utópicos”⁸⁷ são revisitados quando outros pensam na internet, que acabou por ser tornar o maior difusor da cultura de massa do nosso século e não apenas isso.

Todos esses teóricos deram ênfase à questão das novas tecnologias de comunicação em massa. No entanto, outros teóricos tornam-se críticos desta fase: para esses, os protagonistas da globalização não seriam as novas tecnologias e sim as grandes empresas globais que “produziram uma simultânea integração das economias, desintegração da política e uma diminuição e degradação do emprego, conduzindo assim a uma proletarização das classes médias e uma maior miséria dos pobres, enquanto as empresas prosperam”⁸⁸. As grandes empresas seriam aquelas que na verdade teriam mais influência e poder sobre todo esse processo.

Pensando por essa lógica, é possível entender o motivo pelo qual grande parte dos estudiosos de esquerda não tinham visões otimistas a respeito da globalização, visão essa que de certa forma é compartilhada pelos ativistas da Batalha de Seattle. Porém, é importante lembrar que, devido à globalização e suas novas tecnologias, surgiram novas formas de lutas que acabariam por se tornar recorrentes e muito expressivas nos anos vindouros. Os zapatistas despontam como grande referência no uso da internet de forma inovadora, não apenas para articular redes de solidariedade, mas também para promover direitos de grupos indígenas, promover a democratização do México e organizar um movimento global contra o neoliberalismo. Nesse sentido também, entra a Batalha de Seattle, posterior aos zapatistas.

É com o trabalho de Jesús Martín-Barbero, segundo Yúdice, que os teóricos dos estudos culturais voltam seus olhos para as culturas urbanas dos jovens. Antes dele, muitos teóricos e militantes parecem desprezar a cultura dos jovens já que essas

⁸⁷ Idibem nota 86, p.431.

⁸⁸ Ibidem nota 86, p. 432.

parecem ir contra a cultura soberana do país que, por sua vez, seria a principal defesa do imperialismo cultural. Barbero apresenta uma crítica à ideia de que a transnacionalização seria apenas mais uma forma de imperialismo. Para o autor, apesar das tendências homogeneizadoras comum aos dois, a transnacionalização também foi responsável por romper com velhas estratégias e ampliar o entendimento sobre o Estado. Além disso, é preciso pensar nos meios de comunicação em massa não como um simples problema. Aqui foi necessário um esforço conjunto entre os estudos culturais e os estudos dos meios de comunicação, foi necessário que eles conversassem entre si. Yúdice afirma que os usos de uma política progressista dos meios de comunicação em massa, principalmente nas culturas dos jovens, proposto por Barbero, é talvez o aspecto mais importante da atividade zapatista. Em uma análise mais detalhada, essas características podem ser vistas também em Seattle em 1999, onde vemos uma nova geração de ativistas usando esses novos meios de comunicação a seu favor.

Os zapatistas, por sua vez, aproveitaram a oportunidade apresentada pelo NAFTA e direcionaram essa atenção para o início de sua insurreição e tiveram como principal resultado o estabelecimento de diálogo entre muitos setores da sociedade civil, além de também trazer o governo para esses diálogos, ou seja, o governo participa de alguns desses diálogos entre esses setores da sociedade civil. Os zapatistas também lograram êxito na forma como habilidosamente usaram a internet, mostrando que não há contradição entre a tecnologia e a mobilização das bases, além da internet também ter possibilitado que eles interagissem com outros indivíduos, sejam esses espectadores ou atuantes.⁸⁹

⁸⁹ Ibidem nota 86, p. 443, 445 e 454.

Segundo Gustavo Ribeiro, para existir transnacionalismo é preciso existir globalização, já que essa cria a base econômica e tecnológica para o outro. Ele define globalização como “um processo sobretudo histórico-econômico, diretamente relacionado à expansão do capitalismo, ao ‘encolhimento do mundo’”⁹⁰. Apesar de ambos terem influências diretas na cultura e na política, o transnacionalismo privilegia a políticas e a ideologia, segundo o autor. Para ele, então, a cidadania estaria mais relacionada ao transnacionalismo do que à globalização. E os novos meios de comunicação, por sua vez, dentro desse contexto de um novo capitalismo - o capitalismo eletrônico-informático - permitiu a existência de uma comunidade transnacional imaginada-virtual⁹¹.

Para o transnacionalismo existir, são necessárias algumas condições: históricas, econômicas, sociais, rituais, tecnológicas e ideológico-simbólicas, segundo vários teóricos. Processos de desterritorialização e reterritorialização, fluxos migratórios internacionais e transnacionais, novos atores políticos e sociais, fragmentação de identidades e a cultura pop internacional ligada à uma indústria de comunicação em massa, por exemplo. O transnacionalismo se manifesta de forma diferente, criando um novo domínio político e cultural diferente daquele que já estávamos acostumados: os chamados ciberespaço e cibercultura. Por isso, a base dessa comunidade transnacional imaginada-virtual é a internet e os internautas, chamados pelo autor de ciber-companheiros, os embriões dessa comunidade.

A realidade virtual agora existe em um mundo “paralelo”, o mundo online. Quanto aos conceitos citados acima, sobre ciberespaço e cibercultura, Ribeiro escreve:

⁹⁰ RIBEIRO, Gustavo Lins. Política cibercultural: ativismo político à distância na comunidade transnacional imaginada-virtual. In: ALVEREZ, S.; DAGNINO, E.; A. Escobar (Orgs.). Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. P.466.

⁹¹ Ibidem nota 90.

“O ciberespaço é um universo onde um *usuário* entra quando se conecta a rede. Lá não apenas sentirá que está em um mundo virtual *high-tech*, mas também se encontrará com outros usuário, normas, cosmovisões, procedimentos e discursos que compreendem uma cibercultura dividida em muitas subculturas. A internet é um arquipélago global virtual em um oceano eletrônico que demanda navegadores que incorporem e sejam fascinados por suas virtudes”⁹².

A importância de estabelecer a diferença de uma realidade virtual e desse mundo paralelo online se dá devido a própria natureza de algumas ações que tomaram lugar no contexto da Batalha de Seattle. Como foi mostrado no capítulo anterior, algumas ações se deram principalmente online, dentro do mundo paralelo online, como quando retiraram do ar um site devido ao excesso de acessos e também a existência da lista StopWTO Round que circulou em fóruns online. Nesse sentido, devido ao acesso à internet e, conseqüentemente, a essa lista, além de outros meios de informação como o Indymedia, indivíduos de fora dos Estados Unidos puderam ter notícias sobre o que acontecia em Seattle. Isso mostra como esses indivíduos podiam manipular e de certa forma viver a realidade virtual, como afirma Ribeiro acima.

Afirmando que a internet é um meio transnacional de comunicação, Ribeiro ainda fala sobre a linguagem da internet e levanta algumas hipóteses. Numa delas, Ribeiro afirma que poderia existir um “programa Torre de Babel” que seria capaz de traduzir todas as línguas. Hoje, por exemplo, o Google, com o seu Google Tradutor, tem

⁹² Ibidem nota 90, p. 471.

uma capacidade espantosa de tradução de diversas línguas do globo⁹³. O impressionante é que hoje a ferramenta funciona sem internet, ainda que de forma mais limitada.

Esse detalhe, muito específico, é capaz de mostrar o potencial libertador da internet, que não se resume é claro apenas a isso. O acesso à rede, por exemplo, ajuda os “mais fracos” a inundarem o mundo de informação, informação essa que pode ser usada para combater os “mais poderosos” e, sem barreiras linguísticas, esse fluxo de informações torna-se ainda mais fácil e útil para esses grupos. Além de instituições e coletivos, organizações não-governamentais também passam a usar esse potencial libertador de forma bem frequente, como é fácil visualizar hoje. De fato, a internet realmente conseguiu aproximar esses grupos e dar voz àqueles mais marginalizados. Exemplos para esse caso são abundantes: os zapatistas, a Batalha de Seattle, a Primavera Árabe e o movimento Occupy. Todos movimentos que conseguiram ampliar sua voz com o apoio e estruturas proporcionados pela internet.

No entanto, Ribeiro também chama atenção para alguns aspectos negativos da internet, afirmando que toda inovação tecnológica é ambígua. A internet ainda sofre com controle, não sendo totalmente livre. Ainda que exista a ideia de um controle descentralizado, Ribeiro identifica uma hierarquia de conexões que teria como centro de controle o Estado norte-americano, ou em agências de seguranças do próprio governo, ou em grandes corporações. Outros fatores também limitam a internet: os custos de se ter e manter um computador, da própria internet, conhecimento básico sobre a rede, educação, acesso ao inglês, todos citados por Ribeiro. Além disso, gostaria de incluir, como já citado anteriormente, o acesso e a distribuição desigual da internet ao redor do globo, além de outros.

⁹³ Segundo o Google, são 103 línguas disponíveis no aplicativo. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.google.android.apps.translate&hl=pt>. Acesso em 06 nov. 2017.

Assim, usando todo esse potencial da internet, várias ONGs, e não apenas elas, já acostumadas com tudo que o espaço físico tinha a oferecer, elas embarcaram nesse novo espaço eletrônico, encontrando ali um aliado poderoso. Coalizões podem ser feitas unindo vários atores em diferentes níveis, formando alianças transnacionais das mais diversas, com pouco controle dos Estados. A partir daí, notícias poderiam ser compartilhadas e planos políticos e ou culturais poderiam ser traçados. Ribeiro determina todo esse processo como uma arma poderosa a serviço da sociedade civil global⁹⁴.

O autor usa como primeiro grande exemplo a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992 de como as ONGs e as redes eletrônicas podem se articular no mundo contemporâneo. Mais à frente, ele também escreve sobre os zapatistas, principalmente da forma como esses usaram a internet para fazer política e intervir na política. Veja bem, eu ainda posso incluir a Batalha de Seattle nessa lista, que em 1999, vai se apropriar dessa nova forma de fazer política, vai reinventá-la, junto com todo um repertório de dissenso já conhecido, e inovar, deixando um grande legado de herança.

Ribeiro também chama atenção para cenários de guerra da informação, onde os guardiões do establishment podem entrar em confronto com hackers, que ele chama de cyber-Robin Hoods, que, como o personagem do conto, seriam foras da lei para alguns e heróis para outros. E a internet permite isso, existência de ativismo à distância com forte capacidade de intervenção no real e de embates, esses também à distância. A diminuição da distância, a velocidade e a simultaneidade desempenharam papel importantíssimo para o desenvolvimento dessa rede.

⁹⁴ Ibidem nota 90, p. 481.

Essas características citadas logo acima também escancaram outra questão importante: para se resolver impasses, a política democrática teria que se estender para as questões globais. No mundo globalizado, dificilmente questões tradicionais ainda podem ser resolvidas dentro dos limites de um Estado apenas⁹⁵. Os movimentos feministas, por exemplo, continuam a defender os direitos das mulheres, se rearticulando e se reorganizando, agora de forma transnacional. Movimentos ambientalistas também estão entre aqueles que estendem suas atividades para além das fronteiras de um país, envolvendo-se em questões transnacionais. Em ambos os casos, tanto para os movimentos feministas quanto para os movimentos ambientalistas, é possível repensar as espacialidades da democratização. Segundo o autor, o Estado territorial já existente começa a sofrer pressões na nova ordem mundial global. Pressões que partem de baixo, desses atores citados acima, e pressões de cima, partindo da globalização do poder econômico, cultural e político, deixando assim os limites territoriais desse Estado cada vez mais frágil. Essa questão também pode ser exemplificada pela Batalha de Seattle, que foi um movimento global e transnacional, como já sabemos, e até pela própria Organização Mundial do Comércio, que interfere através de regulamentações nas políticas e economias dos países membros.

Valendo-se de Ernesto Laclau, Slater escreve sobre a diminuição da divisão entre o Estado e a sociedade civil, afirmando que existem correntes que circulam entre essas esferas autônomas que mostram essa diminuição. Para corroborar sua afirmação, Laclau afirma que a radicalização do processo democrático não representa uma fissura entre essas duas esferas e sim representa uma aproximação, já que o avanço da democracia exige medidas progressistas por parte do Estado que vão ao encontro dos desejos pertinentes à própria sociedade civil. Essas tentativas de marcar a importância

⁹⁵ SLATER, David. Repensando as Espacialidades dos Movimentos Sociais: Questões de Fronteiras, Cultura e Política em Tempos Globais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

de estreitamento de relações entre Estado e Sociedade Civil é verdadeiramente relevante para o entendimento de movimentos sociais, segundo Slater. A partir disso, pode-se pensar nas possibilidades de avanços democráticos não apenas pelo atendimento pelo Estado de demandas materiais, como também pela criação de novos canais para participação da sociedade civil. A construção de consenso tem, no entanto, esbarrado no uso cada vez maior da coerção, como se pode observar no caso em estudo.

Nesse sentido também, Slater evoca o conceito de “governamentabilidade” de Foucault, que é vista ao mesmo tempo como interna e externa ao Estado, segundo o autor, e poderia “ser vista como uma espécie de tentativa de pacificação do político, e as resistências e oposições a essa pacificação – diferentes tipos de movimentos, que Foucault chama de “discursos reversos – poderiam ser tomadas como equivalentes do ‘político’”⁹⁶.

Slater também escreve sobre os zapatistas e é de uma entrevista com um comandante zapatista que Slater consegue visualizar uma imaginação geopolítica que funde vários aspectos espaciais: o global, o nacional, o regional e o local. Aqui, ele faz alguns destaques. O primeiro detalhe é que o processo de globalização tem o potencial de romper os Estados-nações e aumentar as divergências regionais dentro desses estados. O segundo é que o confronto político e de ideias tornou-se mais significativo do que o poder militar direto, podendo esse ponto ser relacionado à quando Rodrigo Cezar fala sobre a diminuição da importância do poder bélico frente a novos poderes. Cezar falava do capital e do poderio econômico, enquanto Slater fala de política, ideias e cultura, mas ambos salientam o aumento da importância de outras formas de “guerra” que não a militar. Em terceiro e por último, a importância dos meios de comunicação, principalmente a internet.

⁹⁶ Ibidem nota 95, p. 515.

2. Memórias e Lugares de Memória.

Pierre Nora nos avisa que falamos tanto de memória pelo simples fato de que ela não existe mais. Segundo o autor, existem lugares onde essa memória se cristaliza e propicia um momento de articulação em que nos damos conta da ruptura com o passado e da fragmentação da memória, criando um sentimento de continuidade pertinente àquele local. Esses locais de memória existem justamente porque não existe mais meios de memória⁹⁷.

Memória e História também não são sinônimos, continua o autor, chegando as duas a se oporem. A memória é sempre carregada por grupos vivos, em constante mudança, ou melhor, sempre em mutação, suscetível a diversos usos e manipulações, um elo entre presente e o passado, sendo ela afetiva. Por outro lado, a história é a reconstrução do que não existe mais, sempre problemática e incompleta, uma representação do passado, sendo ela, por sua vez, intelectual e, por isso, demandando análise e discurso crítico. Por fim, é importante citar que a memória pertence a um grupo específico, o qual ela é responsável por unir, enquanto a história pertence a todos, tornando-se assim mais abrangente.

É fácil visualizar essa última afirmação. São diversos grupos que detêm a sua memória, fazem um resgate e agem em defesa dessa memória, enquanto, no que tange à história desses grupos, outros indivíduos e atores se envolvem no processo de feitura da história, que na maioria das vezes é um processo intelectual, exigindo crítica e análise de fontes. Nesse sentido, é possível visualizar os grupos quilombolas, por exemplo, que

⁹⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

detêm em seu círculo as memórias da escravidão, passadas de geração em geração, como também as memórias de resistência e visualizar os historiadores, principalmente aqueles que não são quilombolas, precisam trabalhar com essas memórias, para eles externas. Mas talvez um bom exemplo para ilustrar esse caso seja a minha própria pesquisa.

Pensemos, então, na minha pesquisa sobre a Batalha de Seattle e levando em conta as afirmações acima. Os grupos que detêm a memória do movimento são aqueles grupos que se envolveram de alguma forma com o movimento, tanto no processo de organização, quanto na tomada das ruas que aconteceu no final de novembro e início de dezembro de 1999. São esses atores, sejam eles grupos ou indivíduos, que guardam essa memória viva dentro de si, que passam à frente suas experiências na forma de entrevistas, como de fato existe a série de entrevistas que constituem fontes importantíssimas para essa pesquisa. Todos esses atores têm em comum algo, que os traz para dentro de um grande grupo: todos participaram da Batalha de Seattle de 1999. Eles são os detentores dessa memória direta e, juntos, compartilham essa mesma memória, cunhada no calor no movimento naquele ano. Ainda existe também aqueles que, por tabela, detêm a memória indireta e, de algumas formas, também participaram do movimento.

Na outra ponta, estamos nós, os historiadores. Eu, no caso do exemplo usado, que desenvolvo minha pesquisa sobre a Batalha de Seattle. Eu não sou o detentor daquela memória, eu não participei do movimento. Nem poderia ter participado, já que tinha dez anos no momento da eclosão. Dez anos de idade e morava há muitos quilômetros de distância dos Estados Unidos. Apesar disso, ainda assim, faço minha pesquisa sobre esse tema, dependendo de fontes daquele momento e, como já citei, as entrevistas daqueles atores e detentores da memória se mostraram muito significativas

para mim. Eu, como historiador, sou responsável pela crítica, problematização e análise, como a História requer.

Esse atores e detentores dessa memória também se valem dos locais de memória como ativadores dessas memórias. Lugares geográficos e físicos, num primeiro momento. O Seattle Labor Temple, local da primeira reunião e que povoa o imaginário do dissenso em Seattle é um dos primeiros locais em que a memória se cristaliza e solidifica, também por ser lar do King County Labor Council. Outro lugar importante nesse sentido é o próprio centro de Seattle, tomado por manifestantes naquele momento, como pode ser visto em centenas de imagens de fácil acesso através da internet. As próprias imagens do movimento constituem um local de memória, assim como também a internet assume esse papel, a internet sendo um grande monumento de memória ao movimento.

Para Nora, “no coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história (...)”⁹⁸. Isso se dá justamente por a história não ser espontânea como a memória, já que a história, como intelectual e científica, necessita da crítica e análise, fatores já citados nos parágrafos anteriores. O autor chama atenção, então, para outra questão nesse debate de memória e história, um embate entre dois sentidos: o movimento historiográfico e o movimento propriamente histórico, que pode ter sido gerado a partir de uma tradição de memória. Sobre isso, o autor escreve: “O tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída”⁹⁹. Retomando novamente minha pesquisa, quando seleciono as memórias e as utilizo como fonte, o que faço é a memória desaparecer, ao menos dentro do meu texto, de sua forma original como nas fontes e as transmuta numa

⁹⁸ Ibidem nota 97, p.09

⁹⁹ Ibidem nota 97, p.12.

história reconstituída. Os leitores desse trabalho, não verão mais a memória em si e sim a história criada a partir dela.

Esses locais de memórias são, ainda citando Nora, restos. E eles podem ser diversas coisas, como museus, cemitérios, festas, tratados, processos verbais, santuários, associações, monumentos e arquivos. Monumento, citei brevemente o exemplo da internet alguns parágrafos acima. Mas a internet também funciona como um grande arquivo em alguns casos. É só ver grandes periódicos que já possuem em seus servidores online grande parte, se não a totalidade, de seus arquivos. Para muitas empresas, a internet, com seus servidores e esquema de acesso à “nuvem”, tem representado economia de papel e espaço. E, em se tratando de pesquisa sobre a Batalha de Seattle, a internet é sim um grande arquivo, tendo como maior exemplo o acervo do site *WTO History Project*, iniciativa desenvolvida pela Universidade de Washington cujo objetivo era fomentar a produção de conhecimento, mas que não deixou também de monumentalizar o evento, que conta com grande parte de seu acervo documental, seja imagético ou textual, disponível na internet. A internet, e esses site-arquivos, não são apenas locais de memórias como monumento, mas também como arquivo, como lugar de acumulação e armazenamento de conhecimento e de fontes.

O sentimento de que a memória não é espontânea, por sua vez, cria a necessidade dos lugares de memória¹⁰⁰. É preciso criar arquivos, monumentos, entre outros, já que essas operações não são naturais. Durante a Batalha, muitos ativistas criaram seus arquivos pessoais. Foram muitas fotos, principalmente, muito panfletos e flyers. Os próprios periódicos estadunidenses fizeram cobertura do movimento e possuem esses documentos em seus arquivos. O *WTO History Project* foi muito bem-sucedido no sentido de organizar um grande acervo sobre a Batalha e fazer esse resgate

¹⁰⁰ Ibidem nota 97.

da memória do movimento, principalmente no sentido das memórias de diversos atores do movimento, já que essas entrevistas foram organizadas pouco tempo depois de dezembro de 1999. A maioria, inclusive, é do ano de 2000.

Sobre os lugares de memória, Nora continua afirmando que eles pertencem a dois domínios: simples e ambíguos, naturais e artificiais, o que os torna interessantes e complexos. Podem ser encontrados nos três sentidos da palavra, segundo o autor, material, simbólico e funcional. Para explicar tal, transcrevo o autor: “Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento (...) só entra na categoria se for objeto de um ritual. (...) Os três aspectos coexistem sempre.¹⁰¹” O que acontece é uma interação entre a memória e a história.

Michael Pollak introduz seu texto falando sobre pontos de referência que estruturam a memória e, entre eles, ele cita os monumentos, lugares de memória citados por Pierra Nora. Arquitetura, paisagens, datas, tradições, música e até culinária, para o autor, podem ser esse pontos de referência para a memória, podem ser esses lugares de memória, usando novamente o conceito de Nora. Nesse sentido, também já afirmei a internet como um lugar de memória. Falando sobre a tradição durkheimiana, onde os fatos sociais podem ser tratados como coisas, o autor afirma que esses pontos de referência podem ser usados como indicadores empíricos da memória coletiva. Usando Halbwachs, Pollak fala sobre como a forma mais acabada de memória coletiva de um grupo é a memória nacional. Nesse sentido, é importante salientar a seletividade da memória, como também a existência de um processo de negociação entre a memória

¹⁰¹ Ibidem nota 97, p.21 e 22.

coletiva e as memórias individuais. São necessários, portanto, pontos de contato entre as memórias¹⁰².

Ainda que seja significativo o fato de que esse movimento não tenha sido incorporado nas narrativas dominantes da nação, a memória nacional, como um todo, nesse momento não é o ponto a que quero chegar. Aqui, é importante pensar a memória do movimento. A memória coletiva do movimento existe, tanto que, pensando na tradição durkheimiana, as entrevistas coletadas pelo *WTO History Project* servem como forte indicador empírico para esse grupo específico, afinal foram vivências narradas pelos próprios atores e guardadas na forma de transcrição. Pensando no próprio projeto do *WTO History Project*, os acadêmicos da Universidade de Washington fazem esse trabalho de conciliar a memória coletiva do movimento com a memória individual daqueles envolvidos.

A partir dessas reflexões, Pollak reconhece o caráter problemático da memória, principalmente da memória coletiva. Dessa forma, ele reconhece que a história oral, “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias”¹⁰³, traz à tona memórias que se opõem à memória nacional, que no caso seria uma memória oficial. Esse processo, segundo o autor, exacerba o caráter tirano e impiedoso da memória coletiva nacional. Essas memórias dos excluídos e marginalizados, que ele chama de memória subterrânea, fica escondida em grande parte, agindo na subversão, vindo à tona em momentos polêmicos e de crise, fazendo as memórias entrar em disputa. Para Pollak, grande parte dos objetos de pesquisa são escolhidos nesses momentos de disputa entre as memórias.

Pensar na memória nacional dos Estados Unidos, essa memória que afirmam ser oficial, é pensar na memória do status quo e do *establishment* norte-americano, também

¹⁰² POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, vol.02, n.03, p.3-15, 1989.

¹⁰³ Ibidem nota 102, p.04.

muito sustentada e compartilhada pela mídia *mainstream* daquele país. Essa memória oficial, que marcou o movimento mais pela confusão e repressão por parte da polícia, evidentemente, entra em conflito com a memória coletiva do movimento, que preservou várias estruturas e repertórios do movimento. A memória oficial aparece, por exemplo, também na forma do relatório oficial divulgado pelos vereadores de Seattle que fala, pasmem, sobre a violência policial e sobre o fato de os manifestantes terem impedido o direito constitucional dos ministros da OMC de se reunirem em assembleia. O que precisa ser entendido é que são diferentes memórias, a oficial e a do movimento, essa última também já ecoando as memórias individuais. Dessa forma, é possível ver esse tipo de memória entrando no tipo de disputa salientado por Pollak e essa pesquisa surge justamente no contexto de analisar melhor essa disputa, pelo menos no sentido de ver a herança da Batalha de Seattle.

Pollak também trata de um fenômeno interessante, o silêncio, que não significa necessariamente o esquecimento, como pode ser comumente pensado. Pode significar sim uma forma de resistência que a sociedade civil sustenta contra os discursos, as memórias oficiais. Há uma forma de pensar essa afirmação dentro do contexto: existe a própria questão da participação dos Black Blocs, que de certa forma ainda é envolta em um “longo silêncio”. Divulgaram apenas um comunicado, sem muitos mais detalhes. Mas, novamente, isso não quer dizer que a memória não exista. Faz parte do *modus operandi* black bloc manter esse silêncio, principalmente sobre identidade e futuras ações.

Ainda sobre os Black Blocs, é possível retomar outro ponto da discussão de Michael Pollak. Esse autor fala sobre aquela memória que é transmitida apenas dentro de um quadro familiar, em associações ou em redes de sociabilidade muito específicas, afetivas ou políticas. Ele chama essas lembranças de proibidas, indizíveis ou

vergonhosas e que são guardadas com muito cuidado no seio desses grupos afetivos ou políticos. São temas que habitam a fronteira ou a transpassam, a fronteira entre o dizível e o indizível. É o domínio do “não-dito”, segundo ao autor. Os exemplos que Pollak usa nesse momento diferem muito do meu objeto de pesquisa final, mas é possível trazer essa reflexão para entendimento dos Black Blocs. Devido às ações radicais desse grupo durante suas ações, no caso da Batalha houve envolvimento em destruição de patrimônio privado e corporativo, como os próprios enunciam no comunicado, fica fácil visualizar o motivo do anonimato, nesse tipo de ação, e porque esses atores preferem o silêncio e o “não-dizer”. Esses relatos, essas lembranças e, por fim, essas memórias talvez só sejam compartilhadas, nos maiores detalhes, dentro de círculos íntimos desses atores.

Pollak também fala sobre a memória ser “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”¹⁰⁴ e, por isso, ele fala que é necessário uma memória enquadrada, ou seja, se faz necessário um trabalho de enquadramento, que pode acontecer com ferramentas fornecidas pela história. Entrevistas, até suas transcrições, como no caso dessas fontes, podem ser enquadramentos. A história de vida colhida por meio de uma entrevista oral é uma forma de enquadramento. O autor usa como exemplo também a questão do filme-testemunho e documentário, que se tornaram poderosos instrumentos, principalmente para rearranjar a memória coletiva. De fato, esse tipo de filme e os documentários mantêm grande importância hoje, tanto aqueles que de fato fazem um trabalho historiográfico, quanto aqueles que não tem esse tipo de cuidado na sua pesquisa, mas ainda assim causam grande impacto no imaginário popular. A Batalha de Seattle já foi

¹⁰⁴ Ibidem nota 102, p.09.

tema de um filme homônimo¹⁰⁵, assim como já apareceu em documentários, mesmo que em referências¹⁰⁶.

O último ponto de gostaria de levantar sobre esse texto de Pollak é sobre identidade. A memória também envolve o sentido da identidade do indivíduo ou do grupo. Falando de entrevistas específicas que ele fez, o autor chega à conclusão de que as características ali coletadas devem ser consideradas como instrumentos da reconstrução da identidade e não apenas relatos. Ou seja, aquelas entrevistas, enquadramentos da memória e também locais de memória, reforçam a ideia de que aqueles indivíduos dividem experiências, principalmente empíricas, que as juntam naquele grupo específico. Por dividirem aquela memória, daquela vivência, é que elas fazem parte daquele mesmo grupo. Se faz necessário pensar que, apesar do grande número de atores diferentes e da grande quantidade de bandeiras levantadas na Batalha de Seattle, todos estavam ali com o objetivo de combater as políticas da Organização Mundial do Comércio, o liberalismo e as novas políticas econômicas globais, principalmente incentivadas pelo Governo Clinton. Esse objetivo em comum, participar do movimento e do ato de tomar as ruas, criou naqueles atores o sentimento de pertencimento a um grupo.

3. História do Tempo Presente.

Sobre a expressão “nosso próprio tempo”¹⁰⁷, Eric Hobsbawn afirma que ela supõe que a experiência individual também seria uma experiência coletiva. Basicamente, o que um indivíduo específico viveu no âmbito de sua vida particular não

¹⁰⁵ Batalha de Seattle (Battle In Seattle), 2007, direção: Stuart Townsend.

¹⁰⁷ HOBBSAWM, Eric. *O presente como história*. In: Sobre história: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p.209.

necessariamente condiz com a memória coletiva oficial do grupo o qual aquele indivíduo se insere, seja ele qual for. Hobsbawn explica: se nós reconhecemos os principais marcos da história nacional ou até mundial, não significa que tenhamos vivenciado aquilo, mas sim porque existe um consenso sobre tais marcos históricos.

Falando sobre uma experiência específica, Hobsbawn afirma que um historiador mais novo precisa de outras “armas” para entender e embarcar em determinadas pesquisas, como, por exemplo, um esforço de imaginação, uma disposição para superar as crenças baseadas no seu próprio momento de vida e um grande trabalho de pesquisa. Essas “armas” não seriam necessárias para um historiador mais velho, que tenha vivenciado ou experimentado um pouco do seu objeto de pesquisa. Essa seria a primeira observação do autor a respeito do estudo da História do tempo presente.

Essas reflexões podem ser diretamente aplicadas nessa pesquisa sobre Seattle. Não estive presente no movimento, como é evidente e já foi mencionado, mas os marcos sobre a Batalha chegaram a mim através de outras formas, também relatos e estudos, feitos anteriormente por outras pessoas. Além disso, o fato de não ter estado presente, ainda que meu objeto de pesquisa esteja no tempo presente, traz sim desafios com os quais os historiadores já estão acostumados a lidar. Acredito que para aqueles que puderam vivenciar ou pelo menos presenciar a Batalha, seja talvez mais fácil o trabalho de visualizar a Batalha na hora de pesquisa, justamente por ela estar presente na memória do indivíduo. Isso, é claro, não torna mais fácil o trabalho historiográfico. No entanto, no meu caso, pesquisar sobre a Batalha de 1999 requer um esforço maior, principalmente no sentido de poder visualizar o movimento, já que não detenho essa memória, dependendo sempre das fontes disponíveis.

A segunda observação de Hobsbawn não diz respeito à proximidade, em termos de tempo, entre o historiador e seu objeto de pesquisa, para ser mais preciso. A questão

é o efeito da passagem do tempo sobre a perspectiva do historiador, sobre as questões relacionadas ao objeto, que, basicamente, podem mudar. A questão a qual o historiador quer se centrar, nesse momento, é que “até o passado registrado muda à luz da história subsequente”¹⁰⁸. O autor afirma que viver dois ou três anos dramáticos, apesar de brevíssimo intervalo de tempo se considerarmos o tempo histórico, pode mudar radicalmente como o historiador considera o passado. A forma como o historiador vê a história de fato pode mudar com o passar do tempo, a curto, médio ou longo prazo, e esse mudar na perspectiva do historiador pode levar ao revisionismo, por vezes severo, daquilo que já foi estudado. A Batalha de Seattle, por ter sido um evento que ocorreu há cerca de dezenove anos atrás, já passou por momentos de revisão historiográfica, por assim dizer, e pela mão de diversos teóricos para os mais diversos usos. O olhar de outros acadêmicos da Universidade de Washington, ao ver o *WTO History Project* pronto nos anos 2000, dificilmente será o mesmo que o meu atualmente, ainda que eu use o mesmo material como fonte.

O terceiro ponto que Hobsbawn chama atenção atinge, segundo ele, historiadores de todas as gerações e tem difícil revisão ao longo do tempo, ainda que não seja completamente imune às mudanças históricas. Esse ponto trata do consenso histórico que o autor já se referiu, o qual reproduzi acima. Basicamente que esse consenso, formado dessa memória coletiva oficial, é forte e extremamente enraizado, não sendo imune, mas difícil de ser destruído ou atualizado. O autor usa como exemplo a Segunda Guerra Mundial, que teve sua historiografia incompleta ou até equivocada, como ele mesmo sugere, até o momento em que, nos anos de 1970, permitiram que se escrevesse sobre o estabelecimento de decifração de código em Bletchley¹⁰⁹. Entretanto, o problema para o historiador contemporâneo não é a ausência de fontes, é justamente o

¹⁰⁸ Ibidem nota 107, p.214.

¹⁰⁹ Ibidem nota 107, p.217.

oposto: o excesso de fontes. A queixa do historiador atual vai ser de excesso de fonte e de como filtrar essas fontes.

Concluindo o texto, Hobsbawn evoca os escritos de Reinhart Koselleck, apesar de achar que esse último exagera, sobre o historiador do lado vencedor e aquele do lado vencido. O historiador que escreve sobre o lado vencido ou para o lado vencido tem uma necessidade maior de explicar o motivo pelo qual o evento não se desenrolou como deveria, buscando explicações e causas que explicassem e justificassem a derrota. Sendo assim, no final, essa necessidade leva a uma busca maior, que por vezes leva a resultados maiores que expliquem aquele fenômeno. A longo prazo, o que resultou dessa pesquisa, tem um efeito mais duradouro.

Em se tratando da Batalha de Seattle, é difícil determinar, a longo prazo, quem foram os vitoriosos e quem foram os perdedores. Ainda no ano de 1999, os manifestantes e ativistas que estavam nas ruas se julgaram vitoriosos por terem conseguido travar e impedir completamente as reuniões da Organização Mundial do Comércio naquele contexto. Para os pesquisadores que tive acesso durante essa pesquisa, muitos com textos que escreveram suas reflexões no início dos anos 2000, o sentimento também é de que o movimento foi, ao menos, bem sucedido em conseguir impedir as articulações da OMC naquele momento específico. Mas a realidade é que, tempos depois, a OMC se reuniu, como continua a se reunir, e continuou praticando as suas políticas neoliberais ao redor do globo. O sentido de vitorioso, do movimento, então, terá que migrar para outros aspectos. Aspectos como a herança deixada e a repercussão do movimento, por exemplo. Também o fato da historiografia ainda rever esses eventos, com novos olhares, como Hobsbawn descreveu acima, ajuda focar esses movimentos com nova luz e apontar outros destaques.

Segundo Ferreira, é apenas no final do século XX que a coisa realmente muda de figura para as relações entre passado e presente na história. É com a expansão dos debates sobre as relações entre memória e história que surgem novas ferramentas que vão de fato contribuir para esse ramo da história. Esses novos debates sobre essas relações entre memória e história colocam “em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente, reconhecendo que o passado é construído segundo as necessidades do presente e chamando atenção para os usos políticos do passado.”¹¹⁰. Ao reconhecer a subjetividade, abriu-se espaço para os testemunhos diretos.

É após a Segunda Guerra que surgem termos mais específicos para tratar a história do tempo presente e é também após essa Guerra que, na França ao menos, o estudo do século XX recebeu maior legitimidade. Ferreira, então, discute sobre qual seria o marco inicial para a história do tempo presente. Esse tipo de discussão me é útil para ver até que ponto realmente a história da Batalha de Seattle se enquadra em história do tempo presente. Para alguns, esse tipo de história trabalha com o período em que vivemos e que temos lembranças, para outros é a época em que as testemunhas são vivas e podem ajudar o historiador ou coloca-lo em cheque. Para Hobsbawn, o tempo presente é o período que acaba por pressionar o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado. Em todos os casos, é possível ver como a Batalha se encaixa nesse estudo específico de história.

A Inglaterra foi um lugar onde a história recente encontrou resistência, mas foi de lá também que veio o forte aval de Eric Hobsbawn em 1998. Para ele, não há escolha, é necessário que ela seja feita com os mesmos critérios de pesquisa que para os

¹¹⁰ FERREIRA, Marieta. História do Tempo Presente: desafios. **Cultura Vozes**, v. 3, 2000, p.07.

outros tempos, ainda que seja para salvar do esquecimento¹¹¹ aquele fato histórico e preservar fontes importantes para historiadores do futuro. Seguindo nessa linha, identifiquei o trabalho feito com o *WTO History Project*, que compôs um grande esforço em reunir diversas, e importantes fontes e salvaguardá-las, tanto em um arquivo físico na Universidade de Washington, o qual não tive acesso até esse momento, quando em um arquivo online, igualmente relevante. E completamente disponível para quem quiser usar, como no caso dessa pesquisa.

E mesmo com as críticas, como a desqualificação das fontes orais em alguns casos e preocupação com falsificações, por exemplo - e devo acrescentar que, com a internet, a proliferação de falsificações e notícias falsas, mais chamadas de *fake news*, esse tipo de preocupação ainda é válido -, além das falsificações as próprias memórias, os historiadores têm revisto suas posições quanto ao estudo do presente e a demanda social tem sido alta nessa área. Para selar de vez seu argumento, Ferreira usa Roger Chartier. Para o historiador, a falta de distância entre o historiador e o objeto pode ser uma ajuda importante para ajudar a entender a realidade a ser estudada, já que o pesquisador e o objeto de pesquisa são contemporâneos e por isso dividem categorias e referências. Ainda baseando-se nesse historiador, a história do tempo presente pode permitir mais facilmente a articulação entre os elementos que permitem os laços sociais, assim a autora afirma que a história do tempo presente possui um lugar privilegiado para pensar as modalidades e formas de incorporação social pelos indivíduos. Ao terminar de falar sobre Chartier, a autora afirma a contribuição da história oral nesses casos.

¹¹¹ É importante citar que Hobsbawm não é um historiador que lida com a ideia de esquecimento como lidam os historiadores e teóricos que trabalham com o conceito de memória e pensam portanto esquecimento não como lacuna, mas como um elemento integrante do processo de construção de uma lógica memorial.

Quanto às falsificações, desvios e ocultações, Ferreira demonstra preocupação, mas afirma que, usar os princípios básicos da tradição disciplinar da história, ajuda a não desvalorizar completamente esses tipos de testemunhos, já o estudo do porquê das falsificações e dos usos políticos que eles fazem pode ser muito útil para nós historiadores¹¹². A proliferação de falsificação sempre existiu, mesmo para o historiador que não trabalha com o tempo presente. Mas com a internet, a profusão de notícias falsas ou de caráter duvidoso é grande. Cabe então ao historiador fazer a crítica a essas fontes, um trabalho com o qual a historiografia já está acostumada: crítica das fontes. Mesmo as notícias falsas, surgem com o intuito de desestabilizar um movimento ou de deslegitimar algum aspecto daquele movimento ou ele todo. E é claro que isso não se aplica somente a esses movimentos. É importante também entender o porquê que essas notícias falsas surgem, afinal surgiram com algum propósito.

Foram Agnès Chauveau e Philippe Tétart os primeiros a escreverem sobre essa nova modalidade de produção histórica, que seria afluyente dos anos de 1950 e surgiu uma resposta às demandas sociais quanto a esclarecimentos sobre o que se tinha vivido e se ampara no pressuposto teórico e metodológico de que a história não se faz apenas com o passado¹¹³.

Rodolfo Fiorucci identifica que, foi com o surgimento da Nova História Cultural, com os *Annales*, que surgiram novas fontes, objetos e temas. Assim, cultura e política passam a se encontrar frequentemente nos estudos que focam no presente e passam a oferecer muitas novas opções aos historiadores, principalmente por abandonar

¹¹² Ibidem nota 110, p.11.

¹¹³ FIORUCCI, Rodolfo. *Considerações acerca da História do Tempo Presente*. Revista Espaço Acadêmico, n.125, outubro de 2011. & MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Para uma História do Tempo presente: o ensaio de nós mesmos*. Revista Catarinense de História, n.17, p.137-151, 2009.

certas formas do fazer historiográfico, como a questão do afastamento temporal do objeto¹¹⁴.

Muito além da mudança nos processos de produção historiográfica e de pesquisa, a era contemporânea impôs aos historiadores mudanças fruto do próprio tempo. A expansão da globalização, o desenvolvimento tecnológico, o aumento do poder e alcance da mídia, avanço da comunicação entre pessoas por meios eletrônicos, mesmo aquelas que estão muito distantes geograficamente, todos esses fatores criaram situações e também meios que acabaram por influenciar o fazer historiográfico contemporâneo e, dessa forma, a história do tempo presente. Esses fatores também são de extrema importante para a Batalha de Seattle ter decorrido da forma como foi, porque afinal tanto a Batalha quanto a historiografia, de certa forma, são produtos do contexto em que se desenvolvem.

Para Fiorucci, essa “nova realidade”, a contemporaneidade, apresentou novos problemas não apenas para a História, como também para as outras Ciências Sociais. O estresse, vícios em internet e outros meios eletrônicos, a necessidade de especialização no trabalho, a reorganização do espaço urbano e até a remodelação da estrutura familiar, além de muitos outros, surgem como objetos para as Ciências Sociais. Cabe aos cientistas sociais, então, se adaptarem aos novos objetos, assim como cabe ao historiador se adaptar às novas fontes.

Para entender a história do tempo presente, é necessário entender que ela se faz num tempo muito mais recente, toma fontes diferentes, assim como objetos e acaba por se adequar ao contexto atual e às transformações da atualidade. E mesmo com o entusiasmo, ainda assim, é importante lembrar das críticas e o autor chega a elencar algumas. Ele cita questões como: a proximidade com o objeto, que evoca a questão da

¹¹⁴ FIORUCCI, Rodolfo. *Considerações acerca da História do Tempo Presente*. Revista Espaço Acadêmico, n.125, outubro de 2011.

subjetividade e objetividade, já bastante citada até esse parágrafo, mas ainda como uma questão que exige cuidado; e a própria questão de que o historiador se envolve com processos históricos que ainda não foram devidamente finalizados. Como exemplo, posso citar a própria globalização, que ainda passa por processos de mudança e atualização, mexendo assim de várias formas com a sociedade civil ao redor do globo..

Quanto a questão da subjetividade, objetividade e/ou neutralidade, é importante lembrar que ela é abordada por diferentes autores de diferentes maneiras. Admitida, embora percebida como manejável, a subjetividade ou a identificação com o objeto de trabalho tem sido problematizada. Esse é o ponto articulatório entre História oral e História do tempo presente.

Ainda assim, se faz necessário cuidado com a feitura desse tipo de história por ela ser mais delicada. Inclusive, cuidados com as fontes orais, hoje altamente utilizadas, que por si levantam diversas dificuldades, segundo Fiorucci.

Esse autor específico encara a história oral de forma bem severa, e por vezes até equivocada. Como citado, a subjetividade é abordada de formas diferentes. O que cabe aqui é apenas levar em conta que, dentre essas formas em aborda-la, ainda existem críticas. Como qualquer outro tipo de história, cuidados sempre se fazem necessários, é algo que faz parte do ofício do historiador.

Outro detalhe para o qual o autor chama atenção é a questão do excesso de fontes, que pode dificultar mais do que ajudar. Fiorucci cita Henry Rousso nesse ponto: segundo o último, o excesso de fonte, algo que possibilidade a história do tempo presente de ir além, pode também “afogar” a pesquisa. Hobsbawn também enxergou essa questão no uso das fontes nessa história no terceiro ponto descrito alguns parágrafos acima: o excesso de fontes. Bem como Hyussen, que escreve que com a globalização, os avanços da tecnologia, das mídias e do próprio uso da memória surge

um fenômeno próprio, que o autor identifica como “musealização” do mundo¹¹⁵, algo como uma produção excessiva de memórias e documentos visando a recordação total. Basicamente, uma característica positiva que pode se tornar negativa dependendo dos seus usos.

Chauveau e Tétart falam sobre três tipos de história do tempo presente ou recente: a história do presente, história próxima e história imediata, que não se referem exatamente à mesma cronologia. História do presente englobaria os últimos cinquenta ou sessenta anos, enquanto história próxima englobaria os últimos trinta anos e ambas funcionariam do mesmo modo e apresentando características comuns. Já a história imediata é feita no calor do momento, do processo histórico, mas que por vezes é mais associada ao ofício do jornalista e, por sua vez, seria um complemento da história do presente. Para Maranhão Filho¹¹⁶, todas essas categorias incorporam a primeira, a da história do tempo presente.

Esse tipo de história também é importante, ainda segundo autor acima, porque através dela, estudando acontecimentos de diversas origens e durações, é possível compreender melhor quem somos hoje. É pensar nos processos históricos que se desenrolaram, ou que se desenrolam ainda, para tornar hoje o mundo como está, como também já mostrei acima com Fiorucci. De acordo com Maranhão Filho, essa questão vai de encontro ao alerta de Jacques Le Goff quanto à importância de se esclarecer o presente pelo passado e vice-versa.

Nesse sentido, posso novamente retomar a minha pesquisa sobre a Batalha, pensando na minha pesquisa sobre o Occupy Wall Street, que foi extremamente contemporânea a mim. E foi esse movimento de 2011 que despertou meu interesse por

¹¹⁵ O autor fala que o “mundo está sendo musealizado”, mas eu adaptei a afirmação para o parágrafo. Ibidem nota 114, p.15.

¹¹⁶ MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Para uma História do Tempo presente: o ensaio de nós mesmos*. Revista Catarinense de História, n.17, p.137-151, 2009.

essa área, além de se relacionar muito diretamente a Batalha de 1999, o que me levou por fim a esse novo tema para a dissertação. E é nessa relação entre esses dois movimentos, um de 1999 e o outro de 2011, que consigo visualizar as afirmações acima: o presente pelo passado e o passado pelo presente. Os próprios manifestantes de 2011 evocam a Batalha de 1999, assim como os historiadores em seus trabalhos. E estudar o movimento de 1999 também ajuda a trazer novas reflexões para o Occupy de 2011.

Identificada como centro das inquietações para esse fazer de história, a subjetividade depende de um cuidado maior para se que possa viabilizar o seu uso para a historiografia. Em primeiro lugar, Maranhão Filho cita a própria subjetividade daquele que escreve e pesquisa, já que esse pode por muitas vezes ser testemunha e historiador, escrevendo sobre o que vê ou participa. Ou seja, alguém que está diretamente envolvido com o seu projeto de pesquisa. Em segundo lugar, a necessidade de atenção também acontece por causa do outro lado: na subjetividade que habita no depoimento e no depoente, já que o historiador aqui trabalharia com a memória como fonte viva, detalhe marcado pelo próprio tempo presente. Também “é no presente que se têm as lembranças que são colocadas em narrativa, e a narrativa também pertence ao presente”¹¹⁷, assim como o testemunho, sua transcrição e qualquer processo de editoria¹¹⁸ que possa ser submetida essa pesquisa.

A memória ainda gera uma situação que pode ser inusitada tanto para o historiador quanto para o entrevistado ou depoente. O caso de o entrevistado divergir do resultado do trabalho do historiador, o que pode gerar inicialmente um desconforto ou até algo pior, dependendo da repercussão. Por isso a memória também requer cuidado e rigor no tratamento.

¹¹⁷ Ibidem nota 116, p.142.

¹¹⁸ Qualquer processo de edição, alteração ou adequação que possa passar essa fonte e/ou pesquisa.

4. As Entrevistas

Entre cinquenta e duas entrevistas disponíveis, algumas foram selecionadas para serem melhor dissecadas nesse momento. Os critérios usados para fazer essa seleção foram: selecionadas aquelas relacionadas às entidades mais relevantes na organização do evento. Como veremos, haverá a repetição desses nomes em outras fontes, principalmente no documentário que será analisado no capítulo seguinte.

Os entrevistados selecionados foram: da *Public Citizen* e *People For Fair Trade*, o Mike Dolan; AFL-CIO e *People For Fair Trade*, o Vinnie O'Brien; *King County Labor Council* e *People For Fair Trade*, Ron Judd; *The People's Assembly*, Ace Saturday; *Direct Action Network*, David Solnit; e do *Independent Media Center*, o Jeff Perlstein.

Mike Dolan, conforme foi citado no início dessa dissertação, era afiliado ao Public Citizen e uma das cabeças da principal coalizão que surgiu em Seattle, a *People For Fair Trade / NO2WTO*. Com ele, existem duas entrevistas disponíveis no *WTO History Project*, uma anterior e outras posterior a Batalha e cada entrevista sendo feitas por entrevistadores diferentes.

Ambas as entrevistas começam com Mike Dolan sendo questionado pelo entrevistador sobre como tudo começou. Dolan revela que eles já esperavam que o Encontro Ministerial da OMC seria ou em Seattle ou em San Diego, tendo ele acionado os respectivos escritórios da Public Citizen nessas cidades. Em Seattle, ele falou com Sally Soriano. Quando a decisão foi finalmente tomada, Dolan retornou o contato com Sally e também Ron Judd, já estabelecendo a necessidade de uma primeira reunião.

Sobre a primeira reunião, o entrevistado afirma que ela aconteceu em algum momento no final de janeiro e reuniu um grupo variado de pessoas, muitas das quais não se conheciam antes daquele momento. Estiveram presentes diversas entidades, algumas de destaque como AFL-CIO e *Sierra Club*, por exemplo. A partir dali, então, foi formado um comitê para tomar as primeiras decisões. Normalmente, reuniões aconteciam todas as quartas-feiras na parte da noite e aos sábados, pelo menos uma vez por mês.

Durante o verão norte-americano, normalmente em julho ou agosto, esse primeiro comitê coordenado por voluntários começou a mudar de formato, passando a funcionar através de pessoas designadas especificamente para cada função, algumas sendo contratadas. Preferindo uma gestão hierárquica, Dolan era voltado para a funcionalidade e não o modelo tradicional de gestão e política horizontal, que busca decisões por consenso e é o preferido em Seattle.

Nesse momento de hierarquização, um dos comitês, o comitê “da rua” (*street committee*) se transforma no *Direct Action Network* e, é a partir de então que esse novo coletivo começa a se afastar dela, mesmo ainda fazendo parte oficialmente. Outro motivo para esse afastamento, segundo Dolan, era o fato de que o *Direct Action Network* e AFL-CIO não concordavam em alguns pontos, tendo a AFL-CIO prevalecido em vários aspectos. Dolan, no entanto, afirma que ele manteve contato com ambos os lados.

AFL-CIO não foi a única que se incomodou com a mensagem de ordem mais radical do *Direct Action Network*. Os ambientalistas do *Sierra Club* também desejavam apresentar uma mensagem menos radical e mais moderada, já que a mensagem do *Direct Action Network* era simples e direta: acabem com a OMC, é uma instituição ilegítima. Dolan afirma que por estar negociando com as autoridades de Seattle nesse

processo de organização, associar-se à postura do *Direct Action Network* poderia ser problemático. No entanto, ele manteve o apoio ao *Direct Action Network*, fazendo doações “por baixo dos panos” no valor de cerca de seis mil dólares no total.

Sobre esse assunto, Dolan comenta:

“Eu ainda tinha que manter boas relações com a AFL-CIO, o Sierra Club, as ONGs mais moderadas que não se sentiam confortáveis com a mensagem da Rede de Ação Direta para fechar e se opor completamente à instituição da OMC.”¹¹⁹

Esse debate quanto à mensagem passada por essa coalizão se deu, inclusive, durante a escolha do nome da coalizão. Surgiram dois nomes: *People For Fair Trade* e *NO2WTO*, o primeiro desejado pelos mais moderados, enquanto o último era o desejo dos mais radicais, entre eles o pessoal do *Direct Action Network*. Para Dolan, a segunda opção era muito agressiva, já que exigia a destruição da OMC. Dolan se assume como reformista e capitalista, logo é evidente o porquê da sua preferência pela mensagem mais moderada. Por sua postura com relação à mensagem e a hierarquia na organização e, principalmente por ser de Washington D.C., Dolan assume que era visto com desconfiança, pairando inclusive temor de que fosse corrupto.

Mike Dolan não era de Seattle, e sim da capital dos Estados Unidos, e ia até a cidade em determinados momentos, trabalhando a distância em parte do tempo. Nesse sentido, em junho ou julho, Dolan fala que experientes organizadores da AFL-CIO foram mandados para ajudar Ron Judd na organização em Seattle, esse último sendo de

¹¹⁹ Tradução do inglês: “I had to still maintain really good relations with the AFL-CIO, the Sierra Club, the more moderate NGOs that weren’t comfortable with the message of the Direct Action Network to shut down and to completely oppose the institution of the WTO.” Disponível na entrevista de Mike Dolan, p.10.

Seattle. Um dos organizadores enviados foi Vinnie O'Brien, que também tem uma entrevista registrada no *WTO History Project*.

Dolan também fala sobre o primeiro encontro com a Polícia de Seattle em abril para uma reunião introdutória. A Polícia informou a ele que respeitava os direitos dos cidadãos, principalmente os garantidos pela Primeira Emenda da Constituição Americana, mas também informava o desejo de que as reuniões da OMC não fossem interrompidas. Além da Polícia, Dolan se encontra com um representante da Gabinete do Prefeito para tratar de assuntos similares¹²⁰.

Para abrigar diversas pessoas que iriam para Seattle durante os protestos, Mike Dolan afirma que fez reservas de cerca de cento e quarenta camas em um hostel da cidade e afirma que a OMC fez coisa parecida, tendo naquele momento já reservado os grandes hotéis de Chicago. O que fica visível aqui é que o evento foi minuciosamente programado, tentando evitar imprevistos.

Mike Dolan também comenta sobre a importância da Internet naquele momento. Ele afirmou ter ressalvas quanto a Internet e preferir a interação cara-a-cara, mas assume que ela representou um papel importante em Seattle no sentido de facilitar a comunicação entre os mais diversos atores, principalmente os internacionais. Sendo assim, é possível enxergar como a Internet ajudou o movimento a se transformar em transnacional.

A próxima entrevista que gostaria de destacar aqui é a de Vinnie O'Brien, afiliado a AFL-CIO e que também teve destaque durante a organizações para os protestos, afinal essa é maior organização sindical dos Estados Unidos e sua participação, ao lado de outros movimentos sociais, marcou uma virada política em sua

¹²⁰ Esse tipo de negociação é recorrente. Isso merece ser comentado por revelar elementos importantes da cultura política: a associação entre liberdade de expressão e reunião e cidadania – é clausula pétrea da constituição e vista como sagrada por todos os segmentos políticos

história. Vinnie O'Brien também dá seu depoimento para as câmeras do Indymedia, como veremos em capítulo seguinte.

O'Brien também atuava em Washington D.C. e afirma, na entrevista, que foi designado para a tarefa de organização no dia 01 de agosto de 1999, o que representava um tempo significativo para os preparativos, já que a OMC só se reuniria em Seattle a partir de 30 de novembro daquele ano. A equipe encabeçada por O'Brien lidou com diversas questões, transporte, hospedagem, estacionamento, rotas para a manifestação, dentre outras questões de infraestrutura, e que o levou a ter que lidar também com as autoridades da região de Seattle.

Ao ser questionado se as autoridades representaram alguma dificuldade nesse processo de organização, O'Brien afirma que surpreendentemente não. O diálogo entre essas partes, desde o dia um, foi extremamente fluído e direto. Apenas ao aproximar-se do dia 30 de novembro que as questões a serem resolvidas tornaram-se mais complicadas.

No dia 30 de novembro, O'Brien e sua equipe já estavam em reunião por volta das 4h45min da manhã e recebiam constantes relatos do centro do comando da Polícia de Seattle sobre o que estava acontecendo no centro da cidade. Eles estavam se preparando para a marcha da AFL-CIO, que ele estima ter tido cerca de 40mil pessoas, o que superou as primeiras projeções de 25mil pessoas, e contou com participação de representantes dos cinquenta estados norte-americanos e de cerca de oito países. Novamente, é visível como a organização se deu de forma bem fluída e consistente, mostrando inclusive uma relação positivas com as autoridades envolvidas.

Ao ser questionado, O'Brien se diz gratificado por ter feito parte de uma coalizão assim, com diversos grupos, desde ambientalistas, religiosos a estrangeiros, todos “na

mesma página”. Mostrando a convergência desses atores para um objetivo maior, O’Brien declara:

“Havia toda uma série de agendas diferentes, mas um esforço para montar uma grande manifestação, para transmitir não só aos ministros da OMC, mas também à imprensa mundial (...)”¹²¹,

O’Brien também afirma que existiam dois protestos acontecendo naquele momento: o organizado por eles, pacífico com cerca de 40mil pessoas e o dos anarquistas “com a destruição”. Nesse momento, fica muito evidente uma crítica e uma oposição frontal aos anarquistas e o uso da Black Bloc. Conforme ele declara:

“Eu acho que houve dois eventos acontecendo. Um deles foram os anarquistas com a destruição e uma marcha de trabalho muito identificável e pacífica com 40.000 pessoas.”¹²²

Outros atores que participaram dos protestos também são destacados por Vinnie O’Brien. Ele cita a importância dos ambientalistas e dos religiosos, que agregaram importantes números à marcha da AFL-CIO. Ele também discorre sobre a participação dos estudantes, já que eles faziam muitas palestras informativas nos campi dos arredores. O alcance foi imediato: O’Brien afirma que recebia ligações de professores pedindo encontros para que seus alunos vissem a “democracia em ação”.

¹²¹ Tradução do inglês: “There was a whole host of different agendas, but an effort to put together a large demonstration, to convey not only to the ministers of the WTO, but to the world press(...)” Disponível na entrevista de O’Brien, p.3.

¹²² Tradução do inglês: “I think there were two events going on. One was the anarchists with the destruction, and a very identifiable, peaceful labor march with 40,000 people.” Disponível na entrevista de O’Brien, p.5.

Sobre a Internet, o entrevistado diz que ela foi muito importante para eles, causando efeitos impressionantes. Ele afirma ser tradicional e que ele, pessoalmente, fez pouco uso, mas a Internet aproximou os diversos atores, ajudou a espalhar notícias e informações. Ele afirma que a internet tem público e a questão é só como alcança-lo. O site da AFL-CIO surgiu, segundo ele, depois da Batalha.

O entrevistado realça o fato de que Seattle é uma cidade com elevado índice de sindicalização e que a OMC na cidade naquele ano era uma grande oportunidade, um grande palco que não se tem com tanta frequência. Ele se mostra entusiasmado com a ideia de protesto pois, segundo ele, protesto é a mais eficiente ferramenta americana. É visível, então, uma conjunção de fatores que levaram ao sucesso das manifestações daquele ano.

A terceira entrevista que merece ser recuperada é a de Ron Judd. Judd era responsável pelo *King County Labor Council*, que por sua vez, era afiliada a AFL-CIO. Foi um dos primeiros envolvidos na organização, mantendo sempre lugar de destaque. E o destaque recebido por ele não é casual. O *King County Labor Council* deve ser pensado dentro do contexto da história sindical local, como O'brien mesmo apontou: Seattle tem uma história, uma tradição sindical muito importante.

Ao ser questionado sobre o por quê de Seattle ter funcionado para ser organizada na forma de protestos, Judd responde que o *King County Labor Council* e aliados já tinham desenvolvido um trabalho na época da implantação do NAFTA, em 1994. Desse modo, percebe-se o fortalecimento político crescente da entidade ao longo da década.

Para o Encontro Ministerial da OMC, Judd afirma que foi necessário uma grande campanha educacional, não apenas para os membros, mas para toda a comunidade. Isso vai se encontrar com o que Mike Dolan diz sobre o ato de educar as pessoas e o O'brien afirma sobre as palestras nas faculdades da região.

Ron Judd também comenta sobre os grupos que participaram da coalizão. Ele fala sobre igrejas, sindicatos, ambientalistas, organizações estudantis. Como novidade, ele cita que, pela primeira vez, o KCLC teve contato com os integrantes do Direct Action Network.

Esses atores reuniam-se no Seattle Labor Temple, palco também da primeira reunião. Segundo Judd, lá também surgiram as primeiras divergências entre esses grupos, essas causadas por ideias distintas com relação a táticas e ações, alguns grupos bem mais favoráveis a ações mais radicais e diretas que outros.

Sobre o objetivo principal, Judd defende que tratava-se de defender e ampliar o debate público sobre a OMC, em todos os âmbitos: local, nacional e internacional, restrito até ali a grupos e organizações distintas, desconsiderando o ponto de vista dos trabalhadores.

Judd também comenta sobre as reuniões com as autoridades de Seattle para a organização dos protestos. Segundo ele, foram negociações muito objetivas com a Prefeitura, os vereadores, a polícia e membro do gabinete do governador. Ele afirma que, desde o início, quis deixar essas instituições bem informadas do que eles pretendiam e de que tinham grandes objeções a questão política de fundo. Para Judd, o trabalho das lideranças é invisível para o grande público.

Mesmo com todo esse empenho de Judd, Dolan, O'brien e suas equipes, a situação no centro em Seattle mudou e a violência e repressão se multiplicaram, o que levou a prisões de ativistas, que foram levados para a *King County Jail*. Judd afirma que também esteve nas negociações para libertar esses presos políticos, afinal, apesar das diferentes táticas e palavras de ordem distintas, todos estavam nas ruas de Seattle com o mesmo objetivo.

Judd afirma:

“Estou convencido de que não estaríamos lá hoje, poderíamos estar conversando, mas não estaríamos fazendo o tipo de caminhada hoje que estamos fazendo sem Seattle, e o que Seattle representa, e o sucesso que tivemos em Seattle, e eu digo o grande "nós", não apenas nós no trabalho, mas nós como comunidade, certo?”¹²³

Para Ron Judd, o saldo da Batalha foi positivo. O movimento sindical saiu fortalecido, politicamente e também em número de afiliados. O comitê educacional tinha feito um excelente trabalho. E não só para eles, mas para vários atores que participaram dos protestos, principalmente para o AFL-CIO. Ele sempre enfatiza o “nós” como em uma comunidade, como evidenciado pelo trecho destacado acima, algo que também é sentido por outros grupos e atores que estiverem presentes em Seattle. Para Judd, o sucesso é de todos eles.

No entanto, as divergências entre as diferentes organizações que fizeram parte da grande coalizão responsável pelas manifestações não deixaram de se fazer sentir e devem ser analisadas, o que faremos a partir das memórias de Danid Solnit, representante da já mencionada *Direct Action Network*.

Solnit informou que um chamado foi feito em fevereiro de 1999 a partir do *San Francisco Art And Revolution*, grupo ao qual ele era afiliado, convocando para um grande ato de ação direta não-violenta e teatro de rua para Seattle no final daquele mesmo ano. Ele disse que a resposta foi lenta, mas que em junho e julho eles fizeram uma conferência e começaram, de fato, a organização para as mobilizações.

¹²³ Tradução do Inglês: “I am convinced we wouldn't be there today, we might be talking, but we wouldn't be doing the kind of walk today that we're doing without Seattle, and what Seattle represents, and the success that we had in Seattle, and I say the big "WE", not just we in Labor, but we as community, right?”. Entrevista de Ron Judd, p.11.

A primeira ideia deles foi abordar alguma organização grande e com maior credibilidade do que “alguns anarquistas e grupos de teatro de rua que nem eles”¹²⁴. Para tal, eles pensaram em um plano, com estratégias e um orçamento e em leva-lo para o *Global Exchange*¹²⁵. Solnit assume que conversava com eles informalmente e que eles haviam pedido exatamente isso, um plano com orçamento.

Isso, como dito, aconteceu em algum momento entre junho e julho. Solnit viajou depois para um treinamento e, quando retornou em agosto, não havia recebido qualquer retorno. Nesse momento, ele afirma que ainda não havia sido criado um nome para o grupo.

Sendo assim, Solnit começa a fazer as coisas se moverem, junto com o pessoal da coalizão. Ele afirma que definiram uma data, juntos, que coincidiria com a marcha dos trabalhadores da AFL-CIO. Mike Dolan, segundo Solnit, então se dirigiu a AFL-CIO para saber se haveria algum problema com as ações do grupo de Solnit coincidirem com a marcha da AFL-CIO no dia 30 de novembro de 1999, questão essa que foi ignorada e não respondida pelo pessoal da AFL-CIO imediatamente, fazendo com que Mike Dolan concordasse com a ação do grupo de Solnit.

Solnit relembra que a reação da AFL-CIO quanto à data marcada veio, cerca de duas semanas depois do contato citado acima, através de um dos diretores regionais da AFL-CIO nas reuniões da coalizão, Bob Gorman. Segundo Solnit, Gorman estava muito insatisfeito com a data e, principalmente, com a simples existência do *Direct Action*

¹²⁴ Entrevista de David Solnit, p.01.

¹²⁵ David Solnit fala sobre Global Exchange, mas eu acredito que ele estava se referindo, na realidade, ao Global Trade Watch, braço do Public Citizen, do qual Mike Dolan era o responsável. O que me levou a essa conclusão foi a própria inclusão do nome de Mike Dolan nessa mesma entrevista como alguém importante dentro desse grupo. Levo também em consideração que alguns grupos e organizações que fizeram parte da Batalha de Seattle têm seus nomes algumas vezes confundidos mesmo entre os entrevistados e entrevistadores, o que me leva a pensar que Solnit pode ter confundido Global Trade Watch por Global Exchange. No meu texto, preferi usar o nome como está escrito na entrevista.

Network. Algo que foi prontamente ignorado por Solnit e seus companheiros já que eles também receberam apoio, ainda de discreto, de Ron Judd.

Assim, David Solnit afirma que eles chegaram a conclusões com relação a data, tempo, regras, *jail solidarity* e estrutura organizacional. Logo, eles seguiram com o plano. O nome *Direct Action Network* surge oficialmente em agosto, em uma reunião envolvendo diversas pessoas, inclusive de outros grupos. Nessa reunião, além do nome, eles também definem regras para o *Direct Action Network*.

Ao ser perguntado se gostaria de falar diretamente sobre os eventos que se desenrolaram nos dias da Batalha, David Solnit simplesmente responde que não. Isso talvez evidencie a questão de não identificar os atores, algo que também ficou muito evidente durante o *jail solidarity*.

A entrevista segue, então, para a questão do afastamento do *Direct Action Network* da grande coalizão *People For Fair Trade*. Solnit afirma que nenhum dos grupos presentes realmente os ajudou em Seattle. Apenas Mike Dolan deu a eles alguns recursos, mas mesmo assim, manteve certa distância, como já tínhamos percebido através do relato do próprio Dolan. Solnit ainda acrescenta que nenhum dos eventos organizados pelo *Direct Action Network* apareceu nos calendários oficiais da coalizão.

Solnit afirma que, apesar das cenas de confusão, depois da Batalha de Seattle, a aceitação ao *Direct Action Network* aumentou. Ação direta em massa, para ser mais específico, passou a ser mais aceita e legitimada. Solnit acha que as pessoas passaram a reconhecê-los como uma força significativa, ainda que as pessoas, em geral, não fossem anarquistas e ecologistas radicais como eles.

Solnit também menciona sobre a internet, que esta ajudou a circular a informação, foi chave nas conferências e permitiu a criação do site. Mas ele fala que ela não foi o mais importante e que a maior parte da organização ainda acontecia da forma

convencional, cara-a-cara, através de correspondência ou ligações, uma característica muito típica de quem opta primordialmente por ação direta em pequenos grupos.

O entrevistador, nessa mesma página, pergunta então sobre a polícia e é respondido prontamente com um palavrão. Ele ainda insiste no assunto e questiona se Solnit esperava aquela reação violenta da polícia. Solnit afirma que não, que na verdade eles não sabiam muito bem o que esperar, mas que ele achou que as pessoas que estavam comprando máscaras de gás e coisas do tipo estavam sendo paranóicas. Para Solnit, a polícia era, no geral, inexperiente e incompetente, o que acabou levando à violência e repressão descabida.

No final da entrevista, Solnit acrescenta alguns detalhes importantes que devem ser destacados aqui. Ele afirma que, em Seattle, eles inovaram amplamente o uso de teatro na rua, de tal forma a usá-lo para tomar a rua, o espaço físico, e desafiar o poder. Essa transformação do espaço público em um grande festival, imagem que também marcou os protestos em Seattle, também desafiou o uso das ruas por automóveis e pelo capital. Solnit também afirma que essa inovação deveria ser creditada aos grupos que fizeram parte do *Direct Action Network*, que trouxeram elementos chaves.

O caráter de festival deve ser realmente destacado na Batalha de Seattle, que, como citado desde o início dessa dissertação, teve momentos muito irreverentes, coloridos, com figurinos, bonecos gigantes, canções.

Solnit afirma:

“Não havia absolutamente nenhum envolvimento marxista, leninista ou da Velha Esquerda ou da Velha Nova Esquerda. Esses grupos estavam completamente ausentes. Então, quero dizer, não há influência, pouca

influência de qualquer grupo liberal ou progressista. Era quase exclusivamente grupos antiautoritários radicais e radicais.”¹²⁶

Nesse momento, ele não deixa claro se está falando das ações diretas do *Direct Action Network* ou da Batalha de Seattle em geral. De qualquer forma, é impossível concordar com ele nesse momento se levarmos em conta a grande quantidade de atores envolvidos na Batalha e, mesmo que muitos desses atores não tenham se envolvido diretamente na formulação política das ações diretas, é muito difícil mensurar isso nas ruas, no calor do momento, onde a adesão talvez tenha sido maior.

A crítica à *People For Fair Trade* não parte apenas do *Direct Action Network*. Outros grupos também o fazem, bem como a *People's Assembly*. Ace Saturay, integrante da *People's Assembly*, fala sobre esse e outros assuntos em sua entrevista.

Primeiro, Ace Saturay explica que a *People's Assembly* não é uma organização. Na verdade, ela é um fórum, uma conferência que reúne representantes de diversos países também de diferentes continentes, além das Filipinas. Segundo ele, foram cerca de trezentos representantes diversos de cerca de doze diferentes países, que, além de representarem seus países, também representavam organizações não-governamentais e forças organizadas: movimentos camponeses, de trabalhadores, de estudantes etc. A *People's Assembly* foi criada por filipinos, pelo *Sentenaryo Ng Bayan*, uma campanha e também organização que reuniu esses filipinos para tratar de questões relacionadas ao centenário da colonização norte-americana das Filipinas em 1996.

¹²⁶ Tradução do Inglês: “There was absolutely no Marxists, Leninist, or Old Left or Old New Left involvement. Those groups were completely not present. So, I mean, there’s no influence, very little influence of any liberal or progressive groups. It was almost exclusively radical and radical anti-authoritarian groups.” Disponível na entrevista de David Solnit, p.12.

Saturay afirma que, quando eles descobriram que a OMC viria para o estado de Washington, em janeiro eles já começaram a fazer ligações e a formar uma rede pensando nesse provável encontro da OMC.

Eles logo se envolveram com a principal coalizão que se formava, *People For Fair Trade*, mas que naquele início ainda não tinha um nome, algo que só ficou definido depois de cerca de quatro meses de trabalho. Da coalizão, Saturay disse que eles receberam treinamento, treinamento de mídia, etc.

Saturay afirma que o principal objetivo da *People's Assembly* era expor o desastre que eram essas políticas de comércio neoliberais e da globalização. O segundo era fortalecer o fórum, criando laços com organizações diversas e de diferentes países. Para tal, eles distribuíram bastante material, participaram de muitas reuniões e treinamentos, muitos debates sobre a OMC e suas políticas e campanhas contra essas políticas. Nesse sentido, eles conseguiram conexões significativas com organizações de jovens e de igrejas, no caso aqui a *Unitarian Church*.

As divergências com a coalizão começaram cerca de quatro ou cinco meses depois, quando chegou o momento de escolher o nome que levaria a coalizão principal. Membros mais moderados queriam o nome *People For Fair Trade*, enquanto os integrantes da *People's Assembly*, como Saturay, e os da *Direct Action Network*, como Solnit, queriam algo mais radical e direto: *NO2WTO*. Saturay afirma que insistiu por um nome duplo que contemplasse a perspectiva política deles e das bases que representavam, no caso da *People's Assembly*, a maioria pertencentes a minorias raciais, conforme fala Saturay. Então que o nome associasse as duas perspectivas: *People For Fair Trade/NO2WTO*, o que a princípio foi adotado.

Como membro mais moderado e que deseja um nome também mais moderado, Saturay cita a AFL-CIO. Ele afirma: “(...) a posição da AFL-CIO - é muito ruim contra

a OMC, mas eles estão tentando se tornar mais moderados”¹²⁷. Nesse afirmação, Saturay parece convergir com todos os outros entrevistado até agora no que se refere a essa cisão dentro da coalizão *People For Fair Trade*, entre os que desejavam passar uma mensagem mais radical e os que intencionavam que essa mensagem fosse mais moderada.

Quando Saturay viu alguns flyers que estavam sendo emitidos, ele notou que constava apenas *People For Fair Trade*. Saturay ficou indignado, afirmou que a retirada do nome *NO2WTO* significava que a coalizão estava sendo rompida unilateralmente.

Em função disso, a *People’s Assembly* criou um comitê próprio e começou a organizar uma marcha própria. Para realizar essa marcha, no entanto, eles necessitavam de uma permissão, um documento das autoridades de Seattle, que lhes foi negado. A permissão foi negada, segundo as autoridades, pois eles precisavam limitar o número de manifestantes já que os recursos policiais eram limitados.

O entrevistador questiona em outro momento o que Saturay achava da negativa para a permissão da marcha, se seria uma decisão racista. O entrevistado afirma que não apenas racista, era uma decisão política já que, para Saturay, a *People’s Assembly* carregava a mensagem mais crítica ao capitalismo. Saturay ainda afirma que eles representavam a maior expressão de solidariedade internacional na Batalha de Seattle.

Ainda assim, a marcha da *People’s Assembly* foi mantida, mas com alterações: mais curta do que inicialmente pretendido. Antes, seriam 4 milhas (cerca de 6,43km) e, reduzida, no máximo 1 milha (1,60km). Saturay afirma que ela começou com cerca de 600 pessoas, mas foi ganhando reforços durante a caminhada e ultrapassou mil pessoas. No caminho, eles passaram por interseções bloqueadas por grupos de afinidade do *Direct Action Network*, que deram todo apoio à marcha de Saturay e companheiros.

¹²⁷ Tradução do Inglês: “(...) the position of the AFL-CIO – it’s really bad against the WTO, but they’re trying to play around to become more moderate.” Disponível na entrevista de Ace Saturay, p.8.

Saturay ainda afirma que, algumas das pessoas que estavam aderindo à marcha no caminho, afirmaram que eles estavam praticando ação direta também, principalmente por não possuíram uma permissão para aquela marcha. O objetivo da marcha era chegar até o Centro de Convenção que sediaria as reuniões da OMC e, em algum momento no caminho, eles se uniriam à grande marcha da AFL-CIO.

O entrevistador comenta, na entrevista, que viu um grupo chamado *Radical Women*¹²⁸ na marcha e Saturay conta que esse grupo havia se aproximado deles e se afastado da coalizão principal por também se sentirem excluídos e negligenciados pela *People For Fair Trade*. Essa informação é significativa pois expõe mais um grupo que mostrou-se insatisfeito com os rumos tomados pela coalizão principal, além do DAN, da *People's Assembly*, entre outros¹²⁹.

Ao final de entrevista, Saturay afirma que a Batalha de Seattle para eles foi uma “grande vitória”, foi um “marco muito importante”, “o protesto do século”, todas expressões usadas por ele. Saturay também se mostrou muito satisfeito com o trabalho desenvolvido pela *People's Assembly*, em todas as etapas em que eles se envolveram.

A próxima entrevista que gostaria de detalhar aqui é a de Jeff Perlstein, um dos fundadores e diretor do *Independent Media Center* de Seattle (Indymedia ou IMC). O

¹²⁸ *Radical Women*, segundo seu site, é uma feminista e socialista organização ativista de base que fornece uma voz radical dentro do movimento feminista, uma voz feminista dentro da esquerda e treina mulheres para serem líderes nos movimentos de justiça social e econômica. Tem filiais em várias cidades dos Estados Unidos, como Seattle, e Melbourne, na Austrália. Disponível em: <http://www.radicalwomen.org/intro.shtml>. Acesso em 02 jul. 2018.

¹²⁹ Para Lydia Cabasco, que participava do *People For Fair Trade* e era responsável por alcançar estudantes e minorias, a principal coalizão também foi negligente em se dirigir às mulheres, principalmente às mulheres do terceiro mundo. Cabasco fala também que as os afro-americanos não estiveram apenas ausentes. Suas questões também não foram contempladas, assim como questões relacionadas a algumas outras minorias. Ela afirma ter sido a única pessoa negra, única mulher e única gay naquele grupo principal. Cabasco também fala sobre a questão da escolha do nome para a coalizão principal: basicamente Dolan acreditava que as esquerdas estavam garantidas e havia necessidade de garantir o centro e o mainstream. Ela, no entanto, discordava dele quanto ao fato das esquerdas estarem garantidas. Cabasco estava certa quanto ao último ponto citado quanto às esquerdas, e o *Northwest Labor and Employment Law Office* deixa a coalizão principal para formar *Workers Voice Coalition*, justamente pensando em focar naquilo em que a *People For Fair Trade* estava negligenciando, principalmente no que tangia às questões dos trabalhadores negros. Disponível no *WTO History Project*, entrevista de Lydia Cabasco.

trabalho de Perlstein será também detalhado em capítulo posterior, já que eles produzem, com o material recolhido em Seattle, um documentário. Aqui, irei me ater às palavras da transcrição da entrevista dele aos envolvidos no *WTO History Project*.

Perlstein já conhecia questões e problemas relacionados às multinacionais e à globalização, mas ele conta que seu primeiro contato com a OMC, suas políticas e a movimentação que começava a surgir em Seattle por conta da OMC foi através de um flyer, em algum momento entre janeiro e fevereiro de 1999. A partir de então, ele começou a frequentar as reuniões, onde aprendeu mais sobre as políticas da OMC e todas as mobilizações que aconteciam. Ele também começou a conhecer pessoas, algumas das quais já tinham executado algum projeto em mídias alternativas no passado. Adquirindo consciência do impacto causado pela OMC em níveis locais, nacionais e internacionais, Perlstein pensou na necessidade desses grupos e dessas comunidades de controlarem seus próprios discursos e não dependerem mais dos grandes de mídia, como CNN e CBS.

Perlstein afirma que projetos de mídia alternativa não são necessariamente uma novidade e ele dá os devidos créditos aos grupos que o inspiraram ao criar o Indymedia em Seattle. Ele cita a *Radio Venceremos* e *Liberation News Service* dos anos 1960 nos Estados Unidos; os usos que os Zapatistas fizeram da Internet pouco anos antes de Seattle; e um projeto que ele esteve pessoalmente envolvido em 1996, chamado *Counter Media*, uma iniciativa midiática partindo dos cidadãos de Chicago.

Perlstein afirma que também estava acompanhando o crescimento e as mudanças na internet nos anos anteriores a 1999, questões como o acesso se dava para os diferentes públicos, se isso era relacionado a questões econômicas, à raça, classe, gênero etc. Perlstein entendia a necessidade da internet para se alcançar um projeto realmente global e com custo mais baixo.

Ele relata que, além de imprimir os documentos e publicar como um jornal, eles também os postavam em um site na internet. Através deste site, ativistas em Bruxelas fizeram o download de arquivos, imprimiram e distribuíram pela rua da cidade. Ou seja, através da internet, o alcance foi ampliado até o outro lado do Atlântico nesse caso. Inclusive, o alcance da internet manteve-se ao fim da Batalha de Seattle: depois do *Indymedia* em Seattle, surgiram cerca de trinta similares, espalhados por dez países, todos ligados através do site *indymedia.org*.

Quanto ao período de organização, o entrevistado conta que a primeira reunião deles começou com quinze pessoas. Os números foram aumentando por reunião. Em outubro de 1999, Perlstein estima que tinham cerca de quarenta ou cinquenta pessoas envolvidas. Cada um dos integrantes contribuiu de alguma forma, levando doações e equipamentos, a dificuldade maior se apresentando apenas na hora de conseguir dinheiro: eles tinham apenas \$1.500,00 dólares naquele momento, doados por outro grupo. Eles também conseguiram um lugar para servir de escritório no centro de Seattle através do *Low Income Housing Institute*, uma instituição que comprava prédios abandonados e os passavam para que fossem administrados por pessoas com baixa renda ou desabrigados, incorporando a ideia de as pessoas controlarem seu próprio espaço e sem intencionar lucros.

No início de novembro de 1999, eles estavam com muita coisa a fazer, correndo para deixar tudo pronto. Perlstein afirma que também funcionou como contato entre outros grupos que participavam da Batalha e que, esses outros grupos, também estavam com muito trabalho a fazer, o que dificultava um pouco a comunicação entre eles. As reuniões que ele participava desde o início, da coalizão principal, agora contavam com mais de 600 pessoas. Ainda em novembro, ele menciona que o *Indymedia* recebeu um

cheque de um doador anônimo de aproximadamente \$10.000,00 dólares. Na semana seguinte, mais \$10.000,00 de outro doador, dessa vez vindo através de uma fundação.

Ele afirma que durante os protestos cerca de cem pessoas foram para as ruas com câmeras para filmar toda a ação, acompanhadas de outras pessoas para auxiliar, funcionando como “olhos” extras e circulando informações. Todas essas pessoas do Indymedia foram para as ruas com crachás que os identificavam, crachás verdes brilhantes. Esses crachás chamavam a atenção na rua e facilitava a identificação dos membros do Indymedia.

Outro aspecto importante destacado por Perlstein é que alguns membros do Indymedia haviam se agrupado com grupos de afinidade do *Direct Action Network*, com grupos de trabalhadores ou com grupos da *People's Assembly* e foram para as ruas junto com eles.

Durante os protestos, Perlstein também destaca que o escritório do Indymedia no centro de Seattle ficou lotado. Não apenas de integrantes do Indymedia, mas também de diversos ativistas que fugiam da repressão policial. Para Perlstein, a polícia parecia muito frustrada, no geral, e em alguns momentos atacou civis e transeuntes, caso do bairro vizinho do centro de Seattle, Capitol Hill, onde a polícia atacou moradores do bairro.

Perlstein mostra-se bastante orgulhoso da mobilização para a Batalha de Seattle, de momentos como o do *jail solidarity* e do trabalho feito pelo Indymedia, como ele demonstra: “Me sinto realmente encorajado por isto, porque penso que o Centro Independente de Mídia desempenhou um papel fundamental no fluxo de informação de

comunicação para os movimentos pela justiça global”¹³⁰. Trabalho este que teremos contato no próximo capítulo.

As entrevistas detalhadas ajudam a reforçar algumas características da Batalha de Seattle, como, por exemplo, a extrema organização que se deu nos meses anteriores a Batalha propriamente dita. Foram diversos atores, em constante movimento e interação para fazer acontecer a grande manifestação do final de 1999. Alguns desses atores conseguiram manter-se em coalizão, bem como outros acabaram por afastar-se da coalizão por questões ideológicas. Entre estes, também existiam aqueles que tiveram um bom relacionamento com as autoridades. No entanto, nesse sentido, o que é importante notar é que todas as entrevistas convergem e parecem concordar com esses movimentos antagônicos de aproximação e afastamento vividos por essas organizações e seus integrantes e, como eles, forjaram o que foi a Batalha de Seattle: um movimento heterogêneo, mas com uma agenda em comum; um movimento que atingiu esferas desde a local a internacional, tendo mostrado o transnacionalismo como uma característica marcante; um movimento que trouxe de volta às ruas um repertório de táticas tradicionais ao dissenso norte-americano, além de grupos com ele envolvidos, mas que também inovou ao mostrar novas táticas, como a Black Bloc, e ao usar novos recursos, como a Internet.

Em seguida, será discutido o documentário produzido pelo Indymedia, *Showdown In Seattle*, quando será possível perceber como essas características serão trazidas para o público e para o debate acerca da Batalha.

¹³⁰ Tradução do Inglês: “I feel really encouraged by this, because I think that the IMC has played a key role in the flow of communication information for the movements for global justice.” Disponível na entrevista de Jeff Perlstein, p.19.

Capítulo III: O Documentário como Fonte: Produzindo um Registro e Construindo uma Narrativa Autônoma para Seattle

1. Aspectos Técnicos e Metodológicos

Hoje em dia, é cada vez mais comum que a informação se espalhe através de discurso de terceiros, isto é, discursos indiretos. Não importa se são reproduzidas falas, textos ou imagens, o fato é que nossa sociedade está cada vez mais midiática¹³¹. Com a facilidade de acesso à smartphones e à internet, essa afirmação se faz cada vez mais verdadeira.

Na década de 1990, em Seattle, essa característica já pode ser observada nas ruas da grande manifestação que ficou conhecida como Batalha de Seattle ou N30, referência ao primeiro dia oficial da conferência da OMC e da manifestação. Um grupo de ativistas e jornalistas amadores criou, baseando-se em um novo formato de mídia independente que vinha surgindo nos Estados Unidos em alguns anos anteriores, o primeiro Independent Media Center, mais popularmente conhecido como Indymedia. Com a base principal sediada bem no centro de Seattle, no meio dos acontecimentos daquele final de 1999, o Indymedia Seattle foi criado com o intuito de fazer uma cobertura das manifestações levando em conta o ponto de vista daqueles que estavam nas ruas. Para Jeff Perlstein, integrante do Indymedia Seattle e também presente durante a coberturas e protestos de 1999, é importante que a comunidade crie e controle a sua própria mensagem, não dando voz para o que é largamente divulgado pelos grandes conglomerados de mídia *mainstream*¹³².

¹³¹ GERVAISEAU, Henri Arraes. *Imagens do Passado: Noções e Usos Contemporâneos*. IN: MORETTIN, E.; NAPOLITANO, M.; KORNIS, M. *História e Documentário*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p.211.

¹³² Disponível em: <http://depts.washington.edu/wtohist/interviews/Perlstein.pdf>. Acesso em 17 abril 2018.

Para tal, o Indymedia Seattle contou, naquele momento, com a publicação de um jornal, distribuído nas ruas de Seattle, além de um site, onde divulgava muita informação em tempo real, como relatórios e imagens, essas capturados no calor do momento, por amadores e até profissionais que estavam ligados ao Indymedia. As imagens reunidas e divulgadas pelo site percorreram o mundo, muito graças ao uso da Internet, o que permitiu que pessoas por todo os Estados Unidos e além acompanhassem a cobertura independente desse grupo.

Posteriormente, essas mesmas imagens que, naquele período, foram exibidas no site, acabaram sendo editadas, compiladas e utilizadas na construção de um documentário chamado *Showdown In Seattle: 5 Days That Shook the WTO* em cinco partes. O documentário foi lançado dez anos após o Encontro Ministerial da OMC em Seattle e, conseqüentemente, dez anos após a grande Batalha que tomou as ruas de Seattle naquele ano e, hoje, encontra-se disponível na web, todas as partes disponíveis no canal do Indymedia no Youtube¹³³.

Antes de falar sobre o documentário em si é preciso qualificá-lo como fonte para a minha pesquisa. Assim como um texto, o documentário é criado em torno de um objeto e visando construir um olhar sobre aquele objeto. É importante entender que o objeto ou o evento a que o documentário se ocupa existiria mesmo sem a presença da câmera ali, o que Robert Rosenstone determina de relação indexativa com a realidade por possuir relação direta com a realidade¹³⁴.

No caso do documentário trabalhado aqui, é preciso entender a forma como a Indymedia Seattle vai construir a visão deles sobre aquele acontecimento. Construindo uma narrativa a partir das imagens, sons e entrevistas, a Indymedia vai contar a sua

¹³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/IndymediaPresents/featured>. Acesso em 17 abril 2018.

¹³⁴ ROSENSTONE, Robert A. *A História nos Filmes, os Filmes na História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p.109.

versão sobre o que aconteceu naqueles dias em 1999 e tentar comprometer o espectador, o envolvendo, emocionando, no sentido de produzir identificação e engajamento.

Para além disso, é necessário pensar que os editores da Indymedia, conscientes da ampla variedade de atores que participaram da Batalha, ainda assim criam uma sensação de “nós vs eles”, ativistas vs autoridades – sejam elas da OMC, do governo ou policiais –, evidenciando um vínculo e talvez uma identidade entre aqueles que participaram dos protestos.

Identificadas as questões acima, também fiz uso desse documentário em um esforço de saber como o movimento se apresenta, já que o Independent Media Center surgiu propondo ser a voz do movimento. Não é minha intenção usá-lo para criar uma narrativa oficial e única do movimento, já que o documentário, como já falado, é apenas uma versão, um lado e produto de uma construção, como escreve Rosenstone, afirmando que assim como “a obra de história escrita, o documentário ‘constitui’ os fatos selecionando os vestígios do passado e envolvendo-os em uma narrativa”¹³⁵.

Em primeiro lugar, tratarei de questões mais gerais pertinentes à utilização do documentário como fonte história, questões essas que me ajudaram a enxergar de forma mais ampla a ferramenta que é um documentário. Em seguida, discorro sobre imagens coercitivas, a cobertura da mídia *mainstream* e a memória relacionada às imagens, para, por fim, analiso mais detalhadamente do documentário.

Após uma breve tela preta mostrando o nome das produtoras, *Showdown In Seattle* já nos introduz um som que foi marcante durante os cinco dias de protestos em Seattle: as sirenes dos carros da polícia. Em exatos vinte segundos, se abre a primeira imagem, onde um grupo de policiais com equipamento completo encontra-se frente a frente com um grupo de manifestantes. Dois desses policiais estão espirrando spray de

¹³⁵ Ibidem nota 134, p.110.

pimento direto no grupo de manifestantes e, quando a câmera dá um close, vemos um dos policiais espirrando inclusive em um grupo de manifestantes que está sentado, antes parcialmente escondido na imagem.

Para o início de um documentário, a escolha do som da sirene e da imagem de um policial daquela forma já ilustram uma das construções pretendidas pela equipe do Indymedia: chocar, emocionar os espectadores através da violência da polícia. Nesse primeiro momento, o documentário já captura a atenção do espectador.

De fato, a violenta repressão policial foi algo que marcou os protestos daquele ano. Devido à falta de treinamento e preparo, além de terem sido pegos de surpresa pela magnitude dos protestos, a polícia de Seattle reagiu de forma intensa aos diversos atos desenvolvidos pelos grupos que ocupavam as ruas do centro da cidade. As imagens da violência, como vestígios do passado, assombram notícias e sites dedicados à Batalha até hoje, tendo sido feito também um filme homônimo, *A Batalha de Seattle* (do diretor Stuart Townsend, 2007), no qual as cenas de violência se destacam. Eu mesmo, ao usar o termo “batalha” para tratar dessa série de protestos enfatizo essa questão da violência, fazendo referência às cenas que já conhecia e que me marcaram mesmo antes de optar por escrever sobre esse evento. Fosse outra palavra, como por exemplo massacre, a polaridade, a desproporção de forças e determinação do outro estaria dada. Batalha permite que o leitor visualize que houve uma disputa, algo diferente de uma resistência pacífica, mas permitindo que o leitor faça sua avaliação.

Junto com a cena acima descrita dos policiais espirrando spray de pimenta nos manifestantes, surgem na tela legendas amarelas que nos passam as primeiras informações sobre o documentário. Sendo acompanhadas por mais cenas dos diversos eventos que tomaram conta de Seattle – ainda que com bastante ênfase ainda na questão policial –, as legendas falam da necessidade da mídia do movimento postar suas

próprias histórias e, assim, combater a cobertura da mídia corporativa, papel esse representado pelo Indymedia.

Em alguns documentários, faz-se presente a voz do narrador, descrevendo e adicionando informações importantes à narrativa construída com as imagens. Rosenstone as chama de “voz de Deus”¹³⁶ e afirma que elas guiam o significado das imagens. No caso do *Showdown In Seattle*, essa função, pelo menos nesse momento, é assumida pela legenda amarela, recurso importante também comentado por Saliba¹³⁷. E isso é muito importante, já que as cenas podem levar a outros entendimentos que talvez não tenham sido os pretendidos pela equipe Indymedia. Com a adição dessas legendas, eles direcionam o espectador para que não fique qualquer brecha ou possibilidade de entendimento diverso.

Gervaiseau escreve sobre articular a observação da imagem à observação dos eventos que ela representa e articular com documentos escritos, testemunhos contemporâneos e outras fontes visuais para realizar uma construção mais profunda daqueles eventos¹³⁸. Quando o autor escreve sobre isso, ele está pensando sobre imagens estáticas, mas suas reflexões são úteis para pensar um documentário como o que tenho analisado. Temos imagem em movimento, testemunhos contemporâneos que aparecerem nos próximos minutos do documentário e textos escritos nas legendas trazendo informações adicionais para ajudar na construção daquela narrativa.

Pierrer Sorlin parece convergir nesse sentido. Para o autor, a imagem não é nada sozinha, já que ela não fala¹³⁹. Qualquer coisa pode ser imaginada de uma imagem sem identificação e ela pode se perder para sempre. O que consigo concluir assim é que o

¹³⁶ Ibidem nota 134, p.120.

¹³⁷ SALIBA, Elias T. *As Imagens Canônicas e a História*. IN: CAPELATO, H.; MORETTIN, E.; NAPOLITANO, M.; SALIBA, E. T. *História e Cinema*. São Paulo, Alameda, 2007, p.94.

¹³⁸ Ibidem nota 131, p.219.

¹³⁹ SORLIN, Pierre. *Indispensáveis e Enganosas, As Imagens, Testemunhas da História*. Rio de Janeiro: 1993, p.87.

texto, a legenda, a voz do narrador acabam por ser recursos importantes na contextualização e na construção da narrativa intencionada com as imagens.

Observando a forma como esses elementos aparecem no documentário, é possível perceber que se trata de um documentário claramente observacional e interativo¹⁴⁰. Nos moldes do que explica Robert Rosenstone, o surgimento de câmeras mais leves e equipamentos portáteis ainda na década de 1960 facilitou o surgimento e proliferação desse tipo de documentário. É de se pensar que da década de 1960 ao final da década de 1990 a tecnologia já havia dado mais um salto. Com essa maior facilidade de acesso e portabilidade de equipamentos de captura de imagens, ficou mais fácil filmar sítios históricos e entrevistar pessoas, sejam essas testemunhas oculares no calor do momento, quanto especialistas e acadêmicos.

No documentário produzido pela Indymedia, sobressaem-se as imagens capturadas diretamente no local, gravadas durante os protestos. O documentário é todo construído a partir dessas imagens, ainda que tenha sido construído dez anos depois dos protestos em si. Além dessas imagens, também são recorrentes os depoimentos colhidos de participantes.

Rosenstone também admite a possibilidade de obras híbridas, que mesclam características dos diversos tipos de documentário caracterizados por ele¹⁴¹. A principal característica de documentários expositivos a ser encontrada no *Showdown In Seattle* é a narração logo nos primeiros minutos. A questão é que aqui ela acontece de forma ligeiramente diferente, através das legendas. Mas ainda assim com o mesmo objetivo de dar um direcionamento. Além disso, aos 3min07s, surge a voz de uma mulher falando diretamente sobre o que é o World Trade Organization (Organização Mundial do Comércio) e sua função no mundo como única organização mundial que lida com as

¹⁴⁰ Ibidem nota 134, p.113

¹⁴¹ Ibidem nota 134, p.114

regras de comércio com o intuito de que esse flua da forma mais “suave” e democrática possível. Em contraposição à esse discurso, claramente oficial do WTO, o documentário inclui, em intervalos regulares, imagens que ironizam a narração. Imagens que remetem à pobreza, degradação ambiental e outro protesto se fazem presente nesse momento, indicando que as coisas não são tão “suaves” ou democráticas como as autoridades do WTO querem passar.

Esse jogo de imagens, sons e até a legenda já deixa evidente também a tentativa de criar emoção por parte dos produtores do documentário. Ao mostrar a violência policial, as pessoas entusiasmadas protestando nas ruas e até as imagens de pobreza e degradação inseridas durante a narração oficial do WTO citada acima, a intenção é que se crie nos espectadores essa misto de emoções e engajamento, como já foi falado. Rosenstone escreve que a forma como as imagens são usadas, enquadradas, editadas, o uso da trilha sonora, os outros sons mostrados, tudo isso é usado com o objetivo de aumentar o impacto das imagens. “Assim, como o filme dramático, o documentário quer que você sinta e se importe profundamente com os eventos e as pessoas do passado”¹⁴².

Mauad, ao falar da fotografia pública, afirma que ela pode ser categorizada de duas formas diferentes: a prática artística e a prática documental. Ainda que seus escritos sejam sobre a fotografia, vejo a pertinência em usá-los aqui. Para a autora, a fotografia pública esteve sempre muito ligada à produção de notícias, à imprensa e ao governo e foi usada como registro social, documentando, entre outras coisas, conflitos e situações-limite. Assim, foi muito usada durante os cinco dias que “chocaram o WTO”, como diz o subtítulo do documentário.

¹⁴² Ibidem nota 134, p.115

O documentário, por ter esse caráter documental e pela proximidade com o sentido de realidade, faz o público em geral, seja leigo ou especializado, confiar muito mais nele do que em um filme ficcional. Rosenstone vê essa confiança como um equívoco pois o documentário muitas vezes pode compartilhar muitos detalhes com um filme ficcional: a diferença seria que o filme ficcional se apresenta como tal, ficção. Enquanto o documentário muitas vezes pretende documentar a realidade, ou seja, recuperar, trazer de volta a realidade passada. Para o autor, os documentários podem apresentar uma “espécie de mistificação (...) a noção de que aquilo que você está vendo na tela é, de alguma forma, uma representação direta do que aconteceu no passado”¹⁴³. Quando, na verdade, o documentário é apenas uma construção.

Segundo Rosenstone, o trabalho do documentarista se assemelha ao do historiador no sentido de transformar esses vestígios, essas imagens espalhadas, em um discurso histórico. Esse discurso final, o próprio documentário, é ideológico e partidário. “O documentário nunca é uma “aula de história” neutra (...)”¹⁴⁴. Assim como também, é importante lembrar, disputas sobre esses tópicos históricos continuam até hoje. O consenso, segundo o autor, nunca é alcançado pois essas questões envolvem considerações políticas, ideológicas e morais¹⁴⁵.

Henri Arraes Gervaiseau também escreve sobre esses vestígios de história. O autor chama a atenção para uma relação fragmentária e lacunar das imagens com os eventos que elas representam. O autor associa essa relação à expressão “instantes de verdade” usada por Hannah Arendt. Segundo ele, as imagens “são efetivamente

¹⁴³ Ibidem nota 134, p.110.

¹⁴⁴ Ibidem nota 134, p.111 e 112.

¹⁴⁵ Ibidem nota 134, p.116 e 117.

inscrições verdadeiras, vestígios, lacunares, pela sua própria condição de vestígios, mas rastros efetivos de experiências vividas”¹⁴⁶.

Aos 03min50s, surge o nome do documentário *Showdown In Seattle: 5 Days That Shook the WTO*. O que mais me chama atenção nesse momento, é a foto que eles usam como fundo para o nome do documentário: a imagem da faixa pendurada no guindaste no dia 29 de novembro daquele ano. Essa imagem foi uma das mais icônicas dos protestos, sem dúvida pela capacidade explicativa e de comunicação, uma imagem síntese (abaixo)¹⁴⁷.



Esse tipo de imagem, além de muitas outras que vemos no decorrer do documentário, nos remetem ao que Ana Mauad chamou foto-ícone. Para essa autora, é muito fácil relacionar essas fotos àquelas imagens que valem mais de mil palavras, uma imagem que resume o acontecimento ou imagens que possuem história por detrás, mas

¹⁴⁶ Ibidem nota 131, p.219.

¹⁴⁷ Já utilizei essa imagem no capítulo em que descrevia o evento e a utilizei como capa de um trabalho que apresentei no ENEUA que a USP sediou em 2017. Essa imagem foi escolhida diversas vezes, em momentos e por autores diferentes, justamente pelo impacto que ela causa.

¹⁴⁸ *Print* da tela do documentário aos 03min50s, parte 1, disponível no Youtube e acesso em 22 abril 2018.

todas essas noções devem ser enfrentadas¹⁴⁹. O historiador deve apontar que não há “história por detrás da imagem”, e sim uma história instituída pelas imagens.

A primeira coisa que pode vir à mente do espectador ou, no caso desse trabalho, do leitor ao ver a imagem acima é justamente de que ela virou um ícone da Batalha de Seattle. Foi marcante, foi emocionante e é muito usada. Mas, na verdade, essas imagens fazem parte da construção de uma narrativa que segue um ponto de vista dos editores e expressam também a ousadia dos organizadores do movimento, que já pensavam na visibilidade do evento, na veiculação das imagens, propulsoras da mensagem, da história que se queria contar para mundo, além da motivação dos próprios participantes. Seria difícil não ser vista pela mídia internacional, pelos participantes do evento também. A Batalha deve ser pensada na sua dimensão performática: ela foi uma performance do dissenso, o dissenso expresso em diferentes linguagens: do corpo pintado, da rua ocupada, entre outros.

2. Imagens Coercitivas e o Discurso da Mídia *Mainstream*

A discussão sobre fotos-ícones remete a uma discussão dessa vez travada por Elias Thomé Saliba sobre imagens canônicas ou imagens coercitivas, já que essas “nos são impostas coercitivamente”¹⁵⁰. Para o autor, essas imagens seriam ligadas a conceitos-chaves da nossa vida em sociedade. Essas imagens são aquelas que, ao vermos, as identificamos de forma subconsciente e as inserimos numa cadeia de associações por terem fortes vínculos com nosso imaginário coletivo.

¹⁴⁹ MAUAD, Ana Maria. *Por Uma História Fotográfica dos Acontecimentos Contemporâneos, Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1987*. Florianópolis: Revista Tempo e Argumento, 2016, p.96.

¹⁵⁰ *Ibidem* nota 137, p.87 e 88.

Ao pensar na cobertura que a mídia *mainstream* americana fez dos protestos em 1999, não pude deixar de associar à cobertura feita pela mídia brasileira sobre os protestos de 2013. Durante meus anos de graduando na UFF, pude ver se desenrolarem situações idênticas às que observava em função dos projetos de pesquisa, tanto o do Occupy Wall Street e quanto o da Batalha de Seattle. A mídia brasileira, em grande parte, usou termos ofensivos para desqualificar os protestos que se desenrolaram em várias cidades brasileiras em 2013. O Occupy Wall Street e a Batalha de Seattle receberam cobertura desqualificadora similar.

As imagens selecionadas da mídia *mainstream* surgem durante vários momentos durante todo o documentário, mas é a partir dos 21min59s da parte 3 que fica evidente como parte dessa mídia classifica alguns dos ativistas que se envolveram em ações diretas: *gangs, looters, taking advantage*. Adjetivos depreciadores do tipo e similares não são exclusividade da Batalha, na verdade são muito comuns para desqualificar participantes de protestos populares.

O próprio Saliba escreve sobre as imagens canônicas na TV, devido à grande hegemonia desta sobre a mídia impressa. Para ele, a TV é cheia de lugares-comuns e análises superficiais. Para esse autor, também é necessário que se questione as imagens canônicas, procurando saber como e por que elas são produzidas, a que necessidades elas atendem e por que imagens alternativas não chegam a nós¹⁵¹. Essa forma de pensar se aplica, principalmente, quando analisamos as imagens canônicas reproduzidas pelas mídias *mainstream*, já que elas ignoram deliberadamente as imagens alternativas.

Desde meu primeiro contato com esses protestos que formaram a Batalha de Seattle, o contato com todo o tipo de imagens foi grande. Desde o filme ficcional

¹⁵¹ Ibidem nota 137, p.91 e 92.

homônimo a todas as pesquisas posteriores na internet, em artigos e no próprio *WTO History Project*, as imagens se fizeram presentes.

O uso abundante de imagens tanto pela mídia corporativa tradicional, quanto pelos ativistas do Indymedia aponta para uma guerra de imagens. O próprio documentário, ainda que alinhado a um desses lados, evidencia essa guerra ao trazer imagens da mídia corporativa. Ora, a própria existência do documentário no sentido de dar voz aos manifestantes, contar a história desse ponto de vista e, assim também, combater a cobertura *mainstream* é evidência disso. Para Mauad, “as disputas em torno da ocupação dos espaços públicos visuais, bem como a tentativa de impor um sentido comum arbitrado somente por um dos grupos, fazem parte da guerra de imagens que o mundo contemporâneo ainda trava”¹⁵².

O documentário dessa forma, segue, construindo sua narrativa a partir do uso desses diversas imagens. Cenas dos protestos, da violência policial, de discursos e entrevistas com os atores; permeados por fotos e cenas extraídas dos telejornais. São muitos tipos de imagens, mas em sua grande maioria são imagens documentais, como veremos mais a frente.

A partir das reflexões acima, é possível entender e até visualizar como esses vestígios são costurados em uma narrativa maior. Mas são muitas disputas em torno de uma grande narrativa como a de um documentário. Dentre essas, disputas que envolvem a verdade que quer ser transmitida por ele. Nesse sentido, é muito importante tentar notar o que não é mostrado ou é ocultado. Muitas situações podem ser deixadas de lado, intencionalmente ou não.

3. Memória, Monumento e Documento

¹⁵² Ibidem nota 149, p.104.

Vestígios, rastros das imagens, instantes de verdade. Toda essa discussão de páginas anteriores remete diretamente ao que Ana Mauad escreve sobre memória fragmentada¹⁵³, ainda que eu a aplique aqui fontes ligeiramente diferentes das usadas pela autora.

Mauad fala de memória fragmentada ao se referir a um conjunto de fotos antigas armazenadas dentro de um Baú, guardadas por Dona Mariana. Segundo Mauad, a mulher a acompanhou ao vasculhar as fotos e foi dando diversas informações, verbalmente, que ajudaram Mauad na construção da narrativa daquela memória. Eram fragmentos da memórias espalhadas e que, naquele conversa e posteriormente no trabalho de pesquisa de Mauad, foram tomando forma.

De certa forma, os vestígios, bem como os instantes de verdade e os rastros deixados pelas imagens do documentário são fragmentos de memória espalhados, talvez até descontextualizados, que com a construção da narrativa do Indymedia tomam forma. Uma imagem da repressão policial na Batalha de Seattle sem qualquer tipo de identificação, ou contextualização, talvez não fosse identificada pelo espectador.

Selecionadas e organizadas na narrativa do documentário, as imagens ganham sentido. Ali, em conjunto com outras imagens, cenas, discursos, legendas, textos e todos esses elementos, já é possível a identificação e contextualização da imagem. Essa é uma questão muito importante que permeia todo esse capítulo e acredito que, nesse ponto, já tenha ficado claro. O documentário só é o que é, só apresenta aquela narrativa, porque é resultado de uma construção que leva em conta diversos aspectos e disputas, como tenho demonstrado até agora.

¹⁵³ MAUAD, Ana Maria. *Poses e Flagrantes: Ensaios sobre a História e Fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2004, p.60.

A discussão sobre memória também é necessária aqui para entender como ela se faz presente nesse caso específico. Para Mauad:

“A memória possui um papel específico na coesão social da família que a constrói e transmite, uma memória que, ao definir o que é comum ao grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. Geralmente tal coesão é realizada pela adesão do grupo a uma ‘comunidade afetiva’, criada a partir de um processo de conciliação entre memória individual e coletiva (...)”¹⁵⁴

Mauad escreve sobre grupos menores, as famílias, mas acredito ser possível estender essas reflexões para grupos maiores, bem maiores, caso dos grupos presentes na Batalha de Seattle. A memória, para os diversos grupos militantes de Seattle, foi muito importante na construção do imaginário e repertório de ações daquele ano. Muitos grupos que já tinham experiência nesse sentido, bem como os grupos novos e formados naquele momento também puderam participar, juntos, e compartilhar aquelas experiências. Esses grupos, ao assistir a cobertura diária do Indymedia, bem como o documentário dez anos depois, puderam se sentir parte daquele grupo maior, um sentimento gerado pela memória de que fizeram parte daquele momento que poderia qualificar como histórico, de que aquela memória também é deles.

No entanto, além de cumprir essa função de cultivar e reforçar uma memória de uma cultura ativista, de dissenso, é possível falar que o documentário também tentou difundir-la para um círculo mais amplo, para além da comunidade afetiva.

¹⁵⁴ Ibidem nota 153, p.58.

Apesar da disputa que sempre acontece em torno da memória coletiva, é possível identificar, então, a convergência entre duas memórias diferentes, ainda que apenas nesse momento: as memórias individuais dos manifestantes e ativistas e a memória coletiva do movimento. Veremos essas memórias em movimento quando olharmos com mais cuidado para o documentário na próxima seção. Nessa mesma linha, Mauad escreve:

“Longe de ser o somatório de memórias individuais, a memória coletiva é, justamente, a reconstrução de narrativas individuais a partir de um enquadramento coletivo, guardando os determinantes temporais e especiais como elementos fundamentais em tal processo. Desta forma, entende-se por memória coletiva o passado que se perpetuou e ainda vive na consciência coletiva.”¹⁵⁵

Mauad, no parágrafo acima, descreveu muito bem uma parte do processo estrutural que foi feito na edição do *Showdown In Seattle*. É possível enxergar no documentário como memórias individuais, a partir das entrevistas concedidas ao pessoal do Indymedia, por exemplo, são costuradas e incorporadas à narrativa principal, a partir do desejado pelos editores, visando um enquadramento da memória. E o documentário pode ser enfim pensado como instrumento de consolidação de uma determinada memória sobre os eventos em Seattle.

Para introduzir o próximo assunto, vou usar também uma frase de Ana Mauad, já que ela também dialoga com essa questão. Mauad escreve: “Materiais da memória

¹⁵⁵ Ibidem nota 153, p.58.

coletiva, os documentos são monumentos, na medida em que para além da simples descrição traduzem valores, ideias, tradições e comportamentos (...)”¹⁵⁶.

Saliba, por sua vez, faz uma diferenciação entre documento e monumento, afirmando que o primeiro é produzido voluntaria ou involuntariamente pela sociedade e o segundo é produzido voluntariamente pelo poder¹⁵⁷. O que torna o documento em monumento é como ele vai ser usado pelo poder. Retomando a discussão de imagens canônicas, ele afirma que aqueles que produzem as imagens canônicas dispõem deste poder, que, por sua vez, deve ser pensado em suas várias dimensões, incluindo o poder simbólico.

Saliba escreve sobre a mídia mainstream e deixa evidente como eles usam esse poder. Mauad escreve sobre fotografias. Ainda que diferentes, as reflexões de ambos são válidas na análise do documento e ambas as ideias podem ser encontradas no documentário em questão. Tanto na forma como são produzidas e exibidas as imagens canônicas no documentário, assim como as imagens e fotografias usadas que, para muito além de informarem sobre o que aconteceu naquele evento, também configuram uma visão de mundo.

Já tinha estabelecido a internet e as imagens como locais de memória da Batalha de Seattle no capítulo anterior, me embasando em Pierre Nora e Michael Pollak. A partir daí, estabeleci a internet como um grande espaço para a construção da Batalha, assim como também estabeleci o *WTO History Project* como monumento. É importante estabelecer, nesse sentido, o documentário também nas mesmas características acima, principalmente como monumento.

Tentei apresentar nas páginas anteriores questões que me ajudaram a entender a lógica, como foi feita a construção e que recursos foram usados no *Showdown In Seattle*

¹⁵⁶ Ibidem nota 153, p.58.

¹⁵⁷ Ibidem nota 137, p.93.

do Independent Media Center. Dessa forma, enxergando todos esses processos simbólicos subjacentes, ao assistir o documentário, fica muito mais fácil compreender seu sentido e sua narrativa.

O documentário por sua vez, evidencia também o sucesso na monumentalização da Batalha de Seattle. Afinal, dez anos depois, o assunto continuava relevante para a produção do documentário e, ainda hoje em 2018, continua sendo referência quando se pensa em movimentos organizados e operacionalizados com o auxílio da internet, devido, é claro, a toda a marca simbólica que esse movimento deixou, principalmente nos Estados Unidos.

Documentários como o produzido pelo Indymedia sempre vão tentar trazer a sua verdade para o debate. Com o devido cuidado, e a noção de que nenhum filme ou livro pode criar o enredo verdadeiro¹⁵⁸, é possível que trabalhem perfeitamente com esse tipo de obra. Como a história escrita, documentários e filmes apresentam-se carregados de conteúdo e sentido.

4. O Documentário

O documentário foi dividido em cinco partes, cada uma com duração aproximada de 28 minutos e dedicada a um dia da manifestação. O primeiro dia, antes de começarem as reuniões da WTO, foi 29 de novembro de 1999 e recebeu o título de *WTO Prelude*; o segundo dia foi 30 novembro, com título de *People Unite, Police Riot*; o terceiro dia foi 01 de dezembro de 1999 e foi intitulado *Occupied Seattle*; o quarto foi 02 de dezembro, com título de *Unwilling Captives*; e por último, dia 03 de dezembro, chamado pela Indymedia de *What Democracy Looks Like*.

¹⁵⁸ Ibidem nota 134, p.131 e 132.

A primeira parte do documentário¹⁵⁹ dedica-se ao dia anterior ao início da manifestação. As primeiras imagens que surgem na tela, como já citado, são de policiais usando spray de pimenta em manifestantes que estavam sentados no chão, em um ato de resistência pacífica. Durante essas cenas, legendas surgem, dizendo o seguinte:

“Em 1999, as pessoas ainda não iam para a internet por notícias e a mídia do movimento necessitava de uma forma de desafiar a mídia corporativa. O recém-formado Seattle Indymedia Center proveu um canal para ativistas postarem suas histórias na web. Pessoas de todo o mundo se voltaram para o site do IMC em busca de notícias dos protestos. Ao final da semana, até a mídia corporativa tinha que ir ao website do IMC para conseguir as histórias das ruas. Entre outras coisas, o IMC produziu um dos episódios seguintes a cada dia durante a semana de protestos.”¹⁶⁰

As legendas, ao guiarem os espectadores sobre o objetivo do Indymedia, se sobrepõe a diversas imagens da repressão policial. São imagens de policiais usando spray de pimenta, extintores, arrastando manifestantes, inclusive manifestantes feridos. Aos 02min17s, uma imagem de um ativista fazendo o símbolo da paz, usando uma máscara de gás, e ao fundo uma nuvem de gás, com policiais surgindo dela com armas de gás. Além das imagens da repressão policiais, vemos cortes onde aparecem cenas gerais dos protestos: marchas e ativistas segurando placas. Aos 02min41s, a legenda avisa: “Aqui está o episódio 1 do *Showdown In Seattle*”. A música de fundo começa a diminuir e é iniciada a próxima sequência.

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mFLOvz9zPW8>. Acesso em 22 maio 2018.

¹⁶⁰ Minha tradução para o português das legendas que surgem a partir dos 41s do episódio I.

Nesse momento, aproximadamente aos 03min05s, surge um vídeo oficial da Organização Mundial no Comércio. O logo da OMC surge em movimento, junto com uma voz feminina que fala brevemente sobre o que é a OMC e seus objetivos como instituição. Basicamente, a voz feminina narra que a OMC é a única organização global que lida com o comércio e que sua principal função é que o comércio flua da forma tranquila e pacífica. Enquanto a voz feminina ainda fala sobre a OMC, surgem, com evidente sentido irônico, imagens que evocam efeitos negativos do comércio: crianças trabalhando, um trator arrastando o que parece ser um tronco, uma manifestação, uma via expressa lotada de carros, uma fábrica em funcionamento, uma árvore sendo cortada, o presidente Bill Clinton e uma mesa de negociações. Conforme as imagens vão sendo lançadas, os anéis que circulam o globo terrestre e, juntos formam o logo do OMC, vão se comprimindo, apertando o globo, até o momento que o globo se desfaz em pequenas partículas que se espalham pela tela, simulando uma explosão.



161



¹⁶¹ Print da tela do documentário aos 03min18s, quando as tiras que formam o logo da OMC começam a estrangular, sufocar, apertar o Globo. Segundos depois, as tiras destroem, explodem o Globo.

A ironia é clara. E, assim, o logo da OMC sufoca o mundo.

Depois da “explosão” a tela é tomada por imagens dos protestos pelas ruas de Seattle, aparecendo marchas, cartazes, pessoas gritando, crianças e até de policiais, nesse momento parados. As vozes mudam, dando informações gerais sobre o início dos protestos, bem como já algumas críticas nas vozes daqueles que darão seus depoimentos e entrevistas para o Indymedia. Logo após, surge o título do documentário *Showdown in Seattle: 5 Days That Shook the WTO*, exatamente como na imagem mostrada anteriormente, seguida pelo título do episódio 1, *WTO Prelude: Nov 29, 1999*.

O primeiro depoimento depois das introduções descritas acima é de Kevin Danaher, integrante do Global Exchange, seguido por Anuradha Mittal, do Food First e pelo autor Michael Parenti. Esses três são responsáveis, no início desse episódio, por situar o espectador sobre o que é a Organização Mundial do Comércio ou sobre o fato de que ninguém de fato a conhece. Eles, separadamente e alternadamente no vídeo, levantam questões sobre o fato de que a população não conhece a OMC, não sabe quem faz parte ou o que ela regula e que essa falta de conhecimento é grave já que eles regulam muitas coisas importantes, bem como alguns imaginam que a OMC são apenas os ricos e não conhecem as estruturas financeiras. Dessa forma, apontando o que a população não sabe, eles já vão montando um panorama sobre o que é a OMC para, enfim, aos 05min44s darem uma definição mais objetiva: a OMC fica localizada em Genebra, na Suíça, e abriga cento e trinta e quatro países que assinaram previamente o GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio). É a OMC que toma a decisão final quando há disputas entre corporações e países, tendo decido a favor das corporações em todos os casos julgados por ela até aquele momento. Todos os acordos tratados pela OMC também foram em benefício das corporações. A OMC tem o poder de suplantar as legislações dos países membros e impor regulações. As imagens que são

apresentadas simultaneamente a essas declarações são de corporações, como uma loja de uma rede de fastfood, e dos próprios declarantes enquanto falam.

Os dados revelados evidenciam que a OMC se posiciona favoravelmente às corporações, com decisões que passam sobre os interesses de pequenos produtores, de governos e do meio-ambiente¹⁶². Esses dados são alarmantes o suficiente e já justificam uma preocupação e uma desconfiança com relação à OMC e é para isso que eles querem chamar atenção no momento: a OMC não parece confiável e diferentes grupos parecem concordar.

Seguindo para a próxima sequência, a partir dos 09min13s já vemos a ação de ativistas da Rainforest Action Network ao subir no guindaste e abrir a famosa faixa usada como capa para o título do documentário. A voz da mulher que narra o evento afirma que a faixa cumpre um papel de mandar uma forte mensagem para Seattle, bem como à comunidade internacional, e à OMC é uma ameaça para a democracia.

Em seguida, surgem os depoimentos de pessoas que estão nas ruas de Seattle, em palanques, nas manifestações, com rostos cobertos ou não, em horários e localizações diversas, americanos e estrangeiros e grande parte deles sem aparecer o nome ou indicação de vínculo com qualquer organização. São diversas críticas e demandas que surgem nessas imagens subsequentes, mas que convergem no sentido de identificarem a OMC como o problema e como aquilo que deve ser combatido.

Essa, na realidade, foi umas das grandes características da Batalha de Seattle que já foi demonstrada antes: diversos grupos, dos mais variados possíveis, com diferentes demandas e críticas, mas que convergiam nas críticas pesadas à OMC.

¹⁶² O documentário fala, inclusive, sobre o caso das tartarugas marinhas vs corporações, quando a OMC fez regulamentações prejudiciais ao bem-estar dessas criaturas, mesmo contra a pressão popular, que ficou muito em evidência durante a Batalha de Seattle devido ao fato de que alguns ativistas estavam fantasiados de tartarugas durante a marcha, para chamar atenção justamente para esse episódio.

Nessa parte, uma fala específica me chamou a atenção. Aos 10min16s, um homem sem qualquer identificação afirma que algo muito excitante estaria emergindo em Seattle. Grupos sindicalistas, ambientalistas e de direitos humanos se reuniram naquele momento pois perceberam que a OMC trata todos esses grupos da mesma forma: vai usá-los e depois descartá-los. Essa é outra característica da Batalha que também já foi identificada anteriormente nessa pesquisa: a união desses grupos que, em outro momento, guardavam distância pelas diferenças em termos de visão e pauta-político-ideológica.

Além das pessoas sem qualquer identificação que destaquei acima, surgem no documentário nomes singulares, alguns desses que se destacaram na organização e execução dos protestos da Batalha. Esses nomes seriam Ron Judd (King County Labor Council), que aparece a primeira vez aos 18min45S, e Vincent O'Brien (AFL-CIO), aos 23min50s. Judd fala da importância dos protestos para mostrar para as autoridades que nem todo mundo concordava com a forma como o comércio vinha se dando, que se faziam necessárias regras que botassem as pessoas e o planeta antes dos lucros. Ele também afirma que essa seria a maior reunião sobre comércio internacional do mundo naquele momento e que aconteceria em solo americano, fato que deveria ser aproveitado. O'Brien fala de sua experiência em organizar e participar desse tipo de evento em outras cidades dos Estados Unidos e que o país estará nas ruas de Seattle no dia seguinte (dia 30 de novembro de 1999).

Aos 21min, a congressista Maxine Waters¹⁶³ também fala sobre a importância de chamar atenção para a OMC e educar as pessoas a respeito dela, já que até aquele momento ela se apresentava como um governo sem rosto que estava tomando decisões

¹⁶³ Representante da Califórnia pelo Partido Democrata. Segundo seu site oficial, Maxine Waters é considerada por muitos a mulher mais poderosa na política estadunidense hoje. Ela ganhou reputação como uma corajosa e sincera defensora das mulheres, crianças, pessoas de cor e pobres. Disponível em: <https://waters.house.gov/about-maxine>. Acesso em 26 jun 2018.

internacionais importantes a favor das corporações. Após a congressista, o senador Paul Wellstone¹⁶⁴ fala que, na economia global do momento, a discussão (internas a OMC) não pode ser apenas sobre as grandes corporações, as famílias precisavam ser representadas também, de forma geral. O fato de que alguns parlamentares aderiram ao movimento e se dispuseram a falar ao Indymedia mostra a força do que estava surgindo em Seattle naquele momento, afinal o poder não é monolítico e parlamentares são sensíveis às ruas, devem satisfação aos eleitores de seus distritos.

A última cena dessa primeira parte do *Showdown In Seattle* é uma encenação de uma sala de aula, onde os alunos discutem o processo de criação de uma lei nos Estados Unidos e chamam a atenção para o fato de que a OMC consegue se sobrepor a essas leis que afetam diretamente a vida dos trabalhadores americanos. A intenção, nesse momento, é ser didático, é apelar diretamente à imagem da escola para demonstrar a necessidade de informação e educação em relação à questão, que é mostrar o poder da OMC, que consegue suplantar as leis norte-americanas.

A segunda parte do documentário¹⁶⁵ começa da mesma forma, algo que se repetirá em todos os segmentos. A mesma cena dos aros que formam o logo da OMS estrangulando o globo. Depois do título principal, vem o título desse episódio: *People Unite, Police Riot, Nov. 30, 1999*. Esse episódio vai tratar, como o título já sugere, do dia 30 de novembro de 1999, que foi o primeiro dia da Conferência Ministerial e também o dia em que começaram de fato os protestos e atividades programadas pelas coalizões. Foi um dia intenso, como mostrado no capítulo anterior.

¹⁶⁴ Senador de Minnesota pelo Partido Democrata. Segundo site, era professor universitário quando começou a se engajar em ativismo e a organizar protestos. Durante sua carreira, liderou várias campanhas a favor de fazendeiros, trabalhadores, pobres de áreas rurais e meio-ambiente. Disponível em: <https://www.wellstone.org/legacy/bios>. Acesso em 26 jun 2018.

¹⁶⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EEfk1ZtrtGc&t=69s>. Acesso em 23 maio 2018.

Essa parte começa com entrevistas direto nas ruas com integrantes dos protestos. Não dá para identificar nomes, nem grupos específicos. As perguntas que eles fazem às duas primeiras entrevistadas que surgem no vídeo são a mesma: eles questionam o motivo de elas estarem ali. Essa parece ser a pergunta para a maioria das pessoas, talvez com pequenas diferenças. As respostas eram as mais variadas e apresentando diferentes motivos, mas sempre relacionado às políticas da OMC e suas ações no mundo.

Aos 2min26s, a voz de um narrador afirma que, nos Estados Unidos, o poder político não pertence a um rei, presidente ou qualquer autoridade. Esse poder político pertence às pessoas, como ele se refere “*we the people*”. Nesse sentido, os manifestantes clamavam para si a responsabilidade de tomar decisões que estava nas mãos da OMC naquele momento. Ao usar o “*we*” (nós) para descrever toda aquela massa heterogênea presente nas ruas de Seattle em 1999, o narrador deixa clara a existência de um sentimento de pertencimento a um grupo muito maior. Afinal, são eles (o povo) *vs* os outros (autoridades e grandes corporações).

A partir dos 2min57s, o entrevistador conversa com um homem usando um capuz vermelho (mostra o rosto, mas não aparece nome, ou seja, um anônimo, um cidadão comum), quando esse homem explica que está se dirigindo para um bloqueio, na tentativa de impedir que o encontro da OMC acontecesse. Esse tipo de ação direta foi muito usada, principalmente pelos membros do Direct Action Network e, por fim, foi eficiente, já que de fato impediu que os encontros da OMC acontecessem. Aos 3min35s, já vemos algumas dessas pessoas “acorrentadas” umas as outras para realizar o bloqueio (imagem abaixo). Vale esclarecer que essas pessoas envolvidas nesses bloqueios estavam entre as que mais sofreram com a repressão policial e diversas imagens no decorrer do documentário mostram isso.



Linda Thompson (AFL-CIO) anuncia alegre, aos 19min22s, que eles conseguiram impedir o encontro nesse dia por cerca de 5h. Essa vitória para eles foi resultado das diversas ações que transcorreram ao longo do centro de Seattle no dia 30. Em sequência, o radialista Jim Hightower faz uma crítica à cobertura da mídia, afirmando que vão falar apenas das vitrines quebradas durante os protestos e nunca sobre os males causados pelas grandes corporações.

Nesse dia, de fato, são quebradas as primeiras vitrines no centro de Seattle. Começam nesse dia também as cenas de repressão e confusão envolvendo policiais e manifestantes e esse episódio dedica muitos minutos para esse tipo de ocorrência. Aos 06min07s, a câmera grava um homem usando um gorro preto que cobre praticamente todo o rosto, deixando apenas os olhos a mostra. Esse homem defende a necessidade de encerrar às reuniões ou causar danos financeiros para que a mensagem chegue às corporações. Já vemos claramente aqui a tática Black Bloc se manifestando na fala desse homem, tática que foi largamente usada em Seattle.

É nesse segundo episódio que aparece umas das cenas que mais geram impacto em todo documentário. A partir dos 25min, vemos policiais nas ruas, em suas ações de repressão e usando todo o aparato disponível para tal. Algumas pessoas se refugiam dentro de um escritório e assistem à ação da polícia na rua. Em determinado momento, a imagem capta uma dos policia mexendo na porta do escritório e ouvimos alguns gritos

exasperados. A cena não é clara, não conseguimos ver o que o policial está fazendo, muito menos compreender os gritos, mas a impressão que fica é que ele estava tentando entrar no escritório.

Ainda que também não fique claro, acredito que esse escritório seja o escritório do Indymedia no centro de Seattle, que foi usado também para abrigar outros manifestantes durante as ações de repressão policiais, conforme informação dada no capítulo anterior.

É importante salientar algumas lideranças que surgem durante o episódio. Durante um evento no decorrer do dia, John Sweeney, presidente da AFL-CIO, discursa. No palanque também discursa a Pastora Angela Ying, da Washington Association of Churches, dentre outros nomes. Na plateia, diversos presidentes e dirigentes de outros sindicatos americanos. O que acho importante ressaltar nesse momento é a diversidade e amplitude que tomaram esses protestos, ao conseguir reunir figuras políticas diversas.

A terceira parte do documentário¹⁶⁶ recebe o título de *Occupied Seattle, Dec 01 1999*. Nesse momento, muito eventos e manifestantes já tinham passado pelas ruas de Seattle e a Força Nacional, assim como o presidente Bill Clinton, chegam à Seattle. Algumas reuniões do Encontro Ministerial já tinham sido impedidas e as lojas do centro de Seattle optaram por permanecerem fechadas. O toque de recolher para aquela região havia sido imposto na noite anterior, mas isso não impediu que as ruas de Seattle voltassem a ser tomadas pelos protestos. Devido a todos esses fatores, ao olhar as imagens, a impressão que fica é que realmente Seattle, ou pelo menos o seu centro, havia sido tomada pelos manifestantes, como já havia mencionado em capítulo anterior.

¹⁶⁶ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=dKXaDZ4Dy_I. Acesso em 26 maio 2018.

Aos 03min, vemos um rapaz criticando a forma como o dia anterior tornou-se tão violento. Ele salienta que está com bottons “*non violent protester*” presos na blusa. Ele também está escrevendo números de contatos no braço de uma menina. Ao questioná-la sobre a necessidade daqueles contatos no braço, ela afirma ser por precaução, em caso de emergência ou se ela se separar do grupo. Uma terceira menina no mesmo grupo acusa a OMC de não ser democrática e critica o fato de que um pequeno grupo de pessoas governar todo o mundo.

A violência, a forma como se dá a repressão e a falta de democracia são novamente muito criticadas, ocupando parte do episódio, juntamente com mais imagens da violência e repressão e manifestantes machucados. A partir dos 17min, vemos três pessoas se afastando de um foco de confusão, uma dessas pessoas, uma mulher chamada Mary Reeves, se aproxima da câmera. Ela faz parte do Legal Observers¹⁶⁷ da National Lawyers Guild, e faz severas críticas à ação da polícia. Depois dela, outra advogada e mais dois manifestantes falam das ações descabidas da polícia. Uso de força excessiva, gás de pimenta, bombas de efeito moral, balas de borracha, usadas sem qualquer aviso e em manifestações que vinham como completamente pacíficas e que não fizeram nenhum tipo de provocação contra a polícia. Por exemplo, aos 21min56s, vemos policiais prendendo um grupo de manifestantes sentados no chão, provavelmente em algum bloqueio. Uma menina se emociona, abraça o outro manifestante à sua direita, mas ambos continuam sentados aguardando a prisão. Enquanto a polícia age, ouvimos gritos de que “o mundo inteiro está assistindo” repetidas vezes, uma clara alusão ao fato de que aquelas imagens estão sendo divulgadas mundo afora, muito em parte por causa da cobertura do Indymedia e da internet.

¹⁶⁷ O principal papel do Legal Observers é ser os olhos e ouvidos da equipe jurídica. São eles que observam e gravam incidentes e as atividades das forças da lei contra manifestantes. No caso de Seattle, eles eram afiliados ao sindicato nacional.



A crítica dos manifestantes quanto à violência não vai apenas para a polícia. Aos 09min37s, um homem critica o quebra-quebra causado por alguns, mas ele faz questão de enfatizar que isso não é o principal do movimento. Eles estão ali por direitos, direitos para as crianças, direitos para os trabalhadores etc.

Esse episódio também destaca, pela primeira vez, filipinos. É importante ressaltar esse detalhe pois foram os filipinos, através de um dos seus grupos, que organizaram a People's Assembly, fórum que acabou por reunir diversos representantes de grupos estrangeiros para discutir a OMC e os protestos, buscando se fazer representar. Jay Mendoza, filipino, afirma a partir dos 8min21s que a República das Filipinas, naquele ano, era o país que mais exportava trabalhadores no mundo. O documentário traz alguns dados através de legendas na tela, com uma cena de sangue pingando no chão: estimativas apontavam que cerca de dois mil trabalhadores eram exportados por dia das Filipinas ao passo de que retornavam três corpos de filipinos mortos ao país por dia.

Outra questão trazida pelo episódio é sobre a cobertura da mídia mainstream a partir dos 22min. Como o Indymedia se definiu como a voz do movimento com objetivo de também combater a cobertura da mídia, faz sentido que eles dediquem uma parte à cobertura da mídia corporativa.

Nessa sequência, o documentário traz um telejornal da emissora K5 falando que o centro de Seattle estava “assustador”. Logo uma legenda chama a atenção para o que foi aquilo para as emissoras de televisão. Para elas, os manifestantes que provocaram danos eram denominados como: ativistas, revolucionários anti-OMC, gangues, saqueadores, entre outros, mostrando que nem sempre tinham uma visão otimista sobre o que acontecia em Seattle naquele momento.

O quarto episódio do documentário¹⁶⁸ recebe o título de *Unwilling Captives, Dec 02, 1999* e trata do penúltimo dia dos protestos, quando a atenção de grande parte dos manifestantes em Seattle se volta para os companheiros que haviam sido presos em dias anteriores, como já havia demonstrado em capítulo anterior.

É natural então que esse episódio dedique um tempo para os manifestantes presos e de fato o faz aos 14min18s quando aparece a cadeia King County Jail. As imagens mostram manifestantes protestando na entrada da cadeia e usando megafones para mandar recados para aqueles que estão lá dentro, principalmente os companheiros presos. Uma mulher afirma, no megafone, que eles não vão embora, eles vão ficar e negociar e voltariam todos os dias, caso seja necessário. Essas cenas enfatizam o sentimento de solidariedade entre aqueles que participaram da Batalha de Seattle.

Outro dos destaques desse episódio é o que parece ser uma conferência para a imprensa realizada por autoridades da cidade de Seattle a partir dos 02min. Vemos principalmente um policial, que o documentário não identifica, falando sobre a ação da polícia e, no geral, elogiando a forma como eles trabalharam. Conforme esse policial fala, o documentário vai inserindo mais imagens de repressão e de pessoas que foram agredidas de alguma forma pela polícia nos dias anteriores. Essa forma de ironizar um

¹⁶⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LWja20rOM00&t=928s> e acesso em 27 maio 2018.

discurso oficial já fora usada pelo Indymedia nesse documentário anteriormente, como destacado.

A equipe do Indymedia também parou alguns transeuntes, como vemos aos 04min46s. Essas pessoas, como os primeiros entrevistados no início da parte um do documentário, estimam não parecem saber muito sobre a OMC ou simpatizar com o movimento. Um dos homens questionados fala que as pessoas não vão deixar de usar tênis de uma marca famosa e que ele acredita que as pessoas que fabricam esses tênis tem salários justos. Nesse momento, fica claro uma das razões para os manifestantes irem para as ruas e, inclusive, criar esse documentário: educar as pessoas sobre a OMC e duas políticas.

Um nome, entre outros, de grande destaque que surge nesse episódio é o do advogado, ex-candidato a presidência e ativista Ralph Nader, que também foi fundador do Public Citizen, um dos grupos mais atuantes na coalizão principal. Nader fala que com mais fazendas e produtores bem distribuídos, seria possível alimentar o mundo e dispensar a comida “testada” da Monsanto, grande empresa de agricultura e biotecnologia, que produz, por exemplo, agrotóxicos.

No quinto e último episódio do documentário¹⁶⁹, intitulado *What Democracy Looks Like, Dec 03, 1999*. Nesse dia, autoridades do governo e da OMC vão anunciar a suspensão das atividades relacionadas a OMC em Seattle. Dessa forma, é evidente que esse episódio final vai tratar da vitória dos protestos naquele momento e a retirada da OMC de Seattle.

O episódio novamente traz algumas imagens da mídia corporativa falando sobre a suspensão das reuniões e conseqüente término da Conferência Ministerial de Seattle sem ter avançado em qualquer sentido, com absolutamente nada para mostrar. Aos

¹⁶⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GYyCDE6dbDU&t=173s> e acesso em 28 maio 2018.

02min26s, um homem afirma que o que tinha acontecido naquele dia fora um colapso total no processo de tomada de decisão da alta hierarquia do mundo corporativo. A forma como ele fala dá ênfase nessa questão.

O episódio traz pessoas fazendo balanços gerais do movimento, assim como conclusões que eles gostariam de levar para o futuro. É possível notar que alguns deles usam o passado ao se referir ao movimento, como se o movimento realmente tivesse chegado ao fim no decorrer daquele dia. Uma mulher aparece a primeira vez aos 01min56s e ressurge em outros momentos ao decorrer do episódio, estratégia essa usada já várias vezes nos outros episódios. Mas é o que ela fala a partir dos 12min que eu gostaria de destacar aqui. Ela declara que uma das coisas mais excitantes de ter estado na marcha foi a oportunidade de se conectar com pessoas de todo o mundo pois já que a pessoa está lidando com uma entidade global como a OMC ela tem que ter uma voz global. Com essa fala, o documentário enfatiza o caráter transnacional e global que esse movimento alcançou.

Por fim, a parte final do documentário, a partir dos 15min56s, recebe o título de *Breaking the non-free Media Zone, The Independent Media Center – Seattle*. Ela traz um pouco do funcionamento do Indymedia e seus membros, com destaque aqui para Jeff Perlestein, que também foi entrevistado pelo *WTO History Project* da Universidade de Washington e já foi mencionado em capítulo anterior.

5. O documentário como voz

Tentei, nas páginas anteriores, trazer o máximo de informações para entender como se deu a construção dessa narrativa da Batalha de Seattle feita pelo Indymedia com o documentário. Ao observar as cenas exibidas, levei em consideração as

características que foram levantadas na introdução, que julguei fundamentais para analisar esse movimento, mas outras conclusões também surgem ao analisar o documentário.

Se fazem presentes muitos grupos tradicionais no dissenso americano, como sindicalistas, ambientalistas, grupos de direitos humanos, formando uma nova categoria de movimentos anti-sistêmicos: os movimentos antiglobalização. Foi um movimento contra hegemônico, além de ter apresentado um repertório de ações e métodos bem característico, com ações diretas, não violência, assembleias, bloqueios, teach-ins, teatro de rua, táticas Black Bloc, desobediência civil etc.

Esses diversos grupos nas ruas também mostraram a heterogênea característica que esses movimentos adquiriram, reunindo diversas bandeiras e demandas que, talvez antes, não se misturavam. É fácil visualizar também a adesão de grupos estrangeiros, além do fato de que a Batalha foi assistida e acompanhada globalmente, muito devido à cobertura do Indymedia, facetas essas que indicam a transnacionalidade do movimento.

Quanto à internet, embora a presença do uso dela nem sempre fique clara no dia-a-dia do movimento, nem constem em cenas mostrando as pessoas usando a internet no calor do momento nas ruas em Seattle, dentro do escritório do Indymedia fica evidenciado seu uso para fazer a cobertura e espalhar essa cobertura para o mundo através da rede.

Ainda que não dê conta de todos os aspectos, nem de todos os grupos participantes da Batalha de Seattle, o documentário consegue ser abrangente e convincente o suficiente ao se apresentar como voz da manifestação. Para tal, usa imagens, criadas no calor do momento e com foco nos manifestantes. O que o Indymedia fez foi de grande importância, tirando proveito das novas tecnologias da

época, tanto das câmeras menores quanto da internet. Temos que levar em conta que essas imagens foram divulgadas quase que em tempo real durante a cobertura em 1999, algo só possível devido às facilidades apresentadas pela internet, antes de serem costuradas na narrativa do documentário.

De fato, o documentário é bem-sucedido em criar a sensação de inclusão que mencionei no início do texto. Mesmo com a diversidade dos grupos envolvidos, é evidente como eles são enquadrados na polaridade “nós vs eles”, sendo “nós” os manifestantes e ativistas nas ruas de Seattle e “eles” as autoridades, tanto do governo, como do WTO e, no caso dos conflitos nas ruas, os agentes do poder: polícia e guarda nacional. Isso evidencia a intenção de reforçar um sentido de identidade, ou ao menos de pertencimento a uma comunidade, um sentido de americanidade e de cidadania que extrapolava fisicamente os presentes e que seria reivindicada por uma parcela mais ampla da sociedade, fiel aos princípios constitucionais e ao espírito democrático que fundara a nação. A democracia que o OMC negava, conforme as flechas na famosa faixa gigante indicavam.

Conclusão

1. Dissenso Norte-Americano

Muito foi referido nesse texto ao dissenso norte-americano. Durante muito tempo, a corrente do consenso foi dominante na historiografia dos Estados Unidos, mas muitos pesquisadores começam a revelar, a partir da década de 1960, o dissenso que a historiografia oficial tentou esconder que, por sua vez, acabaria por disputar o “sentido a ser atribuído ao passado e à identidade nacional”¹⁷⁰.

Nesse sentido, os autores estabelecem alguns “eixos temáticos recorrentes em obras que são referência na historiografia do dissenso”¹⁷¹, eixos esses que em grande parte também podem ser identificados e aplicados à Batalha de Seattle em 1999. Alguns desses vão ser reproduzidos aqui, justamente aqueles que foram identificados na Batalha.

O primeiro dos eixos temáticos citados e que teve grande representação em 1999, foi o movimento sindical. Devido às condições de trabalho que os operários urbanos encontravam, estes acabaram por se organizar e buscar ampliação de direitos na relação com os empregadores e com o Estado, não só em termos salariais, mas cobertura jurídica e social, através de greves, protestos e até através do martírio, representados por organizações de trabalhadores, sendo as primeiras a surgir *Noble Order of the Knights of Labor*, a *AFL (American Federation of Labor)* e o *CIO (Congress of Industrial Organizations)*¹⁷². Os autores afirmam que:

¹⁷⁰ AZEVEDO, Cecilia; FARIAS, Rodrigo; NEIVA, Gabriel. *Modernidades alternativas: o confronto de culturas políticas e a tradição de dissenso nos EUA*. IN: *Outras Modernidades, Vol. I: Nustra America e EUA*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. P.13

¹⁷¹ Ibidem nota 170, p.15.

¹⁷² Essas últimas duas que viriam a formar a AFL-CIO, a maioria federação de sindicatos dos Estados Unidos.

“justifica-se pela usual desqualificação do movimento sindical norte-americano, advogando-se que a ética protestante e o ideário do *self-made man* teriam sido a tal ponto assimilados, que quaisquer projetos alternativos, críticos da ordem capitalista, não teriam chegado a mobilizar os trabalhadores norte-americanos.”¹⁷³

Os autores ainda afirmam que essas organizações, no início, tinham uma perspectiva corporativista, mas que ao longo dos anos foram adquirindo outras, como a socialista e anarquista.

Outro grupo que pode ser citado é o de estudantes universitários, que se tornou muito expressivo a partir da década 1960, devido ao bom momento econômico no país, ao *baby boom* e a ampliação do sistema universitário e também foi muito expressivo durante a Batalha de Seattle. Esses movimentos estudantis agiram por diversos motivos: questões raciais, liberdade de expressão, fim da Guerra do Vietnã etc.¹⁷⁴ Os autores explicam que é a partir de então, com novas ideias e sem compromisso com partidos, que formaram uma Nova Esquerda, “uma alternativa política que, em tese, deixaria de lado os dogmatismos e lutas sectárias que haviam consumido a Velha Esquerda dos comunistas e socialistas”¹⁷⁵.

Azevedo, Farias e Neiva também escrevem sobre o surgimento de novos movimentos antissistêmicos a partir de 1960, que tinham como característica se oporem contra a hegemonia dos Estados Unidos. Nesse sentido, os autores citam o movimento ambientalista, outro que teve importante representatividade nas ruas de Seattle, e de

¹⁷³ Ibidem nota 170, p.16.

¹⁷⁴ Ibidem nota 170, p.18.

¹⁷⁵ Ibidem nota 170, p.18.

direitos humanos. Para além desses, são citados os movimentos antiglobalização e, inclusive, como exemplo, surge a Batalha de Seattle de 1999.

Entre tantos eixos levantados pelos autores, esses citados aqui já são suficientes para ilustrar como o dissenso norte-americano esteve presente nas manifestações daquele momento em Seattle. E não se trata apenas dos grupos que estiveram presentes lá, mas também de todo um repertório de ação já tradicional e comum ao dissenso, como já foi demonstrado no decorrer do texto.

O ato de ocupar as ruas, como destacado na Introdução, é uma longa tradição dos Estados Unidos e aconteceu amplamente na Batalha de Seattle. Como visto, foram milhares de pessoas na rua durante os dias de protestos no centro da cidade. Durante esses atos e ações nas ruas, puderam ser identificados atos com democracia direta e consenso, bem como ações de desobediência civil e de ação direta, não-violentas ou não. Essas últimas duas, inclusive, vale lembrar que não são iguais, com cada uma apresentando características próprias, mas em alguns casos podem ser associadas.

A desobediência civil também se manifesta de forma online, como indicado no início da dissertação. É citado o exemplo inclusive, da “ocupação virtual” do site da OMC, quando centenas de ativistas acessaram o site do OMC para que esse, devido ao excesso de acessos, saísse do ar, dentre outros exemplos. É possível identificar, nessas ações, o surgimento dos hoje conhecidos como *cyberactivism* e *hacktivism*, conforme explicado na Introdução.

A historiografia pode ter começado a se dedicar ao dissenso apenas a partir da década de 1960, mas, como os autores já citados revelam, a disputa entre diferentes projetos de modernidade remonta desde a formação da nação e o século XVIII¹⁷⁶. O consenso pode ter dominado por muito tempo, mas o dissenso se fez e se faz presente e,

¹⁷⁶ Ibidem nota 170, p.13.

observando esses aspectos, é clara a presença desse último na Batalha de Seattle, não por serem apenas meros detalhes, mas por como se deu toda a construção e execução dessas manifestações em 1999.

2. Transnacionalismo, Internet e outras questões

Durante a Introdução a essa dissertação, enquanto começava a descrever o movimento, foram escritas as primeiras observações sobre a Batalha de Seattle. Ao longo dessas páginas, informações novas e mais detalhes sobre essas primeiras observações foram surgindo.

Um dos temas que recebem destaque na introdução é a própria internet. Como já citado, a internet mostrou sua força desde o início da organização para a Batalha, até o momento da execução nas ruas. É citada, como exemplo, a lista *StopWTORound*, que compartilhava informações a respeito dos acontecimentos de o início e que foi uma ação puramente on-line. Mas ela também funcionou como apoio para ações off-line, como, no começo do processo de organização, quando ela foi usada para facilitar a comunicação entre todos aqueles atores e grupos que não necessariamente estavam próximos. Durante a execução, foi usada para divulgar informações e relatórios que ajudavam na alocação dos grupos na rua, bem como na divulgação de vídeos e notícias que também circularam o mundo e ajudaram a construir uma nova narrativa do acontecimento para diversos espectadores, muito desses que não estavam próximos também. As barreiras entre ações on-line e off-line sendo muito sutis e, em alguns casos, essas duas modalidades sendo interdependentes e, em outros, uma podendo de sobressair sobre a outra, como explicado na introdução.

A princípio, comparando com o muito mais recente Occupy Wall Street de 2011, achei que a internet tinha sido muito mais presente do que realmente foi. Temos que levar em comparação os anos de distância entre os dois: 2011 e 1999. É evidente que a internet era muito diferente em 1999, apresentando muito mais dificuldades do que em 2011. O alcance era menor, o acesso também era, muitas das ferramentas que existem hoje ainda não existiam ou eram experimentais. Ainda assim, a internet foi o aspecto que moldou a feição do que veio a ser a Batalha de Seattle, principalmente no que diz o alcance da Batalha. A Batalha talvez tivesse acontecido sem a internet? É possível que sim, já que muitos dos atores estavam acostumados a trabalhar sem a internet e ela também foi novidade para muitos deles. No entanto, sem dúvida ela não teria tido o mesmo alcance.

Um dos grandes responsáveis pelo alcance visual da Batalha foi o *Independent Media Center* de Seattle, que também foi um dos grandes usuários da internet. Eles criaram um website, onde divulgavam informações, imagens e vídeos sobre o dia-a-dia da Batalha. Posteriormente, como sabido, eles compilaram tudo em um documentário que funcionou como ferramenta para vocalizar o discurso do movimento.

O alcance do movimento, que extrapolou os limites geográficos dos Estados Unidos, evidencia também o caráter transnacional que o movimento adquiriu. Conforme Azevedo, Farias e Neiva atestam, movimentos como o ambientalista instituem com mais firmeza identidades transnacionais¹⁷⁷, assim como também já tinha sido citado na introdução desse trabalho a importância nesse sentido de determinadas instituições que participaram da Batalha por já possuíam uma estrutura transnacional. Além também da questão imigratória. Essas características, somadas ao uso da internet, favoreceram e facilitaram o aumento do raio de alcance da Batalha de Seattle.

¹⁷⁷ Ibidem nota 170, p. 19

Mas não apenas isso justificaria a faceta transnacional desse movimento. É preciso, então, lembrar o que a OMC representava como reguladora do comércio mundial e como sua legislação poderia sobrepor as legislações soberanas de cada país membro. O documentário do *Independent Media Center* foi conclusivo quando simula uma sala de aula, onde os alunos constataam e estranham esse poder enorme concentrado em um único órgão não democrático. Muitos dos grupos que fizeram parte da Batalha tinham conhecimento desse poder e sabiam da necessidade de educar as pessoas a respeito disso, algo que foi feito durante as manifestações nas ruas de Seattle. Além disso, muitos dos atores que participaram desses grupos também já estavam familiarizados com os novos movimentos antissistêmicos identificados por Wallerstein, os movimentos antiglobalização, e assim já estando cientes de muitas das mudanças que estavam acontecendo nessa década de 1990 e já se preparavam contra elas.

O que aconteceu em Seattle naquele final de década de 1990 foi uma conjunção de todos esses fatores e características que, não por acaso, acabaram por originar esse grande movimento.

3. Afinal, foi primavera?

A Batalha de Seattle conseguiu reunir e exibir durante cinco dias grupos e um repertório de ações e táticas bem tradicionais ao dissenso americano, grupos inclusive muito heterogêneos e com agendas diferentes, apesar de um objetivo em comum naqueles dias. Seattle, apesar dos momentos de violência, apresentou no geral uma atmosfera festiva, com variedade de atividades nas ruas. Os atores ali presentes conseguiram aplicar táticas antigas nas ruas, bem como se aproveitaram das novas

tecnologias, principalmente a Internet, para facilitar a organização e, o mais importante, ampliar o seu alcance.

E, ao final de tudo, mesmo com a violência da polícia, o saldo foi positivo para os manifestantes e eles saíram de Seattle vitoriosos. Ao ler as entrevistas do *WTO History Project*, o sentimento de vitória está presente, bem como a própria mídia *mainstream* e corporativa, ou pelo menos parte dela, entende dessa forma, como indicam notícias da época, que além de ilustrar o fracasso que foram as negociações do Encontro Ministerial da OMC, também mostram como a OMC saiu com a imagem abalada, devido às diversas acusações levantadas pelos manifestantes¹⁷⁸. Dessa forma, os manifestantes conseguiram não apenas interromper as reuniões da OMC daquele ano, como também conseguiram levar sua mensagem à frente, de crítica a OMC, e dessa forma abriram os olhos do globo para essas questões.

Individualmente, as características citadas no primeiro parágrafo desse item não são exclusivas de Seattle e, talvez ao olhar para trás no tempo, a Batalha de Seattle não tenha sido a mais expressiva em cada uma dessas características, mas o que tornou a Batalha naquele fenômeno foi a convergência de todas essas características, e não por acaso, como já citado, afinal foram meses de preparo e organização para os grupos que dali participaram. No fim, e ainda que temporária, veio a vitória para eles.

Mas o que realmente tornou a Batalha de Seattle em uma primavera, no sentido da palavra que vem sendo aplicado hoje, foi justamente o longo alcance atingido, possível somente por eles, os manifestantes, tendo sido capazes de extrapolar as barreiras que eram criadas pela mídia *mainstream* e corporativa. Graças aos esforços de grupos como o Indymedia, os manifestantes conseguiram contar sua história para o mundo, em tempo quase real, algo que suplantou a cobertura negativa da mídia

¹⁷⁸ Ibidem nota 25.

estadunidense naquele momento. Sua mensagem, sua voz correram o mundo e a própria mídia *maistream* teve que recorrer às informações passadas por eles em suas coberturas. Mesmo dez anos depois, com o documentário, essa mensagem seguiu em frente.

Mesmo anos depois, e até recentemente, é possível ver movimentos antissistêmicos com essa e outras características similares às da Batalha, tanto nos Estados Unidos quanto em outros continentes. A Internet, por sua vez, vai se tornar cada vez mais importante para esses mais recentes movimentos.

BIBLIOGRAFIA

ARENDDT, Hannah. Desobediência Civil. IN: _____. **Crises da República**. São Paulo: Perspectiva, 1999

BIMBER, B. The Study of Information Technology and Civic engagement. **Political Communication**, vol. 17, no. 4, 2000, pp. 329–333.

BRECHER, Jeremy. The People Out Of Doors: Change You Can Believe In. **The Nation**, Nova York, 21 out. 2011. Disponível em: < <http://www.thenation.com/article/164116/people-out-doors-change-you-can-believe> >. Acesso em: 14 mai. 2014.

DAVIS, R. Politics Online: Blogs, Chatrooms and Discussion Groups in American Democracy. Nova York: Routledge, 2005.

GEORGE, S. Comment l'OMC Fut Mise en Échec. **Le Monde Diplomatique**, Paris, Jan. 2010. Disponível em : < <http://www.monde-diplomatique.fr/2000/01/GEORGE/2060> >. Acesso em: 01 jul. 2014.

JURIS, Jeffrey S. The New Digital Media and Activist Networking within Anti-Corporate Globalization Movements. **The Anthropology of Globalization**, 2ª edição, Pp. 352-370, 2008.

KIMMELMAN, M. In Protest, the Power of Place. **The New York Times**, Nova York, 15 out. 2011. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2011/10/16/sunday-review/wall-street-protest-shows-power-of-place.html?pagewanted=all> >. Acesso em 14 mai. 2014.

PENNY, Laurie. Cyberactivism From Egypt to Occupy Wall Street. **The Nation**, Nova York, 11 out. 2011. Disponível em: < <http://www.thenation.com/article/163922/cyberactivism-egypt-occupy-wallstreet> >. Acesso em: 20 jun. 2014

SANTOS, Vinícius V. **Occupy Wall Street, da Web as Ruas**. Monografia. Niterói: UFF, 2013.

SMITH, Jackie. Globalizing Resistance: The Battle of Seattle and the Future of Social Movements. **CLS Working Paper**, nº14, Suny Brook, 2001.

SOUSA, Rodrigo Farias de. A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

THE WTO History Project. **University of Washington**, Seattle, Ago. 2001. Disponível em: < <http://depts.washington.edu/wtohist/index.htm> >. Acesso em: 21 set. 2014.

VAN LAER, Jeroen & VAN AELST, Peter. Internet and Social Movement Action Repertoires: Opportunities and Limitations. **Information, Communication & Society**, vol. 13, n.08, Dez. 2010.

YÚDICE, George. A globalização da cultura e a nova sociedade civil. In: ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Política cibercultural. Ativismo político à distância na comunidade imaginada-virtual. In: ALVAREZ, S; DAGNINO, E; ESCOBAR, A. (orgs.) **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

SLATER, David. Repensando as espacialidades dos movimentos sociais. Questões de fronteiras, cultura e política em tempos globais. In: Alvarez, S; Dagnino, E. e Escobar, A. (Orgs.) **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos** , vol.02, n.03, p.3-15, 1989.

FERREIRA, Marieta. História do Tempo Presente: desafios. **Cultura Vozes**, v. 3, p. 111-124, 2000.

FIORUCCI, Rodolfo. Considerações acerca da História do Tempo Presente. **Revista Espaço Acadêmico**, n.125, outubro de 2011.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Para uma História do Tempo presente: o ensaio de nós mesmos. **Revista Catarinense de História**, n.17, p.137-151, 2009.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: **Seduzidos pela memória: arquiteturas, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LEANDRO, Janine Barreira. Comunidade: Uma reflexão a partir de Zygmunt Bauman. In: **Kairós**. Fortaleza: ITEP/ICRE.ano 05.nº01.jan./jun.2008.p.156-162.

MORE Than 2 Billion People Use the Internet, Here's What They're Up To. **The Cultureist**, 09 mai. 2013. Disponível em: <
<http://www.thecultureist.com/2013/05/09/how-many-people-use-the-internet-more-than-2-billion-infographic/>>. Acesso em: 21 set. 2014.

THE World Fact Book. **Central Intelligence Agency**, Washington, 2009. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2153rank.html>. Acesso em: 21 set. 2014.

OMC fracassa em Seattle. **BBC Brasil**, São Paulo, 06 dez. 1999. Disponível em: <
http://www.bbc.co.uk/portuguese/esp_seattle_rodad_03.12.htm >. Acesso em: 21 set. 2014.

INTERNET Growth Statistics. **Internet World Stats**, 12 ago. 2014. Disponível em: <
<http://www.internetworldstats.com/emarketing.htm> >. Acesso em: 21 set. 2014.

WTO Protests in Seattle 1999. **Global Issues**, 18 fev. 2001. Disponível em:<
<http://www.globalissues.org/article/46/wto-protests-in-seattle-1999> >. Acesso em: 21
set. 2014.